



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

***'THE ISLE OF PINES'* (1668), DE HENRY NEVILLE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
[Monografia], apresentado ao Curso de Bacharelado
em Tradução do Centro de Ciência Humanas, Letras
e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Tradução.

Autora: Carla Mary da Silva Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Departamento de Mediações Culturais/ CCHLA/ UFPB

João Pessoa – PB
Julho de 2022
27º mês da pandemia do SARS-COV-2 [COVID-19]

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

O48i Oliveira, Carla Mary da Silva.
The Isle of Pines (1668) de Henry Neville : uma
tradução comentada e anotada / Carla Mary da Silva
Oliveira. - João Pessoa, 2022.
vii + 57 f. : il.

Orientador : Helano Jader Cavalvante Ribeiro.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Literatura Utópica Inglesa - Século XVII. 2.
Robinsonades - Século XVII. 3. Henry Neville
(1620-1694). I. Ribeiro, Helano Jader Cavalvante. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 821.111

CARLA MARY DA SILVA OLIVEIRA

***THE ISLE OF PINES (1668), DE HENRY NEVILLE:
UMA TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA***

Monografia aprovada em _____ / _____ / _____

Média Obtida: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Helano Jader Cavalcante Ribeiro
Departamento de Mediações Culturais – Universidade Federal da Paraíba
(Orientador – Membro da Banca Examinadora)

Profª Dra. Silvia Regina Liebel
Instituto de História – Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Membro da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis
Departamento de Mediações Culturais – Universidade Federal da Paraíba
(Membro da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Berttoni Cláudio Licarião
GELBC – Universidade de Brasília
(Suplente Externo da Banca Examinadora)

Profª Dra. Camila Nathalia de Oliveira Braga
Departamento de Mediações Culturais – Universidade Federal da Paraíba
(Suplente Interno da Banca Examinadora)

*Para Cláudia e Antônio,
amigos nas searas de Clio.*

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória no Curso de Tradução foi entrecortada pelo inesperado advento de uma pandemia, que a todos pegou no contrapé, ceifou vidas e obrigou, de modo inexorável, que fossem feitas readequações em planos e projetos de vida. Até mesmo a vida acadêmica é afetada num momento crítico e peculiar como o que vivenciamos nos últimos dois anos e meio, principalmente quando não se consegue separá-la tão metodicamente da vida pessoal.

Assim, o convívio em sala de aula com colegas e professores foi trocado pelas aulas remotas, o que acabou representando metade de minha vivência no curso. Mas gostaria de agradecer a todos os docentes do DMI nas figuras de Helano, meu orientador e amigo que chegou à Paraíba justamente durante a pandemia, e Roberto, presente na banca de avaliação: a experiência de voltar ao papel de estudante em formação e ter mestres tão competentes e dedicados me fez olhar com outros olhos muito de nossa profissão docente. Aprendi muito com vocês dois e com todos os professores e professoras do Curso, tenham certeza disso, e tenho tentado levar isso para minha vida como professora de História da UFPB.

Também agradeço o estímulo e incentivo dos amigos Cláudia e Antônio, de minha irmã Renata e de meu cunhado Vinícius. Nenhum deles achou que era loucura eu ir fazer o ENEM aos 50, para começar uma segunda graduação em outra área: apenas me apoiaram. Merci.



“Among virtue has its reward, yet everything is shared equally, and all men live in plenty.”

Thomas More, *Utopia*.

“Gardons-nous de retirer à notre science sa part de poésie.”

Marc Bloch.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a primeira tradução comentada para a Língua Portuguesa de *The Isle of Pines, or, A late Discovery of a fourth Island near Terra Australis, Incognita*, panfleto publicado em Londres em 1668, em três edições consecutivas no espaço de um mês, nos dias 27 de junho e 22 e 27 de julho daquele ano, e que representou, ao lado de ser a última obra da literatura utópica inglesa publicada no século XVII, também significar uma crítica satírica à política da Restauração dos Stuart, especialmente na figura de Charles II. Além de hoje ser considerado um texto precursor das *robinsonades* e ter inspirado Daniel Defoe em seu *Robinson Crusoe*, *The Isle of Pines* foi publicado sob autoria fictícia, pois Henry Neville, seu autor, era um republicano e fez parte do Parlamento no período da Revolução Inglesa. Se pretendeu, a partir de um projeto de tradução que visava respeitar a tradição discursiva dos relatos de viagem do século XVII, bem como o universo da literatura utópica da mesma época, aproximar o texto de chegada das narrativas similares existentes em Língua Portuguesa, preservando um estilo de prosódia mais próximo ao praticado no Brasil colonial. Nesse sentido, foi sempre privilegiado o texto de partida e sua equivalência mais próxima no texto de chegada. Como resultado, se apresenta uma tradução de *The Isle of Pines* que certamente não é um texto de chegada do século XVII, mas também não soa como um texto do século XXI, pois procura manter a historicidade de 354 anos do texto de partida.

Palavras Chave: *The Isle of Pines*; Literatura Utópica Inglesa; Século XVII; Tradução Comentada.



ABSTRACT

This graduation monograph aims to present the first *The Isle of Pines, or, A late Discovery of a fourth Island near Terra Australis, Incognita* annotated translation into Portuguese, a pamphlet published in London in 1668, in three consecutive editions in a month, on June 27th, July 22nd and 27th of that year. The text has been seen as the last English utopian literature work published in the 17th century and also a satirical critique of the Stuart Restoration, especially focused in Charles II. Besides today some specialists consider it a precursor of *Robinsonades* and an inspiring source by Daniel Defoe in his *Robinson Crusoe*, *The Isle of Pines* was published under fictitious authorship as its author, Henry Neville, was a Republican and sat in Parliament during the English Revolution. Based on a translation project that aimed to respect the discursive tradition of 17th-century travel reports, as well as the universe of utopian literature from the same period, it was intended to bring the target text closer to similar narratives existing in Portuguese, preserving a style of prosody closest to that practised in colonial Brazil. In this sense, the source text and its closest equivalence in the target text have always been privileged. As a result, the translation of *The Isle of Pines* here presented which is certainly not a 17th-century arrival text, but it does not sound like a 21st-century text either, as it seeks to maintain the 354-year historicity of the source text.

Keywords: *The Isle of Pines*; English Utopian Literature; 17th Century; Commented Translation.



LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 - Frontispício da 3ª edição de <i>Sylva Sylvarum or A Naturall Historie</i> , 1631	7
Fig. 2 - Folha de rosto da 3ª edição de <i>Sylva Sylvarum or A Naturall Historie</i> , 1631	7
Fig. 3 - Folha de rosto do anexo da 3ª edição de <i>Sylva Sylvarum or A Naturall Historie</i> , 1631, contendo o texto de <i>New Atlantis</i>	7
Fig. 4 - Frontispício da 2ª edição de <i>The Man in the Moone</i> , 1657	8
Fig. 5 - Folha de rosto da 2ª edição de <i>The Man in the Moone</i> , 1657	8
Fig. 6 - Folha de rosto da 1ª edição de <i>A Description of the Famous Kingdome of Macaria</i> , 1641	9
Fig. 7 - Folha de rosto da 1ª edição de <i>Novæ Solymæ libri sex, sive, Institutio Christiani</i> , 1648	10
Fig. 8 - Folha de rosto da 1ª edição de <i>The Law of Freedom in a Platform Or, True Magistracy Restored</i> , 1651	11
Fig. 9 - Folha de rosto da 1ª edição de <i>The Commonwealth of Oceana</i> , 1656	12
Fig. 10 - Frontispício e folha de rosto da 2ª edição de <i>The Description of a New World, Called The Blazing-World</i> , 1668	14
Fig. 11 - Frontispício da 3ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , 27 de julho de 1668	16
Fig. 12 - Folha de rosto da 3ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , 27 de julho de 1668	16
Fig. 13 - Folha de rosto de <i>Disputatio Juridica Desumpta ex relatione de insula Pine</i> , 1674	18



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
LISTA DE FIGURAS.....	VII
1. AO MODO DE UM INTROITO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA NO CURSO DE GRADUAÇÃO.....	1
2. <i>THE ISLE OF PINES</i> E A LITERATURA UTÓPICA INGLESA DO SEISCENTOS.....	3
2.1. A publicação de ‘The Isle of Pines’ e o contexto político inglês em 1668.....	4
2.2. ‘The Isle of Pines’ e a literatura utópica inglesa no século XVII.....	6
2.3. Traduções e circulação de ‘The Isle of Pines’ em seu tempo.....	17
2.4. ‘The Isle of Pines’ como uma <i>Robinsonade</i>	19
3. <i>A ILHA DOS PINES</i> (1668), DE HENRY NEVILLE: O TEXTO TRADUZIDO E ANOTADO.....	20
4. AO MODO DE UM ARREMATE: TRADUZIR UM TEXTO FORA DE SEU TEMPO.....	37
REFERÊNCIAS.....	40
Fontes Primárias.....	40
Bibliografia.....	40
Artigos e Capítulos de Coletâneas.....	40
Livros.....	42
Dissertações e Teses.....	43
Obras de referência.....	43
Software.....	43
Web Site.....	43
ANEXOS.....	44
Anexo A – Folha de Rosto da 1ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , de 27 de junho de 1668.....	44
Anexo B – Folha de Rosto da 2ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , de 22 de julho de 1668.....	44
Anexo C – Folha de Rosto da 3ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , de 27 de julho de 1668.....	45
Anexo D – Folha de Rosto da terceira edição holandesa de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	45
Anexo E – Folha de Rosto da primeira edição alemã de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	46
Anexo F – Folha de Rosto da segunda edição alemã de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	46
Anexo G – Folha de Rosto da terceira edição alemã de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	47
Anexo H – Folha de Rosto da segunda edição em francês de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	47
Anexo I – Folha de Rosto da terceira edição em francês de <i>The Isle of Pines</i> , de 1669.....	48
Anexo J – Folha de Rosto da primeira edição italiana de <i>The Isle of Pines</i> , de 1668.....	48
Anexo K – Folha de Rosto da edição portuguesa de <i>The Isle of Pines</i> , de 1761.....	49
Anexo L – Texto, em Inglês atualizado, da 3ª edição de <i>The Isle of Pines</i> , de 27 de julho de 1668.....	50



1. AO MODO DE UM INTROITO: A CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA NO CURSO DE GRADUAÇÃO

A escolha por um tema num Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação não é tarefa fácil. Muitos interesses e oportunidades surgem nas aulas e componentes curriculares ao longo dos diversos períodos letivos, alguns amadurecem, outros fenecem. Uns frutificam de forma paralela, outros são deixados para mais tarde e, como um presente, certos temas aparecem para nos instigar e desafiar, mostrar que é possível fazer algo que ninguém fez ainda.

Talvez esse último caso seja o desta monografia, que é fruto de uma jornada que está para além das aulas que tive no Bacharelado em Tradução da UFPB, pois inclui também minha atuação como docente no Curso de História da mesma instituição, onde leciono História Moderna e ministrei um curso aberto à comunidade interna e externa no formato remoto, sobre Utopias e Distopias, entre junho e agosto de 2020, quando tentávamos nos adaptar ao susto que a pandemia do SARS-COV-2 (COVID-19) ainda causava a todos, e a universidade ofertou seu primeiro período letivo suplementar. Foi naquele momento que conheci o texto de *The Isle of Pines*, em suas versões em inglês¹ e em espanhol² e descobri também que só havia uma versão muito abreviada de seu conteúdo em português, publicada em Lisboa, já na segunda metade do século XVIII³.

Minha intenção inicial no Curso de Tradução não era traduzir *The Isle of Pines* como trabalho final, mas sim um extenso poema de William Blake, intitulado *The Book of Urizen*. Blake também foi tema de minha Tese de Professor Titular⁴, defendida em dezembro de 2020 junto ao Departamento de História da UFPB. No entanto, nesse meio tempo, descobri que já havia publicação brasileira com a tradução desses versos de Blake, o que tirou o caráter de ineditismo de minha proposta inicial como TCC. Desse modo, me voltei à busca de um outro texto que pudesse garantir tanto minha ideia para a monografia, que era trabalhar com a tradução de um material do universo circunscrito à Inglaterra Moderna, e cuja tradução para o português brasileiro ainda fosse inédita. Nesse sentido, *The Isle of Pines* se mostrou uma escolha perfeita, pois além de ser um texto com o qual eu já tinha familiaridade, também dominava seu contexto de produção e circulação, além de estudar e pesquisar, como docente de História Moderna, questões relativas ao discurso utópico inglês dos séculos XVI e XVII e também à produção e circulação de impressos e livros na Europa Moderna.

Ao contrário do que poderia parecer, a fortuna crítica sobre o texto de Henry Neville se mostrou bem profícua, concentrada em artigos científicos publicados nos últimos 30 anos,

¹ BRUCE, 1999a, p. 187-212.

² MARGARIT & MONTES, 2014, p. 71-110.

³ RELAÇÃO, 1761.

⁴ Tese intitulada "William Blake: um barroco tardio na Grã-Bretanha romântica?", defendida por meio de sessão pública, na plataforma Google Meet, em 02 dez. 2020. DOI <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.30044.82564>.

com alguns textos precursores nas décadas de 1920 e 1970. Seus temas tratam desde questões relativas ao discurso político velado⁵, presente nas metáforas do texto de Neville, como também questões de gênero⁶ e comportamento sexual⁷, além de racismo e escravidão⁸. Procurei utilizá-la como suporte para situar o texto de *The Isle of Pines* no contexto em que foi produzido, no meio em que circulou e a que se destinava, por meio do capítulo a seguir, intitulado “*The Isle of Pines* e a Literatura Utópica Inglesa do Seiscentos”, onde também são abordados brevemente os outros sete textos utópicos produzidos na Inglaterra no século XVII e que precederam o panfleto de Henry Neville, a fim de dar ao leitor elementos para compreender melhor o texto com que irá se deparar. Além disso, se faz uma análise do contexto de tradução e circulação de *The Isle of Pines* na Europa, no momento imediatamente posterior à sua publicação na Inglaterra, ainda em 1668, bem como uma breve digressão sobre os apontamentos da obra como uma proto-*robinsonade*.

Dando continuidade ao texto, a terceira parte da monografia é dedicada à tradução anotada de *The Isle of Pines*, onde detalhes das escolhas tradutórias, bem como dados geográficos, históricos ou outros tipos de menções semelhantes são esclarecidos por meio de notas de rodapé.

Por fim, arrematando o trabalho, é feita uma pequena discussão sobre a atuação do tradutor, recorrendo às ideias de Antoine Berman e Lawrence Venuti⁹, e sobre a função inerente de uma tradução comentada, segundo Pascale Sardin¹⁰. De modo geral, a intenção é que esta tradução comentada possa, num futuro bem próximo, ser publicada e contribuir para o crescimento dos estudos dos textos utópicos ingleses do século XVII no Brasil.



⁵ BEACH, 2000; MORAES, 2012; SERRAS, 2019; STILLMAN, 2006.

⁶ HARDY, 2006; SERRAS, 2019.

⁷ MILLS, 2020; RUTKOWSKI, 2003; SERRAS, 2019; WEBER, 1990.

⁸ BAKER, 2013; BOESKY, 1995; COTTI-LOWELL, 2017; HARDY, 1993; HARDY, 2006; MILLS; 2020.

⁹ BERMAN, 1984; VENUTI, 2021.

¹⁰ SARDIN, 2007.

2. THE ISLE OF PINES E A LITERATURA UTÓPICA INGLESA DO SEISCENTOS

O panfleto de Henry Neville (1620-1694) é uma peça literária, política e histórica peculiar e insólita, que conheceu grande sucesso nos séculos XVII e XVIII e depois praticamente caiu no esquecimento, para emergir como obra de grande interesse para as análises acadêmicas no mundo de Língua Inglesa, tanto no campo da Literatura como da História, já no ocaso do século XX¹¹.

O próprio Neville, por sua vez, foi figura singular: nascido no condado de Berkshire, onde se localiza o Castelo de Windsor, foi educado no Merton College, em Oxford, nunca tendo chegado a se graduar, e empreendeu duas viagens à Itália, nas décadas de 1640 e 1660, sendo que na segunda delas criou profundos laços de amizade na corte toscana de Ferdinando II de Medici. Durante a Guerra Civil Inglesa (1642-1645) preferiu manter-se neutro, mas logo após o regicídio de Charles I (1600-1649), foi eleito para o Parlamento. Dois anos depois, em 1651, passou a fazer parte do Conselho de Estado, onde teve importante papel na política externa inglesa, mas seus embates diretos com Oliver Cromwell (1599-1658) fizeram com que se afastasse da cena política por alguns anos¹².

Ao se retirar da vida pública em 1653, Neville passou a se dedicar a uma colaboração literária e filosófica com James Harrington (1611-1677), autor do clássico utópico *The Commonwealth of Oceana* (1656), com quem desenvolveu uma amizade bem próxima¹³, ao ponto de Thomas Hobbes (1588-1679) ter suscitado de sua significativa influência sobre a obra seminal de Harrington¹⁴. Em 1659 voltou ao novo Conselho de Estado, após a morte de Cromwell, para logo cair em desgraça após a Restauração, tendo sido preso em outubro de 1663, acusado de envolvimento na Conspiração de Yorkshire – também conhecida como *The Farnley Wood Plot*. Foi mantido preso na Torre de Londres até maio de 1664, tendo sido libertado sem punição, por não ser considerado perigoso à Coroa. Depois desses eventos, afastou-se da atuação política direta e dedicou o restante de seus dias aos estudos e à escrita. No entanto, sua produção literária dos anos seguintes não ficou isenta de posicionamentos ou críticas políticas, e o panfleto *The Isle of Pines*, publicado em 1668, é uma prova de que

¹¹ Esse interesse pelo texto de Neville se deu principalmente por conta da inclusão do texto de *The Isle of Pines* na coletânea *Three Early Modern Utopias*, organizada por Susan Bruce em 1999 e publicada pela Oxford University Press, que trazia também a *Utopia* de Thomas More e a *New Atlantis* de Francis Bacon (BRUCE, 1999a). A partir de então o panfleto de Neville foi alçado, nos meios acadêmicos britânicos, ao mesmo patamar das obras de More e Bacon, o que lhe rendeu um *boom* de análises e pesquisas dos mais diversos aspectos, culminando com um número especial da revista *Utopian Studies* lançado em 2006 (vol. 17, n. 1), além de uma rica fortuna crítica que pode ser encontrada nos mais variados periódicos científicos nos campos da Literatura e da História desde então. Antes disso, ainda no século XX, uma das poucas referências relevantes à obra de Neville foi edição comentada publicada em 1920 por Worthington Chauncey Ford em Boston, que apesar de analisar detalhadamente a repercussão do panfleto à época de sua publicação no século XVII, permaneceu como uma digressão erudita sem maiores efeitos no meio acadêmico anglófilo das décadas subsequentes (FORD, 1920).

¹² BURNS & GOLDIE, 1994, p. 686.

¹³ MAHLBERG, 2006b, p. 111.

¹⁴ MALTZAHN, 2004.

continuou envolvido nas discussões e embates travados durante o longo reinado de Charles II (1630-1685)¹⁵, iniciado em 1660, quando voltou do exílio na Europa.

2.1. A publicação de *'The Isle of Pines'* e o contexto político inglês em 1668

Como Derrick Moors já afirmou, as explorações marítimas empreendidas ao longo dos séculos XVII e XVIII engendraram três tipos principais de literatura de viagem: os ditos relatos de viagem genuínos, muitas vezes feitos de primeira mão por testemunhas ou a partir de relatos fidedignos; os relatos de viagens imaginárias ou extraordinárias, baseados em mitos muitas vezes de origem clássica ou medieval; e um terceiro grupo de narrativas, feitas por um conjunto de autores que ele chama de “pseudo-viajantes” e cuja intenção poderia até ser enganar seu público¹⁶, mas que segundo alguns outros pesquisadores está mais calcada no interesse ávido por narrativas desse tipo que havia à época entre o público leitor¹⁷.

À primeira vista, *The Isle of Pines* poderia ser enquadrado nessa última categoria, a das “pseudo-viagens”, por mais de um motivo: seu autor verdadeiro se esconde por trás de um pseudônimo, a ilha descrita inexistente, tudo no relato do panfleto se assemelha a uma farsa. No entanto, essa seria uma forma muito rasa de analisar o texto de Henry Neville e o contexto de sua publicação. Há que se deter aqui para o conceito ampliado de *paratexto* de Gérard Genette¹⁸, e agregar as práticas e discursos que, em camadas, se apresentam sob o texto de Neville, como a crítica política à própria época e sociedade de que ele fazia parte, para que de fato se possa compreender de forma mais aproximada seu escopo.

Inicialmente se deve considerar que Neville estava, desde fins da década de 1640, ligado ao republicanismo, e a maneira como descreve os titubeios dos governantes ilhéus de sua ilha imaginária não pode ser entendida ingenuamente. Há ali, do mesmo modo como o fez Thomas More em sua *Utopia* em 1516, com as críticas a Henry VIII, um libelo contra a monarquia inglesa de seu tempo, cristalizada na Restauração e em Charles II. De fato, Neville também estava envolvido, na segunda metade da década de 1660, em discussões político-filosóficas sobre o patriarcalismo britânico e o “espelhamento” do Estado na família como um microcosmo. Como destacou Gaby Mahlberg, o mundo que *The Isle of Pines* tinha como espelho ideal possuía um modelo muito bem definido e estratificado, que do modo como estava posto – e que no entendimento de Neville e seus partidários precisava ser renovado por meio do regime republicano – era criticado no panfleto:

Famílias ou lares eram os blocos de construção elementares da sociedade moderna primitiva e as menores unidades políticas e econômicas, nas quais um pai ou chefe de família exercia autoridade sobre sua esposa, filhos e/ ou servos. A partir disso, todas as outras relações sociais eram regidas por

¹⁵ MAHLBERG, 2006b, p. 111-112.

¹⁶ MOORS, 1988, p. 8.

¹⁷ COTTI-LOVELL, 2017, p. 209.

¹⁸ Ver: GENETTE, 2009, p. 9-20.

hierarquias semelhantes e agências políticas informais de status ou classe social, gênero e idade.¹⁹

O debate à época de Neville se centrava no fato de que esse modelo deveria ser atualizado e que a associação da figura do monarca a um representante da vontade divina era um tipo de amarra simbólica ao desenvolvimento da Inglaterra, do mesmo modo que o conservadorismo do Parlamento, que reforçava os desmandos absolutistas da Coroa²⁰. De forma aparentemente velada e despretensiosa, Neville habilmente construiu um enredo que emulava o mundo utópico sem males que Thomas More introduzira na literatura política inglesa no século anterior, mas o transcendera ao agregar uma passagem de tempo que corrompera a ilha edênica original que os naufragos encontraram, tal qual uma idílica arcádia. Nessa passagem de tempo, fora o governo centralizado e autocrático da linhagem “nobre” descendente de George Pine que colocara o paraíso no rumo da ruína, e enxergar aí um paralelo com a Inglaterra de Charles II não seria algo difícil a um leitor mais perspicaz fazer²¹. Contudo, o enredo do panfleto em si permanecia fiel aos relatos de viagens e descobertas tão comuns do seiscentos e da centúria anterior, e a *persona* criada por Neville para assiná-lo era também personagem da própria história e testemunha ocular de parte dos fatos ali contados. As camadas simbólicas do relato foram costuradas com muita astúcia e perícia a fim de ocultar a verdadeira identidade de seu autor e dar fidedignidade à narrativa.

Há algumas outras questões interessantes ligadas aos aspectos políticos dos bastidores de *The Isle of Pines*. Dan Mills já se referiu ao panfleto como um intrigante contraponto seiscentista à *Utopia* de More²². E realmente, o texto de Neville carrega uma sofisticada linguagem satírica, como o próprio Mills destaca²³, pois segundo ele se o texto traveste como um breve e frívolo enredo utópico para criticar tanto o fracasso da Commonwealth resultante da Guerra Civil Inglesa, como também para admitir o próprio insucesso na implantação do regime republicano na Inglaterra²⁴.

Se alguns autores mais recentes viram o panfleto de Neville simplesmente como uma pornotopia²⁵, também se pode enxergar em suas entrelinhas um contraponto às revelações públicas que circulavam à época de sua publicação, acerca do liberalismo sexual de Charles II e de seu irmão James, que o sucederia no trono em 1685. O paralelo que Neville pretendia construir entre a desintegração da ordem social e sexual patriarcal da corte londrina e aquela dos ilhéus descendentes de George Pine é evidente: do mesmo modo que em sua ilha imaginária, a monarquia inglesa poderia implodir com o questionamento da autoridade

¹⁹ MAHLBERG, 2006b, p. 114. O texto original: “Families or households were the elementary building blocks of early modern society and the smallest political and economic units, in which a father or household head exercised authority over his dependent wife, children and/or servants. Proceeding from that, all other social relations were governed by similar hierarchies and informal political agencies of social status or class, gender, and age”.

²⁰ MAHLBERG, 2006b, p. 116-117; STILLMAN, 2006, p. 147.

²¹ STILLMAN, 2006, p. 148-149.

²² MILLS, 2014, p. 187.

²³ Idem, p. 188.

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ BEACH, 2000, p. 21-23; RUTKOWSKI, 2003, p. 22; WEBER, 1990, p. 197.

patriarcal que o comportamento do seu rei e de seu círculo mais íntimo representavam. A começar pelo anagrama do título (*Pines = penis*), o elemento satírico com os jogos sexuais praticados por Charles II permeia todo o texto de Neville²⁶, assim também como a crítica ao direito divino dos reis e mesmo à escravidão e à estrutura social baseada no trabalho e na posse de terras e bens. Sobre esse aspecto, Gaby Mahlberg afirma:

Como viria a se descobrir mais tarde, o panfleto era uma ‘farsa’ – um hoax literário do republicano inglês Henry Neville, que usou a história para satirizar o regime da Restauração na Inglaterra e os fracassos de sua política externa após a derrota na recente Guerra Anglo-Holandesa (1665-1667). Ao retratar o patriarca governante de uma ilha remota, que preferia seus jogos sexuais com suas mulheres a cuidar de seus assuntos políticos, ridicularizava tanto a moral depravada da corte dos Stuart quanto a teoria política patriarcal usada por Charles II para defender sua autoridade baseada no direito divino.²⁷

Na Ilha dos Pines tudo era provido pela natureza, nada demandava esforço ou sofrimento para sua obtenção, e os problemas surgiram justamente quando os grupos de ilhéus – ou clãs – começaram a disputar entre si territórios e poder. A falta de um sistema de governo que evitasse os desmandos do patriarca e de seus sucessores e promovesse a conciliação dos eventuais conflitos dos clãs evidenciava a fragilidade da centralização do poder e de uma autoridade transmitida pela herança familiar. Nesse sentido, a analogia com o governo da Restauração era bem clara.

2.2. ‘The Isle of Pines’ e a literatura utópica inglesa no século XVII

Por outro lado, o fato de a narrativa de Neville iniciar-se como uma utopia idílica que desmorona à medida que a ganância por poder de seus ilhéus vai se tornando algo insustentável também tornou o texto tanto o último registro da literatura utópica inglesa do século XVII²⁸ bem como possivelmente o marco inaugural das narrativas distópicas naquele idioma²⁹. Além disso, como produto literário, o panfleto de Neville se filia a outra tradição, não menos importante, pois faz parte de um circuito de comunicação do mundo dos impressos na Idade Moderna estudado profundamente pelo historiador Robert Darnton desde a década de 1980, e debatido em vários de seus textos:

²⁶ WEBER, 1990, p. 202-203.

²⁷ MAHLBERG, 2012, p. 1. O texto original: “As would later emerge, the pamphlet was a ‘sham’ – a literary hoax by the English republican Henry Neville, who used the story to satirize the Restoration regime in England and the failures of its foreign policy after the defeat in the recent Anglo-Dutch War (1665-1667). By depicting the patriarchal ruler of a remote island who preferred sexual relations with women to looking after his political affairs, it ridiculed both the depraved morals of the Stuart court and the patriarchal political theory used by Charles II to defend his authority by divine right”.

²⁸ O conjunto de textos utópicos ingleses do século XVII é formado por oito obras: *New Atlantis* (1626), de Sir Francis Bacon (1561-1626); *The Man in the Moone* (1638), de Francis Godwin (1562-1633); *A Description of the Famous Kingdome of Macaria* (1641), creditado por seus coetâneos a Samuel Hartlib (c. 1600-1662), mas cuja autoria atualmente é atribuída a Gabriel Plattes (c. 1600-1644); *Novæ Solymæ, sive Institutio Christiani* (1648), atribuído a Samuel Gott (1614-1671); *The Law of Freedom in a Platform Or, True Magistracy Restored* (1652), de Gerrard Winstanley (1609-1676); *The Commonwealth of Oceana* (1656), de James Harrington (1611-1677); *The Description of a New World, Called The Blazing-World* (1666), de Margaret Cavendish (1623-1673); e *The Isle of Pines* (1668), de Henry Neville.

²⁹ MILLS, 2020, p. 208.

Ele pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos [...].³⁰

Nesse sentido, o microcosmo da ilha idílica/ caótica do panfleto utópico/ distópico de Neville, que num primeiro momento se apresenta como um paraíso e vai se trasmudando num inferno ingovernável, só pode ser compreendido plenamente se tomado em perspectiva a partir tanto desse circuito de comunicação do contexto político que o engendrou, de que já tratei anteriormente, mas também de outro circuito, mais amplo, que abrangia a tradição da literatura utópica inglesa do próprio século XVII.



Fig. 1 – Frontispício da 3ª edição de *Sylva Sylvarum or A Naturall Historie*, 1631, com retrato de Sir Francis Bacon. Duke University Libraries, Durham, EUA.

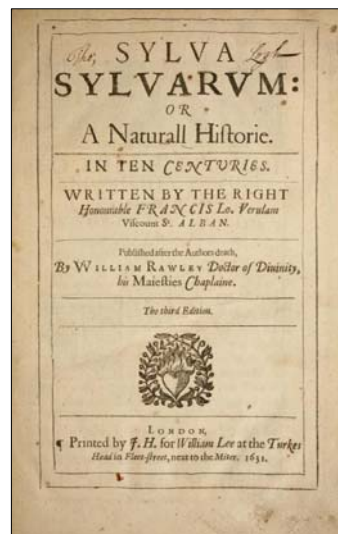


Fig. 2 – Folha de rosto da 3ª edição de *Sylva Sylvarum or A Naturall Historie*, 1631. Duke University Libraries, Durham, EUA

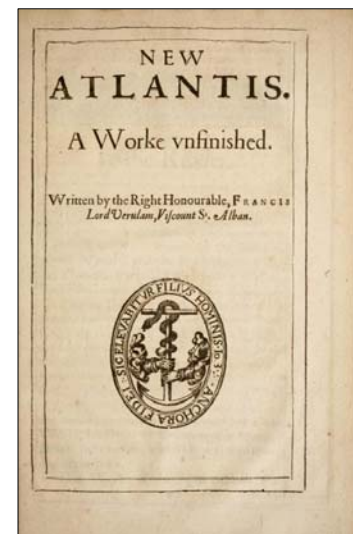


Fig. 3 – Folha de rosto do anexo da 3ª edição de *Sylva Sylvarum or A Naturall Historie*, 1631, contendo o texto de *New Atlantis, A Worke vnfinished*. Duke University Libraries, Durham, EUA

New Atlantis, por exemplo, foi publicado postumamente, de forma incompleta, em 1626, como um anexo a uma outra obra mais extensa de História Natural, *Sylva Sylvarum or A Naturall Historie*. Nesse texto utópico inacabado, Sir Francis Bacon (1561-1626) apresentava sua visão para o futuro das descobertas e do conhecimento humano, mostrando seus desejos mais íntimos para a evolução da humanidade. O texto retratava a criação de uma terra utópica onde generosidade, iluminação, dignidade, esplendor, piedade e espírito público eram as qualidades comuns dos habitantes da mítica Bensalém. O plano e a organização de sua instituição de ensino ideal, a Casa de Salomão, por exemplo, antevia o modelo de universidade que temos hoje, com campos de pesquisa em ciências aplicadas e

³⁰ DARNTON, 2010, p. 193.

puras³¹ e, inclusive, um grupo de médicos e filósofos naturais se baseou nela para criar a Royal Society, a academia de ciências inglesa, sob os auspícios de Charles II, em 1660. A influência do texto de Bacon sobre outros autores do seiscentos e do setecentos é inequívoca, e sua concepção sobre o método científico em grande parte continua a nos influenciar até a contemporaneidade.

*The Man in the Moone*³², do bispo anglicano Francis Godwin, que escrevera o texto em seus anos de formação religiosa na Christ Church em Oxford, narra uma viagem de descoberta utópica ao nosso satélite, feita por um aventureiro espanhol, citando explicitamente ideias de Nicolau Copérnico (1473-1543) e, de forma mais velada, também de Johannes Kepler (1571-1630) e William Gilbert (1544?-1603). Do mesmo modo que Kepler, Godwin propunha que as manchas escuras na face da Lua seriam mares, utilizando a estratégia de misturar ao enredo de sua obra argumentos do mundo real a fim de lhe conceder verossimilhança, tal como procedera Thomas More em sua *Utopia*³³.

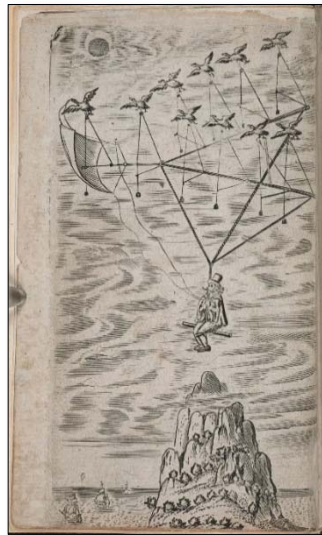


Fig. 4 – Frontispício da 2ª edição de *The Man in the Moone*, 1657. The British Library, Londres, Reino Unido.

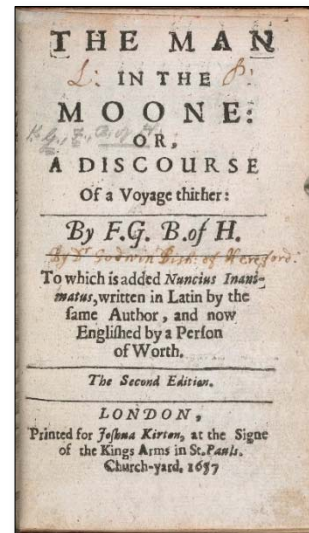


Fig. 5 – Folha de rosto da 2ª edição de *The Man in the Moone*, 1657. The British Library, Londres, Reino Unido.

Dentro da mesma tradição da ficção utópica, o panfleto *A Description of the Famous Kingdome of Macaria* foi publicado em 1641, pelo livreiro e impressor londrino Francis Constable (1592-1647), e logo atribuído a Samuel Hartlib (c.1600-1662) – um polímata de origem alemã estabelecido na Inglaterra – pois no ano anterior ele havia enviado ao Parlamento seus planos utópicos envolvendo uma nova Commonwealth e o avanço da Instrução, inspirado pela obra de Francis Bacon. Contudo, desde a década de 1970 essa atribuição vem sendo questionada, e atualmente se acredita que o texto tenha sido escrito por

³¹ Para uma versão com o texto com grafia atualizada de *New Atlantis*, ver: BRUCE, 1999a, p. 149-186.

³² Há uma reedição com texto completo de 1849 no Google Books, baseada num exemplar do início do século XVII existente na Bodleian Library, de Oxford, disponível para download no link: <https://books.google.com.br/books?id=N24JAAAAQAAJ>.

³³ HUTTON, 2005; CREESY, 2006, p. 961-982.

Gabriel Plattes (c.1600-1644)³⁴, amigo pessoal de Hartlib, com quem partilhava os mesmos ideais. Segundo Amy Boesky, seu conteúdo tinha um endereço bem específico, pois visava atacar explicitamente o Parlamento³⁵. Apresentado na forma de um diálogo, a referência à obra de Thomas More é inequívoca, já que Macaria é uma ilha mencionada em *Utopia*, e também há uma grande influência do texto de *New Atlantis* de Francis Bacon pela relevância dada ao conhecimento e à ciência no reino que toma o nome que, na mitologia grega, pertencia tanto à filha³⁶ de Hades, o deus da guerra, como também à filha³⁷ do semideus Hércules. Segundo Hugh Trevor-Roper, seu texto seria uma importante formulação das ambições políticas finais de Hartlib e de seus seguidores, especialmente do calvinista escocês John Dury (1596-1680), na forma de uma sociedade cristã reformada e um estado de bem-estar social amplo, abrangendo questões de desenvolvimento econômico, tributação e instrução³⁸, conteúdo que também estaria, em grande parte, já esboçado no panfleto *England's Safety, in Trades Encrease*, de Henry Robinson (c.1605-1673), surgido um pouco antes no mesmo ano³⁹.

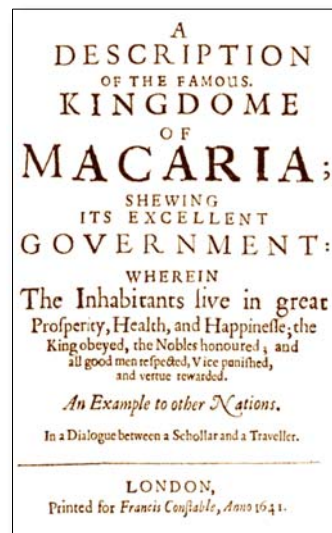


Fig. 6 – Folha de rosto da 1ª edição de *A Description of the Famous Kingdome of Macaria*, 1641. The British Library, Londres, Reino Unido.

Por sua vez, *Novæ Solymæ libri sex, sive, Institutio Christiani – Os Seis Livros da Nova Jerusalém, ou da Instituição Cristã* – foi publicado anonimamente em 1648⁴⁰, e se trata de obra mais longa, escrita em latim, assim como a *Utopia*, e chegou a ser atribuída, já em começos do século XX, ao poeta John Milton (1608-1674). Parece ter tido certa repercussão imediatamente após sua primeira impressão, tanto que logo no ano seguinte teve

³⁴ WEBSTER, 1972, p. 37.

³⁵ BOESKY, 1996, p. 91.

³⁶ A filha de Hades seria a deusa da boa morte, nascida de uma união forçada entre ele e Perséfone, a deusa das flores, ervas, frutos e perfumes. Essa Macária seria neta de Zeus pelo lado materno.

³⁷ A filha de Hércules com Dejanira seria neta de Zeus por parte de pai, e teria se sacrificado por uma das vitórias dos atenienses na Guerra do Peloponeso. Por conta disso, há uma fonte com seu nome nas proximidades de Maratona.

³⁸ TREVOR-ROPER, 2012, p. 231-234.

³⁹ ZALLER, 2004.

⁴⁰ Um exemplar da 1ª edição, pertencente à Bayerische Staatsbibliothek – até 1919, Bibliotheca Regia Monacensis – está digitalizado e disponível para *download* em formato PDF no acervo do portal Google Books, por meio do link: <https://books.google.com.br/books?id=odRcAAAACAAJ>.

uma segunda edição⁴¹. A questão da atribuição a Milton, feita pelo latinista Walter Begley (1845-1905) ao traduzir o texto para o inglês e publicá-lo em 1902⁴², suscitou um acalorado debate acadêmico que só se encerrou em 1910, já depois de sua morte, com a descoberta de dois catálogos de livros seiscentistas em que um parlamentar puritano, Samuel Gott (1614-1671), figurava como autor da obra⁴³. A longa narrativa de quase 400 páginas segue o modelo de literatura utópica consagrado por More e Bacon: dois viajantes ingleses oriundos de Cambridge, acompanhados de Joseph, um dos nativos mais distintos que regressava à sua terra natal, chegam a Nova Solyma, e segue-se então a descrição daquela sociedade, formada por judeus conversos à cristandade, organizada de forma perfeita em todos os aspectos: Estado, comércio, forças produtivas, religião, estrutura social, estrutura familiar, instituições acadêmicas, tudo funciona de forma a garantir uma vida comunitária harmoniosa, em que se primava pelo respeito e manutenção da fé e instrução de seus cidadãos.

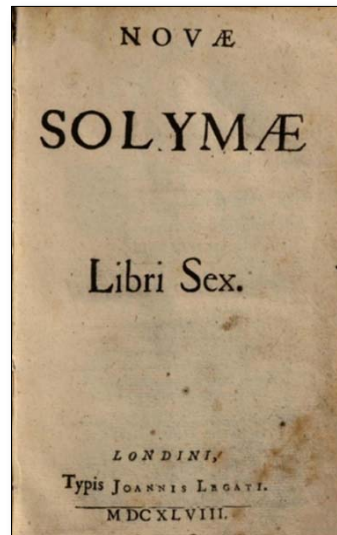


Fig. 7 – Folha de rosto da 1ª edição de *Novæ Solymæ libri sex, sive, Institutio Christiani*, 1648. Bayerische Staatsbibliothek, Munique, Alemanha.

Publicado em 1652, *The Law of Freedom in a Platform Or, True Magistracy Restored*⁴⁴ é um panfleto dividido em seis capítulos, escrito e impresso no ano anterior por Gerrard Winstanley (c. 1609-1676), que o dedicou a Oliver Cromwell. Winstanley liderava um grupo de agricultores religiosos conhecidos como Diggers, atuante entre 1649 e 1650, que cultivavam terras comunitárias na região de Surrey e imediações, até serem dispersados pelas forças estatais. Entre suas principais crenças estava a concepção de que as terras cultiváveis deviam ser distribuídas para os mais pobres. Esse ideário “protocomunista” constituiu a base do argumento de *The Law of Freedom*, onde Winstanley propunha que, a partir de uma

⁴¹ BALDO, 2019, p. 22-25.

⁴² Essa tradução do latim para o inglês foi publicada em dois volumes, o primeiro contendo os três primeiros livros, e o segundo, os três últimos. No portal Archive.org há cópias digitalizadas dessa edição de 1902, em diversos formatos, disponíveis para *download* nos seguintes links: <https://archive.org/details/novasolymaidealco1miltuoft/> (volume 1) e <https://archive.org/details/novasolymaidealco2milt/> (volume 2).

⁴³ BALDO, 2019, p. 28.

⁴⁴ Há uma edição *online* com o texto integral da obra transcrito e atualizado, disponível na plataforma WikiSource, por meio do link: https://en.wikisource.org/wiki/The_Law_of_Freedom_in_a_Platform.

sociedade construída numa base cristã, seria possível se abolir tanto a propriedade privada quanto os salários. Como John Gurney destaca, “grande parte do texto foi ocupada com descrições utópicas do complexo sistema de posse de cargos, educação e recompensas e punições que seriam exigidas em uma sociedade da qual a propriedade privada, a compra e venda e a religião organizada deixassem de existir”⁴⁵. Isso se devia ao fato de Winstanley ter convicção de que a Guerra Civil Inglesa havia sido travada contra o rei, os grandes proprietários de terras, os advogados e todos os que comerciavam, sendo eles os inimigos dos despossuídos e dos trabalhadores pobres. Além disso, Winstanley também era contrário aos sacerdotes anglicanos, cuja pregação sobre o céu e o inferno desviava os homens de afirmarem seus direitos na Terra, além de atuarem como um instrumento de domínio das classes mais abastadas sobre as mais pobres. Por fim, ele defendia a tolerância religiosa universal e também a substituição dos sermões religiosos por palestras sobre as ciências naturais e a constituição inglesa, num laicismo que se acredita, hoje, ter recebido forte influência baconiana⁴⁶.

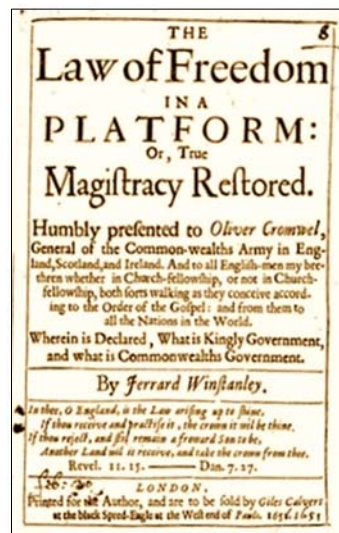


Fig. 8 – Folha de rosto da 1ª edição de *The Law of Freedom in a Platform Or, True Magistracy Restored*, 1651 [sic]. The British Library, Londres, Reino Unido.

The Commonwealth of Oceana, publicado em 1656, mais do que se constituir como uma narrativa utópica, é antes de tudo um tratado de filosofia política do ensaísta James Harrington (1611-1677), e pode ser sinteticamente definido como uma tentativa de reafirmar a teoria aristotélica sobre a estabilidade constitucional e a revolução. Com pouco mais de 200 páginas, a obra quase não foi publicada, pois seus originais chegaram a ser confiscados da oficina tipográfica por Oliver Cromwell, que apesar do republicanismo de Harrington via nele uma ameaça por sua longa amizade com Charles I – tanto que ordenara a prisão de Harrington logo após a execução do monarca, por um curto período – além de obviamente se

⁴⁵ GURNEY, 2012, p. 48. O texto original: “Much of the text was taken up with utopian descriptions of the complex system of office holding, education and rewards and punishments that would be required in a society from which private property, buying and selling and organized religion had departed”.

⁴⁶ MORAES, 2017, p. 192-193.

sentir ofendido pelas críticas veladas ao modelo de governo implantado após a Guerra Civil, sob seu Protetorado⁴⁷. Os principais argumentos de *The Commonwealth of Oceana* giram em torno da ideia de que há uma ligação direta entre a independência e a liberdade dos cidadãos. Como um forte defensor do preceito de que as relações de propriedade formam a base do poder político, Harrington argumentava que a independência dos cidadãos dependia essencialmente da posse de uma quantidade de terras suficiente para seu sustento, além de sua defesa por meio das próprias armas. A tirania ou os abusos de poder, assim como a concentração de bens e riquezas seriam evitados por um governo baseado no equilíbrio e numa base legal sólida, e não nos indivíduos⁴⁸. Em outras palavras, o texto de Harrington se configura muito mais como um tratado do que seria uma constituição ideal, destinada a permitir a existência de uma república utópica, do que a narrativa acerca de uma terra imaginária.

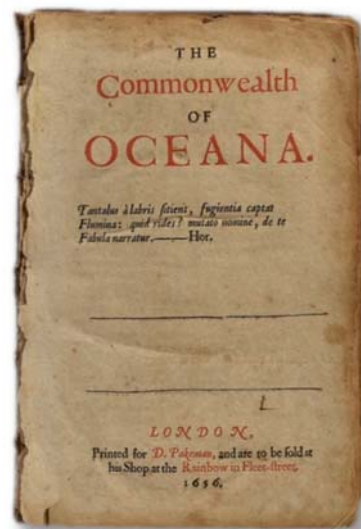


Fig. 9 – Folha de rosto da 1ª edição de *The Commonwealth of Oceana*, 1656. Furness Collection, Rare Books and Manuscripts, Kislak Center for Special Collections, University of Pennsylvania Libraries, Filadélfia, Pennsylvania, EUA.

*The Description of a New World, Called The Blazing-World*⁴⁹ (1666), de Margaret Cavendish (1623-1673), se destaca no conjunto de textos utópicos ingleses do seiscentos por uma série de motivos. Obviamente o primeiro deles é o mais evidente, o de ter sido escrito por uma mulher, algo muitíssimo incomum à época e que só se explica pelo fato de Cavendish ser uma nobre, que tivera acesso a uma educação esmerada e, além disso, se casara com alguém que a apoiava e garantia os meios necessários ao financiamento de suas iniciativas intelectuais⁵⁰. A fim de dirimir as possíveis resistências da corte às iniciativas literárias da esposa, como destaca Anne Thell, William Cavendish, o Primeiro Duque de Newcastle, abre o livro de Margaret com um soneto, celebrando seus dons criativos e comparando-os aos eventos do mundo real, ou seja, às navegações de Colombo e sua chegada

⁴⁷ POCOCK, 1977, p. 8-9.

⁴⁸ SILVA, 2015, p. 75.

⁴⁹ Há uma edição *online* com o texto integral da obra transcrito e atualizado, disponível na plataforma digital da University of Pennsylvania Libraries, por meio do link: <https://digital.library.upenn.edu/women/newcastle/blazing/blazing.html>.

⁵⁰ THELL, 2008, p. 442-443.

à América, um novo mundo que já existia, enquanto que o da narrativa daquele livro era algo saído da imaginação da Duquesa⁵¹. Após esse introito há uma Carta ao Leitor, em que Margaret Cavendish explica que a obra de ficção foi escrita como um apêndice ao seu *Observations upon Experimental Philosophy*, e que seu texto se divide em três partes, sendo a primeira romântica, a segunda filosófica e a terceira um exercício de fantasia. O enredo romântico narra a saga de uma jovem que é sequestrada e, de modo inesperado, se torna a Imperatriz do Mundo Flamejante (o *Blazing World* do título). Na sequência, a parte filosófica apresenta o conhecimento existente no Mundo Flamejante e o interesse pessoal da jovem Imperatriz pela Filosofia e pelas Ciências Naturais, mostrando suas discussões sobre esses temas com cientistas, estudiosos e filósofos de seu império. Na última parte, o Mundo Flamejante sofre uma invasão e a Imperatriz assume um papel militar à frente de suas tropas navais, momento em que seu império é descrito como uma terra utópica. A obra se encerra com um Epílogo, em que Cavendish enumera suas razões para escrever o livro, comparando sua criação às conquistas de Alexandre e Júlio César: uma narrativa em que uma jovem chega a um outro mundo por meio do polo, torna-se a imperatriz de uma sociedade composta por várias espécies de animais falantes e organiza a resistência a uma invasão, com submarinos rebocados por homens-peixe, bólidos de fogo sendo lançados por homens-pássaro, tudo sendo por ela estrategicamente arquitetado para confundir os inimigos de seu império, o Reino de Esfi. Como Emily Fransee salienta, não se deve esquecer que a personificação de Margaret Cavendish “através da personagem da Imperatriz, para conquistar e exercer poder em seu reino imaginário – este ‘Novo Mundo’ todo seu – parece uma resposta às limitações do mundo real que ela encontrou como mulher no século XVII, se bem que específicas para o mundo privilegiado de uma duquesa”⁵². Além disso, como foi recentemente apontado por Carlotta Cossutta, o texto de Cavendish já mostrava, em pleno século XVII, que “mais do que ser uma verdade objetiva, o conhecimento científico tem uma agenda política definida e é a expressão de um ponto de vista particular”⁵³. Fruto de um profeminismo literário, *The Blazing-World* também se diferencia como um texto que antecipa a ficção científica amalgamada à narrativa utópica, e esses elementos o colocam, assim como *The Isle of Pines*, em um patamar singular dentro desse conjunto de obras da literatura utópica inglesa do século XVII.

⁵¹ Idem, p. 443.

⁵² FRANSEE, 2018. O texto original: “Her drive, through the character of the Empress, to conquer and exert power in her imaginary realm – this ‘New World’ all of her own – seems a response to real-world limitations she encountered as a woman in the seventeenth century, albeit ones specific to the privileged world of a Duchess”.

⁵³ COSSUTTA, 2020, p. 105. O texto original: “The Blazing World shows that, rather than scientific knowledge being objective truth, it has a definite political agenda, and it is the expression of a particular point of view”.

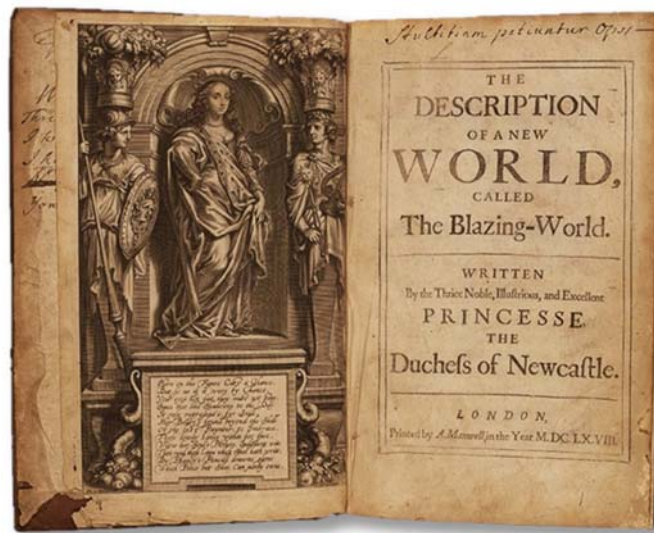


Fig. 10 – Frontispício com retrato alegórico de Margaret Cavendish e folha de rosto da 2ª edição de *The Description of a New World, Called The Blazing-World*, 1668. Folger Shakespeare Library, Washington D. C., EUA.

Emulando uma arcádia idílica, *The Isle of Pines* (1668), de Henry Neville (1620-1694), utiliza diversos subterfúgios literários de seu tempo para agradar ao público leitor e também transmitir, nas entrelinhas, o discurso e as críticas políticas que interessavam a seu autor. Além de se valer da matriz utópica, iniciada por Thomas More no século anterior, ainda apresentava o enredo por meio de uma moldura epistolar, ou seja, antes mesmo de ser publicado, o panfleto teria sido a troca de correspondência entre pessoas “reais” e que, por seu conteúdo ímpar, fora trazido à público por meio de sua publicação: um marinheiro holandês em viagem à Índia, ao ter sua embarcação desviada da rota por uma tempestade, vai dar em uma ilha desconhecida no Oceano Índico, habitada pelos descendentes de um naufrágio inglês ocorrido cerca de 80 anos antes. O enredo explorava a saga desses naufragos, o jovem George Pine, guarda-livros que viajava a serviço de um senhor que se deslocava com a família para instalar uma feitoria inglesa na costa da Índia. Após o naufrágio, apenas Pine, a filha do senhor, duas de suas servas brancas e uma escrava negra sobreviveram e começaram a desbravar a ilha, que produzia comida de forma abundante, com pouco ou nenhum esforço, e logo os cinco sobreviventes passaram a desfrutar de uma existência de lazer, envolvendo-se em atividades sexuais abertas que, conseqüentemente, levaram ao povoamento daquelas terras por seus descendentes.

O leitor, contudo, é apresentado ao enredo pelo marinheiro holandês que fazia parte da tripulação que chegou à ilha já cerca de 80 anos depois do naufrágio, conhecendo a terceira geração de descendentes de George Pine. A estratégia literária utilizada por Neville, portanto, foi a da *in media res*, em que o personagem/ narrador já iniciou a história em meio à ação, já que foi um dos bisnetos do naufrágio quem recebeu o navio holandês e narrou a saga de seus antepassados aos visitantes, lhes entregando um relato de algumas páginas escrito por seu bisavô. Em apenas três gerações os habitantes daquela ilha esquecida, longe de tudo, haviam

perdido todo o conhecimento acumulado pela pujante Inglaterra, sendo incapazes até de afiar o único machado que possuíam, e isso espantara em muito os viajantes holandeses.

A narrativa presente no panfleto possui diversas camadas de significados, já apontadas em rica fortuna crítica nos últimos trinta anos pelo menos. As referências à lascívia associada à personagem negra, assim como a desobediência às regras e descaso para com a Bíblia de seus descendentes já foi interpretada como uma associação intencional, por parte de Neville, à Cam, o filho proscrito de Noé, do mesmo modo que o naufrago George Pine seria a própria personificação do patriarca bíblico, ao povoar a ilha com sua descendência⁵⁴. Como já foi apontado por Amy Boesky, para “George Pine, a ilha era um lugar de posse de corpos, tanto sexual quanto politicamente”⁵⁵, e é esse tipo de controle que Neville parecia criticar, posto que se baseava na autoridade patriarcal⁵⁶.

Não se deve esquecer, também, que as implicações quanto à representação da sexualidade da mulher negra escravizada no panfleto são ainda mais contundentes para se entender o pensamento sobre o tema no século XVII. Ibram X. Kendi destaca a esse respeito:

The Isle of Pines foi um dos primeiros retratos nas letras britânicas sobre a agressiva hipersexualidade feminina africana. Tais retratos serviram tanto para exonerar os homens brancos de seus estupros desumanos quanto para mascarar sua atração carnal pelas supostas mulheres feras.⁵⁷

Já foi dito que Neville de fato amalgamou na figura de Philippa – a naufraga negra escravizada – suas concepções políticas e raciais, ilustrando como “os ideais republicanos se entrelaçavam com uma lógica racial excludente”⁵⁸. Ao contrário das outras mulheres, brancas, Philippa não tinha sobrenome, o que numa sociedade colonial, a deixaria também sem direito a registrar suas demandas e agir como indivíduo: um escravizado era ninguém, uma mulher escravizada, menos ainda. A esse respeito, a condição subalterna feminina no mundo colonial, Gayatri C. Spivak já afirmou: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”⁵⁹.

Outro aspecto interessante a se atentar é, por exemplo, o contraste entre a estrutura de governo da sociedade estabelecida na ilha descrita em *The Isle of Pines* e aquele presente em outros textos utópicos ingleses do seiscentos, a começar por *New Atlantis*. Em Bensalem, a cidade perfeita de Francis Bacon, a sociedade ali estabelecida procura exercer o controle sobre a natureza por meio da ciência e dos indivíduos através do poder político e científico centralizado na Casa de Salomão, enquanto os descendentes de George Pine regridem a uma

⁵⁴ BOESKY, 1995, p. 165-166.

⁵⁵ BOESKY, 2000, p. 150. O texto original: “For George Pine, the island is a place of possessing bodies, both sexually and politically”.

⁵⁶ Idem, p. 151.

⁵⁷ KENDI, 2016, p. 47. O texto original: “*The Isle of Pines* was one of the first portrayals in British letters of aggressive hypersexual African femininity. Such portrayals served both to exonerate White men of their inhuman rapes and to mask their human attractions to the supposed beast-like women”.

⁵⁸ WILLIAMSON, 2014, p. 1. O texto original: “[...] *The Isle of Pines* links politics and race through the figure of Philippa and illustrates how republican ideals become intertwined with an exclusionary racial logic”.

⁵⁹ SPIVAK, 2010, p. 67.

comunidade tribal praticamente pré-histórica, onde abandonam o conhecimento e a técnica se entregando aos prazeres sexuais⁶⁰, e na qual as disputas pelo poder entre os “clãs” levam à sua própria destruição⁶¹. Em *The Commonwealth of Oceana*, por outro lado, há a projeção de uma república utópica baseada fortemente num conjunto de leis constitucionais e num Estado igualitário, algo muito diverso daquilo encontrado pelo narrador de *The Isle of Pines*, onde o poder era centralizado e transferido patrilinearmente dentro da linhagem considerada mais “nobre” pelos ilhéus, a dos Englishes, aqueles nascidos de George Pine e da filha de seu antigo senhor, Sarah English. Para Helvio Moraes⁶², é justamente desses princípios patriarcais que essa organização de poder trata, e que na visão de Neville tinha como consequências morais a corrupção, a desordem e a depravação, advindas de uma série de ações que levavam a anormalidades e, como desdobramento inevitável, ao caos que se instaurou na ilha à época da chegada dos viajantes holandeses – uma alegoria do que poderia acontecer ao reinado de Charles II.

Até mesmo o frontispício presente na versão mais completa do panfleto, em sua terceira edição, datada de 27 de julho de 1668, se trata de uma alegoria crítica ao período da Restauração. A embarcação que aparece naufragando no primeiro quadro, por exemplo, deveria trazer as armas de Elizabeth I, mas na verdade traz as de Charles II, e isso seria uma referência direta à derrota inglesa frente aos Países Baixos na Segunda Guerra Anglo-Holandesa (1665-1667)⁶³. Além disso, o último quadro do frontispício mostra os marinheiros holandeses chegando à ilha, depois de uma tempestade, são e salvos, demonstrando a inépcia dos ingleses para navegar naquelas águas e comerciar com as Índias Orientais⁶⁴.



Fig. 11 – Frontispício da 3ª edição de *The Isle of Pines*, 27 de julho de 1668, com cenas da saga dos naufrágios ingleses, seus descendentes e a chegada de seus descobridores holandeses. Bodleian Library, Oxford, Reino Unido.

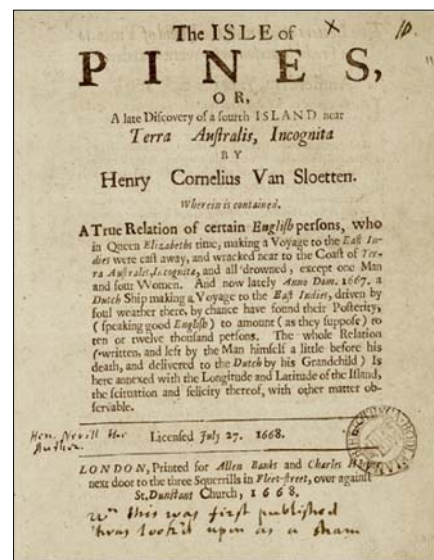


Fig. 12 – Folha de rosto da 3ª edição de *The Isle of Pines*, 27 de julho de 1668. Bodleian Library, Oxford, Reino Unido.

⁶⁰ LIEBEL, 2021, p. 19.

⁶¹ MILLS, 2020, p. 219.

⁶² MORAES, 2012, p. 83.

⁶³ BAKER, 2013, p. 123.

⁶⁴ Idem, p. 124.

2.3. Traduções e circulação de *'The Isle of Pines'* em seu tempo

Embora tenha ficado por séculos esquecido, *The Isle of Pines* teve, tal como Gaby Mahlberg já destacou em mais de um de seus textos, uma intrincada e complexa trajetória editorial logo após seu aparecimento e nas décadas imediatamente seguintes⁶⁵. Além disso, não se pode desconsiderar que, segundo Roger Chartier, o universo dos impressos e de sua produção, circulação e recepção na Europa dos séculos XVI e XVII também envolvia uma gama de fatores bem extensa:

As migrações dos textos implicam intervenções, competências e decisões de inúmeros atores: dos escribas que passam a limpo os manuscritos dos autores; dos censores que dão sua aprovação ou introduzem as correções que julgam necessárias; dos tradutores que interpretam os textos mobilizando os repertórios lexicais e estéticos disponíveis; dos editores, impressores ou livreiros, que decidem publicá-los; dos corretores, que estabelecem o texto destinado à impressão; ou ainda dos tipógrafos, cujos hábitos e preferências, constrangimentos e erros contribuem, também eles, para a materialidade do texto. Em certos casos, a cadeia das intervenções que conferem formas e sentidos às obras não se limita à publicação das páginas impressas.⁶⁶

Nesse sentido, o texto de Henry Neville serve muito bem como um exemplo típico dessa realidade apontada por Chartier. Antes mesmo de que sua versão definitiva, a terceira, aquela supostamente impressa em 27 de julho de 1668 circulasse, a primeira, que viera a lume em Londres exatamente um mês antes e era mais abreviada, por conter apenas o relato de George Pine, já estava sendo vertida para o holandês e o francês e sendo publicada por impressores nos Países Baixos⁶⁷ (ver Anexos “D” e “H”). Dessas duas versões derivaram a primeira versão italiana e algumas das alemãs (ver Anexos “E” e “J”). Gaby Mahlberg registra ao menos treze diferentes edições alemãs publicadas ainda em 1668, originadas tanto do texto em inglês como de diferentes versões em holandês⁶⁸, o que segundo ela aponta o grande interesse nas terras germânicas pelo panfleto, que inclusive teve versões publicadas também em gazetas, como o *Nordischer Mercurius* de Hamburgo – pertencente ao jornalista Georg Greflinger (1620-1677) – em suas edições de 17, 21 e 25 de julho de 1668⁶⁹. Quase simultaneamente, a *Amsterdam Gazette*, que circulava em francês, publicava uma versão reduzida do panfleto em sua edição de 09 de julho de 1668⁷⁰.

Apenas em 1668 há o registro de ao menos 26 edições diferentes de *The Isle of Pines* fora da Inglaterra, em diferentes idiomas⁷¹. Todas essas versões circularam em apenas seis meses, considerando-se que a primeira versão do panfleto saiu em Londres no final de junho daquele ano. Seu texto foi imediatamente vertido – a partir de sua primeira, segunda ou

⁶⁵ MAHLBERG, 2006a, p. 93; MAHLBERG, 2012, p. 1-6; MAHLBERG, 2020, p. 259-260.

⁶⁶ CHARTIER, 2020, p. 7.

⁶⁷ MAHLBERG, 2006a, p. 93-94.

⁶⁸ MAHLBERG, 2012, p. 18-19.

⁶⁹ Idem, p. 11.

⁷⁰ Idem, p. 8.

⁷¹ Idem, p. 17-19.

terceira edição original – para o holandês, o francês, o alemão, o italiano e o dinamarquês⁷², mas continuou a ser traduzido no continente ao menos até o início da segunda metade do século XVIII, quando saiu, em Lisboa, sua versão portuguesa, a partir de uma de suas traduções do francês (ver Anexo “K”).

Essa profusão de versões do texto de Neville sendo publicadas em tão pouco tempo coloca, nos mesmos termos propostos por Roger Chartier, uma questão muito pertinente a se pensar a seu respeito: “[...] não seria preciso considerar que uma tradução revela muito mais a identidade daquele que a produz e da sociedade a que se destina do que a literalidade do texto que ela transpõe de uma língua a outra?”⁷³. Em outros termos, portanto, cabe pensar *The Isle of Pines* também para além de seu contexto inicial de produção, já que ele extrapola a cena política inglesa em que foi engendrado, chegando a um universo de circulação e recepção em que não só foi visto como notícia fidedigna de uma descoberta marítima, sendo veiculado em gazetas periódicas em mais de uma cidade⁷⁴, além de ter motivado uma tese defendida em Bremen por Friedrich Wolpmann (1651-1719) em 1674, tratando das bases jurídicas acerca da posse da ilha e sobre a poligamia “praticada” por George Pine⁷⁵.

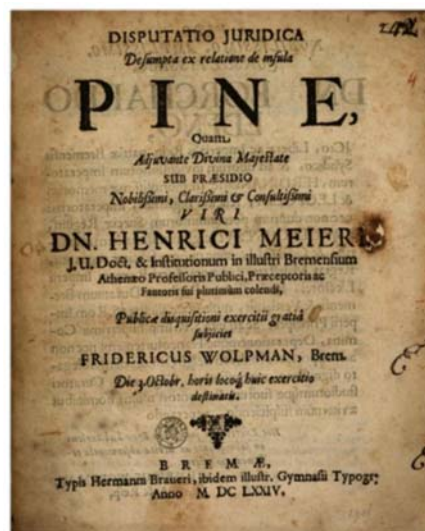


Fig. 13 – Folha de rosto de *Disputatio Juridica Desumpta ex relatione de insula Pine*, 1674. Universiteitsbibliotheek, Universiteit Gent, Ghent, Bélgica.

Um elemento interessante a considerar acerca dessas inúmeras versões de *The Isle of Pines* é que o anonimato de Neville se mantém em todas elas, e a *persona* criada por ele e que assina o panfleto, o marinheiro holandês Henry Cornelius Van Sloetten, que em alguns casos chegou a ser visto como um indivíduo real, assim como o “náufrago” George Pine, que “escreve” o relato de seu “infortúnio”, publicado sem outros adendos explicativos na 1ª edição inglesa, dependendo do caso vão aparecer ou não como autores do panfleto em suas

⁷² Idem, *ibidem*.

⁷³ CHARTIER, 2020, p. 111.

⁷⁴ Além das gazetas de Amsterdã e Hamburgo já citadas, também há registro de publicação da versão reduzida do panfleto, apenas com o “relato” de George Pine, no *Den Danske Mercurius*, em Copenhague, ainda em julho de 1668, e no *Europäische Montags Zeitung*, em Hannover, no final daquele mesmo ano (MAHLBERG, 2012, p. 18-19).

⁷⁵ MAHLBERG, 2012, p. 14.

traduções. De fato, mesmo tratando-se de um *hoax*, de ter em suas camadas de significado uma intenção de sátira política⁷⁶, ao deixar seu meio inicial de circulação e que era o objeto principal da crítica política de Neville, o texto, ao ser vertido e adaptado a outros idiomas, passar pela mão de tradutores, copistas, impressores e editores de diferentes culturas, adquiriu outros sentidos e passou a alimentar o interesse de um público leitor ávido por histórias sobre terras distantes e inóspitas⁷⁷.

2.4. *'The Isle of Pines' como uma Robinsonade*

Apesar de o conceito literário de *robinsonade* derivar do romance *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (1660-1731), *The Isle of Pines* ainda possui a peculiaridade de, após seu renascimento para os estudos acadêmicos já no século XX, ter passado a ser visto como o texto que, de fato, inaugurou o gênero na Literatura Inglesa e, mais ainda, teria inspirado boa parte dos elementos presentes na narrativa de Defoe, já no século XVIII⁷⁸.

Mas cabe também destacar que o recurso narrativo à ilha como *topos* num enredo é algo que não foi uma inovação de Neville. Está presente na cultura ocidental desde a Antiguidade, e apenas na Literatura Inglesa seiscentista já se pode citar nada menos do que *The Tempest* (1611), de William Shakespeare (1564-1616), como um grande marco a ser considerado. No entanto, *The Isle of Pines* já traz os elementos narrativos que, mais tarde, seriam identificados como característicos das *robinsonades*: a partida; a viagem; a chegada à ilha; o isolamento; e a salvação do protagonista⁷⁹ – ou no caso do texto de Neville, a descoberta de seus descendentes. Além disso, ao descrever detalhadamente e de forma realística no “relato” de George Pine as condições em que foram salvos os itens do naufrágio, como o jovem inglês e as quatro mulheres conseguiram se alimentar a partir dos animais e frutos da ilha e também como conseguiram se instalar em um terreno seguro e construir um abrigo, Neville estabeleceu um tipo de roteiro que seria seguido não apenas por Defoe, mas também por quase todas as outras *robinsonades*⁸⁰. Só essa particularidade, bem como a estrutura narrativa central de seu panfleto, já garantiriam a Neville a condição de *avant la lettre* no gênero das *robinsonades*, sendo interessante aqui atentar-se para o fato que muito provavelmente, considerando sua atuação política e as alegorias presentes no texto, não fosse essa sua principal intenção ao escrever *The Isle of Pines*.



⁷⁶ COTTI-LOWELL, 2017, p. 211-212.

⁷⁷ Idem, p. 209.

⁷⁸ HILL, 1987, p. 390; MOORS, 1988, p. 9; BEACH, 2000, p. 33; DUPEYRON-LAFAY, 2020, p. 17.

⁷⁹ PERALDO, 2020, p. 4.

⁸⁰ RACAULT, 2003, p. 124; DUPEYRON-LAFAY, 2020, p. 23.

3. A ILHA DOS PINES (1668), DE HENRY NEVILLE: O TEXTO TRADUZIDO E ANOTADO

A ILHA dos PINES⁸¹,

OU,

A Descoberta recente de uma quarta ILHA próxima à

*Terra Australis, Incognita*⁸²

POR

Henry Cornelius Van Sloetten⁸³.

Em que está contida.

Uma Verdadeira Relação de certas pessoas Inglesas, que no tempo da rainha *Elizabeth*, fazendo uma viagem para as Índias Orientais naufragaram e afundaram próximo à costa da *Terra Australis, Incognita*, e todos se afogaram, exceto um homem e quatro mulheres. E agora, neste último *Anno Dom.*⁸⁴ 1667, um Navio Holandês fazendo uma Viagem para as *Índias Orientais*, até lá conduzido por mau tempo, por acaso descobriu sua Descendência (falando bom *Inglês*), ascendendo (como eles supõem) a dez ou doze mil pessoas. Toda a Relação (escrita e deixada pelo próprio Homem um pouco antes de sua morte, e entregue ao *Holandês* por seu Neto) está aqui anexada com a Longitude e Latitude da Ilha, a situação e felicidade da mesma, com outros assuntos observáveis.

Licenciado em 27 de julho de 1668.

LONDRES, Impresso para *Allen Banks* e *Charles Harper*⁸⁵
ao lado dos três *Esquilos*⁸⁶ na rua Fleet, em frente
à Igreja de São Dunstan, 1668.

⁸¹ Há uma grande discussão instalada sobre o título do panfleto de Neville desde sua publicação em 1668. *Pines* pode ser lido, em inglês, como um anagrama de pênis, assim como o verbo *pine*, no uso corrente da época (segunda metade do século XVII), que tinha o sentido de “perder a vitalidade ou vigor”, bem como de “definhar de desejo”. Já como substantivo, o termo *pine* também era usado, nos textos puritanos, como sinônimo de “castigo” ou “sofrimento”, especialmente aquele que se padecia no Inferno. Por fim, a polissemia do termo remete à ingenuidade do pinheiro, tomado como patronímico do jovem marinheiro náufrago que fundou a descendência da ilha, dando ao texto um título aceitável e dúbio ao remetê-lo ao plural (*Pines*). Há que se lembrar também de toda a simbologia do pinheiro desde os primeiros tempos da Reforma luterana na Alemanha, que se espalhou para o restante da Europa cristã nos séculos seguintes, como símbolo da vida, por ser uma das poucas árvores que mantém o viço mesmo nos meses frios, passando a ser associada a robustez, vigor e honestidade e, por extensão, às festividades de nascimento e júbilo em meio à adversidade do inverno, no Natal europeu. Por estes motivos, creio que não cabe uma tradução do título por “Ilha dos Pinheiros”, a fim de se preservar tanto o patronímico quanto a dubiedade de sentidos pretendida por Neville. Para ver as discussões sobre o título do panfleto de modo mais aprofundado, ler: BRUCE, 1999a, p. 189 (primeira nota); MAHLBERG, 2006c, p. 133-142; MARGARIT, 2014, p. 23-54; SERRAS, 2019, p. 71-87.

⁸² A expressão latina, que pode ser traduzida literalmente por “Terra Austral Desconhecida”, não se referia à Austrália, continente ainda desconhecido pelos europeus na segunda metade do século XVII, mas sim à porção de terra que se imaginava existir ao sul do Atlântico, do Índico e do Pacífico, que aparece representada de forma exagerada em diversos mapas executados por cartógrafos ocidentais desde fins do século XV até meados do século XVIII. Em 1676 o escritor francês Gabriel de Foigny (1630-1692) publicou o romance utópico *La Terre Australe Connue: C'est-à-dire, la description de ce pays inconnu jusqu'ici et de ses mœurs & etc.*, remetendo a essa mesma porção de terra ainda não descoberta.

⁸³ A autoria do panfleto é fictícia. Henry Neville (1619-1694) utilizou o nome de um marinheiro holandês imaginário para se proteger, por suas convicções políticas, devido às críticas ao governo de Charles II. A atribuição de autoria do panfleto a Neville foi feita por Anthony Wood (1632-1695), antiquário e biógrafo estabelecido em Oxford, que anotou “Hen. Nevill the Author” à margem de sua cópia do panfleto que hoje pertence à Bodleian Library (MAHLBERG, 2006c, p. 133, p. 141). Há também várias conotações ambíguas possíveis para o nome do autor fictício, tanto no que se refere ao inglês como ao holandês, já que *Cornelius* é um prenome de origem latina com raízes na palavra “cornus”, *chifre* (AZEVEDO, 1955, p. 50; PORTO EDITORA, 2012, p. 118), um símbolo associado em toda a Europa de influência celta ao deus pagão Cernunos. Já *Sloetten* também pode ser uma corruptela fonética inglesa livre do holandês antigo “slutt”, o mesmo que *prostituta*, ou “sluts”, *inconstante, instável, folgado*. Disponível em: <https://ivdnt.org/>. Acesso em 20 mar. 2022.

⁸⁴ A expressão latina *Anno Dom.* pode ser traduzida por “ano do Senhor de”, mas como seu uso também era corrente nos textos portugueses do século XVII, optei por mantê-la na presente tradução.

⁸⁵ Ao contrário de Neville, que pôde manter o anonimato e atribuir seu panfleto ao fictício Van Sloetten, os impressores Allen Banks e Charles Harper estavam obrigados, por força das leis de licenciamento de publicação vigentes na Inglaterra à época, a informar seus nomes e seu endereço comercial em qualquer obra que saísse de seus prelos ou que mandassem imprimir (HARDY, 2006, p. 100).

⁸⁶ Desde 1650, na altura do nº 19 da Fleet Street, próximo à atual Temple Church, em Londres, há uma placa suspensa sobre a calçada, com o desenho de três esquilos, que inicialmente servia de marca ao negócio do ourives e banqueiro Henry Pinckney, e que ao menos desde 1743 passou a servir como marca ao Goslings Bank. Essa instituição, por sua vez, foi incorporada ao grupo de outras vinte financeiras menores que foram adquiridas pelo Barclay and Company, atual Barclays Bank, em 1896, que continua até hoje a utilizar os esquilos na fachada. A citação aos três esquilos aparece em diversas publicações britânicas, inclusive em romances, desde o século XVII, como uma referência geográfica, numa área que concentrava inúmeras tipografias desde o seiscentos (MATTHEWS & TUKE, 1926, p. 79-102; THORNBURY, 1878a, p. 32-53). Imagens da versão atual da placa disponíveis em: <https://br.pinterest.com/pin/406168460117597025/> e https://en.wikipedia.org/wiki/Goslings_Bank. Acesso em: 17 mar. 2022.

**Duas Cartas Sobre a Ilha dos Pines⁸⁷
para uma pessoa confiável em Covent Garden**

Amsterdã, 29 de junho de 1668.

Está escrito pelo último correio de *Rochelle*⁸⁸ para um mercador nesta cidade, que havia chegado um navio *Francês*, o *Master and Company*, que relata que cerca de duzentas ou trezentas léguas a noroeste do *Cabo Finis Terre*⁸⁹, eles deram com uma Ilha, onde desembarcaram e encontraram cerca de 2.000 *Inglese*s sem roupa, apenas algumas pequenas coberturas no meio, e que lhes contaram que em sua primeira vinda a esta ilha (que foi no tempo da rainha *Elizabeth*) eram apenas cinco em número, homens e mulheres, desembarcados na praia por aflição ou de outra forma, e lá permaneceram desde então, sem ter qualquer correspondência com qualquer outro povo, ou qualquer navio chegado a eles. Esta história parece muito fabulosa, mas a carta chegou a um mercador conhecido e de uma boa mão na França, de modo que achei adequado mencioná-la. Pode ser que haja algum erro no número das léguas, como também no ponto exato da bússola, do *Cabo Finis Terre*; Devo averiguar mais especificamente sobre isso. Alguns *Inglese*s aqui supõem que pode ser a Ilha de *Brasile*⁹⁰, que tem sido tão procurada, a sudoeste da Irlanda: se for verdade, ouviremos mais sobre isso.

Seu amigo e irmão,

Abraham Keek.

Amsterdã, 6 de julho de 1668.

Diz-se que o navio que descobriu a Ilha de que lhe indiquei na minha última carta partiu de *Rochelle* em seu caminho para a *Zelândia*⁹¹: várias pessoas aqui escreveram para perguntar sobre a referida Nau, para saber a verdade deste negócio. Prometeram-me uma cópia da carta que veio da *França*, avisando a descoberta da referida Ilha, mas ainda não chegou às minhas mãos; quando vier, ou chegar qualquer outra notícia sobre esta Ilha, irei informá-lo.

Seu amigo e irmão,

A. Keek.

⁸⁷ Aqui Neville faz uma brincadeira ao endereçar as duas cartas a uma pessoa “confiável” em Covent Garden, uma área de Londres que, à sua época, possuía um mercado e diversas tabernas, teatros, cafés e bordéis, ou seja, os tipos de ambientes em que ninguém esperaria encontrar alguém em que se pudesse confiar (THORNBURY, 1878b, p. 238-286).

⁸⁸ Cidade portuária francesa de La Rochelle, importante centro de distribuição comercial do território francês para o Atlântico e de entrada de mercadorias de rotas de longa distância para o continente europeu durante a Idade Moderna, além de ser o local onde ocorreram as revoltas huguenotes entre 1621 e 1628.

⁸⁹ Parece que aqui deliberadamente Neville utiliza um topônimo que ocorre em vários locais da Europa para causar confusão em sua narrativa e provocar incerteza quanto ao local a que se refere, já que nenhum deles parece ser o narrado no texto: há um cabo Finisterra na Galícia, ao norte da península Ibérica, nomeado desse modo desde a ocupação romana; toda uma região na Bretanha francesa se chama Finistère; um promontório litorâneo na Itália, ao sul de Bari, possui um santuário dedicado a Santa Maria de Finibus Terrae, assim como há uma basílica medieval à beira-mar, dedicada a Notre-Dame-de-la-fin-des-Terres, em Soulac-sur-Mer, alguns quilômetros ao sul de La Rochelle, na desembocadura do estuário da Gironda. Para mais informações a esse respeito, ver: BAKER, 2011, p. 130-131.

⁹⁰ A Ilha Brasil, Ilha do Brazil, Ilha de São Brandão, Brasil de São Brandão ou ainda Hy Brazil era uma terra mítica: fazia parte das ilhas afortunadas ou perdidas localizadas no Atlântico Norte, a oeste da Irlanda, e estava ligada às tradições orais medievais de São Brandão. Uma de suas características mágicas era ser migratória e ela está representada na cartografia europeia desde o século XIV, tendo continuado a figurar em mapas ocidentais ao menos até o início do século XVIII (ECO, 2013b, p. 154-157).

⁹¹ Depois de 1585 Zeeland tornou-se uma das sete províncias independentes dos Países Baixos, região que entre os séculos XVI e XVII tornou-se palco das revoltas contra o domínio da Coroa Espanhola.

A ILHA DOS PINES

Descoberta perto da costa da *Terra Australis Incognita* por Henry Cornelius Van Sloetten, em uma carta a um amigo em Londres declarando a verdade de sua viagem às Índias Orientais⁹².

Senhor,

Recebi sua segunda carta, na qual deseja que eu lhe forneça um relato adicional sobre a Terra dos *Pines*, para a qual fomos levados pelo mau tempo no verão passado. Também examinei o livro impresso sobre esse tema que me enviou, cuja cópia foi sub-repticiamente tirada de minhas mãos, do contrário poderia ter lhe dado um relato mais completo sobre em que ocasião lá chegamos, de como fomos entretidos, com algumas outras circunstâncias dignas de nota, em que pese que esta relação é incompleta. Para satisfazer, portanto, seus desejos, lhe darei breve, mas completamente, um relato particular disso, com uma cópia fiel da própria relação, desejando sua paciência com minhas frases toscas, como sendo mais de um marinheiro do que de um erudito.

26 de abril de 1667. Zarpamos de Amsterdã com destino às Índias Orientais; nosso navio tinha o mesmo nome de onde vínhamos: o *Amsterdam* levava 350 toneladas de carga. E tendo um bom vento forte, no dia 27 de maio seguinte avistamos o alto pico de *Tenerife* pertencente às Canárias. Tocamos na Ilha da *Palma*, mas, tendo tentado duas vezes, e vendo os ventos contrários, seguimos nosso curso pelas Ilhas de *Cabo Verde*, ou *Insulae Capitis Veridis*⁹³, onde em *Santiago* tomamos água doce, com algumas poucas cabras e galinhas, com as quais essa ilha está coberta em abundância.

14 de junho. Avistamos *Madagascar*, ou a Ilha de *São Lourenço*, uma ilha de 4.000 milhas segundo a bússola, e situada abaixo do Trópico do Sul⁹⁴. Para lá dirigimos nosso curso, e traficamos com os habitantes por facas, contas, vidros e afins, havendo trocado por cravos de cheiro e prata. Partindo dali, fomos surpreendidos por uma violenta tempestade, e os ventos contrários por quinze dias nos trouxeram de volta quase até a *Ilha do Príncipe*⁹⁵; durante os quais muitos de nossos homens adoeceram e alguns morreram, mas ao fim desse tempo, agradou a Deus que o vento nos favorecesse novamente, e seguimos nosso curso alegremente pelo espaço de dez dias, quando de repente fomos encontrados por uma tempestade tão violenta como se todos os quatro ventos juntos tivessem conspirado para nossa destruição, de modo que o espírito mais forte dentre todos nós se acovardou, esperando a cada hora ser devorado por aquele elemento impiedoso, a água. Dezesesseis dias seguidos

⁹² A expressão “Índias Orientais” refere-se, usualmente, ao território sob domínio holandês a partir de começos do século XVII, especialmente a partir da criação da Vereenigde Oost-Indische Compagnie – VOC (Companhia Unida das Índias Orientais) em 1602, e que abrangia todo o território da atual Indonésia. Tendo surgido como reação à formação da Company of Merchants of London Trading to the East Indies (Companhia Britânica das Índias Orientais), de 1600, acirrou as disputas pela riqueza advinda da exploração do comércio de especiarias na região, o que nas décadas seguintes levou à deflagração das Guerras Anglo-Holandesas dos séculos XVII e XVIII (1652/1654; 1665/1667; 1672/1674; 1780/1784).

⁹³ Arquipélago, localizado entre 600 e 850 km da costa noroeste da África, na altura do atual Senegal, colonizado pelos portugueses desde 1460 e que se constituía como um de seus principais portos na rota da Carreira das Índias. Os holandeses, após tomarem o assentamento luso na ilha costeira de Goreia, próxima a Dakar, entraram no negócio do comércio de escravizados e passaram a disputar a região com os portugueses e com os ingleses, que haviam se estabelecido um pouco mais ao sul na costa, em Cacheu, hoje pertencente à Guiné-Bissau. O fato de Neville citar a região no início de seu relato e também misturar holandeses, ingleses e portugueses parece servir para dar credibilidade à sua narrativa, haja vista a íntima disputa de espaços coloniais que existia desde a passagem do século XV para o XVI entre os três grupos, principalmente pela costa africana, na rota entre o Atlântico sul e o Índico.

⁹⁴ Trópico de Capricórnio.

⁹⁵ A Ilha do Príncipe é a segunda em tamanho dentre as ilhas do arquipélago de São Tomé e Príncipe, situado no Golfo da Guiné, ao sul da atual Nigéria. Descoberta pelos portugueses em 1471, tornou-se porto fundamental na rota portuguesa da Carreira das Índias e no comércio de escravizados entre a América portuguesa e a costa africana e, por isso mesmo, foi foco de constante disputa dos lusos com os holandeses no século XVII e com os ingleses no século XVIII.

essa tempestade continuou, embora não com tanta violência como no início, o clima estando tão escuro o tempo todo e o mar tão agitado que não sabíamos em que lugar estávamos. Por fim, de repente, o vento cessou e o ar clareou, as nuvens se dispersaram e seguiu-se um céu muito sereno, pelo qual agradecemos calorosamente ao Todo-Poderoso, pois estava além de nossa expectativa que púdessemos escapar da violência daquela tormenta.

Então um de nossos homens, subindo no mastro principal, avistou fogo, um sinal evidente de alguma terra próxima que, logo depois, se mostrou à nossa descoberta. Dela se aproximando nosso curso, vimos várias pessoas correndo promiscuamente pela costa, enquanto se falavam entre si e admiravam o que viam. Estando agora perto da terra, mandamos nossa chalupa com dez pessoas que, aproximando-se da costa, perguntaram-lhes em nossa língua Holandesa: “Wat Eylant is dit?”⁹⁶ Para o que eles responderam em Inglês: “que eles não entendiam o que dissemos”. Um dos de nossa companhia, chamado Jeremiah Hanzen, que entendia Inglês muito bem, ouvindo suas palavras falou a eles em sua própria língua, de modo que fomos muito gentilmente convidados a desembarcar, muitos deles reunindo-se ao nosso redor, admirando as roupas que vestimos, assim como nós, do outro lado, fizemos por encontrar em um lugar tão estranho tantos que podiam falar inglês e ainda andar nus.

Quatro de nossos homens voltaram na chalupa para o nosso navio e lá com muita dificuldade puderam fazê-los acreditar na verdade do que tinham visto e ouvido, mas quando trouxemos o navio para o porto – terias te abençoado ao ver como os ilhéus nus se reuniram em torno de nós: tão maravilhados com nosso navio como se fosse o maior milagre da natureza no mundo inteiro.

Fomos muito cortesmente recebidos, nos ofereceram a comida que aquele país proporcionava, o que de fato não podia ser desprezado: comemos da carne tanto de bestas quanto de aves (que eles haviam preparado delicadamente, embora não tenhamos sentido grande curiosidade pela falta de recursos para o preparo); e para fazer de pão, tínhamos o interior ou o caroço de uma grande noz do tamanho de uma maçã⁹⁷, que era muito saudável e forte para o corpo e tinha um sabor muito delicioso ao paladar.

Depois de nos refrescarmos, eles nos convidaram para o palácio de seu príncipe ou governante chefe, a cerca de duas milhas⁹⁸ de distância do local onde desembarcamos, que descobrimos ser tão grande quanto uma de nossas casas comuns de vilarejo. Era sustentado por toscos pedaços de madeira não lavrada, e coberto muito artificialmente com galhos, para impedir a entrada das maiores pancadas de chuva. As laterais eram adornadas com vários tipos de flores que os campos perfumados produzem em grande variedade. O próprio príncipe (cujo nome era William Pine, neto de George Pine que desembarcou pela primeira vez nesta ilha) veio à porta de seu palácio e nos saudou com muita simpatia, pois embora não tivesse nada de majestade nele, ainda assim tinha uma atitude cortês, espírito nobre e jovial, com o qual sua nação inglesa (especialmente a dos *Bons Homens*⁹⁹) está muito bem representada.

⁹⁶ A grafia correta em holandês, mesmo à época da publicação do panfleto, seria *Welk Eiland is dat?*, “Que ilha é essa?”.

⁹⁷ Aqui possivelmente Neville se refere à fruta-pão (*breadfruit*), termo que não utiliza e que, segundo o *Oxford English Dictionary*, só começou a ser corrente nos textos publicados nas ilhas britânicas em 1697. Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

⁹⁸ Aproximadamente a distância de 3 km.

⁹⁹ No original, *Gentry* – originário do francês arcaico *genterie*, *genterise*, variante de *gentelise*, “nascimento nobre”, “da aristocracia” e, por extensão, “corajoso”, “honrado”, “bondoso”, “gentil” (HARPER, 2022) –, termo utilizado para designar, nas ilhas britânicas, especialmente na Inglaterra, a camada de proprietários rurais de origem respeitável e bem educados que, embora não possuíssem títulos nobiliárquicos, partilhavam dos mesmos valores e interesses políticos da aristocracia inglesa (McKECHNIE, 1977, p. 765; HARPER, 2022). No mundo colonial português, especialmente na América portuguesa, o conceito equivaleria à ideia dos “bons homens” que reuniam as condições para participar do Senado da Câmara e da administração

Mal ele havia acabado de saudar-nos quando sua senhora ou esposa também saiu de sua casa ou palácio, acompanhada por duas criadas. Ela era uma mulher de uma beleza primorosa, e tinha na cabeça, por assim dizer, uma coroa de flores que, misturadas com diversas variedades de cores, a tornava admirável. Suas intimidades estavam escondidas com alguns pedaços de roupas velhas, as relíquias daqueles panos (suponho que) daqueles que aqui primeiro chegaram, e ainda sendo adornados com flores esses trapos parecem bonitos. E, de fato, a modéstia prevalece até agora em todo o sexo feminino daquela ilha, que com grama e flores entrelaçadas e fortalecidas pelas cascas de olmos jovens (que ali crescem em abundância) elas tecem juntos tantos deles que servem para cobrir aquelas partes que a natureza já havia escondido.

Trouxemos de presente para ele algumas facas (das quais achávamos que precisavam muito), um machado ou machadinha para derrubar madeira (o que foi muito bem recebido por ele, pois o velho que chegou à praia no naufrágio, e era o único que eles sempre tiveram estava já tão gasto e sem fio que já não cortava nada). Algumas outras coisas também lhe demos, que ele aceitou com muita gratidão, nos convidando a entrar em sua casa ou palácio, e fazendo com que sentássemos com ele, onde nos refrescamos novamente com mais algumas iguarias do campo que não eram nada além das que havíamos provado antes, príncipe e camponês comendo do mesmo. Tampouco há diferença entre sua bebida, sendo apenas água doce e fresca, que os rios lhes dão em grande abundância.

Depois de uma pequena pausa, nosso companheiro que sabia falar inglês, a nosso pedido, procurou saber dele algo sobre sua origem, e como esse povo que fala a língua de um país tão remoto pôde vir a morar ali não tendo, como vimos, quaisquer navios ou barcos entre eles ou os meios para trazê-los tão longe, e ainda mais, completamente ignorantes e meros estranhos para embarcações ou navegação, a principal coisa condizente a esse meio. A este nosso pedido, o cortês Príncipe assim nos respondeu:

Amigos (pois assim suas ações declaram que o são, e pelas nossas não os consideraremos menos), saibam que somos habitantes desta ilha sem grande prestígio, sendo meu avô o primeiro a pisar nesta costa, cuja terra natal era um lugar chamado Inglaterra, muito distante desta nossa terra, como ele nos fez entender. Ele veio daquele lugar sobre as águas em uma coisa chamada navio, da qual, sem nenhuma dúvida, devem ter ouvido falar. Várias outras pessoas estavam em sua companhia, não pretendendo ter vindo para cá (como ele disse), mas para um lugar chamado Índia, quando um clima tempestuoso trouxe ele e sua companhia para esta costa, onde caindo entre as rochas seu navio se partiu em pedaços, toda a companhia perecendo nas águas, salvando-se apenas ele e quatro mulheres, que por meio de um pedaço quebrado daquele navio, por auxílio Divino, chegaram em terra. O que depois se passou – disse ele – durante a vida de meu Avô, vou mostrar-lhes em uma relação escrita por sua própria mão que ele entregou a meu Pai (sendo seu Filho mais velho), encarregando-o de ter um cuidado especial, e depois de lhe assegurar que o tempo traria algumas pessoas aqui, com quem gostaria que ele a partilhasse, para que a verdade de nosso primeiro assentamento aqui não fosse totalmente perdida. Tais foram suas ordens, que meu Pai obedientemente cumpriu, mas ninguém vindo, ele em sua morte entregou a mesma com igual recomendação a mim. E vocês sendo o primeiro povo que (além de nós mesmos) já pôs os pés nesta ilha, devo agora, portanto, em obediência às ordens de meu Avô e de meu Pai, de bom grado lhes comunicar o mesmo.

Então, entrando em uma espécie de quarto interno que, como concebemos, era seu quarto de dormir, trouxe duas folhas de papel profusamente escritas em inglês (sendo a mesma relação que você imprimiu em Londres)¹⁰⁰ e as leu muito distintamente a nós, que ouvimos com grande deleite e

colonial: não necessitavam de título de nobreza, mas possuíam terras, possivelmente por doação de sesmarias, comandavam uma multidão de trabalhadores escravizados, podiam exercer ou não cargos militares ou fiscais, quase sempre eram afiliados a pias irmandades religiosas prestigiadas, partilhavam dos mesmos ideais da nobreza e, acima de tudo, estavam dispostos a defender o *status quo* e os interesses da Coroa.

¹⁰⁰ É interessante que nessa 3ª edição do panfleto, publicada em 27 de julho de 1668, Neville faz referência à publicação original de 27 de junho do mesmo ano, que contém apenas o “relato” de George Pine sobre o naufrágio fictício de 1589.

admiração, oferecendo-nos livremente uma cópia do mesmo texto, que depois pegamos e trouxemos conosco: é a cópia que vai adiante¹⁰¹.

~

Um caminho para as Índias Orientais foi recentemente descoberto por mar, ao sul da África¹⁰², por alguns Portugueses¹⁰³, muito mais seguro e lucrativo do que até então, e certos mercadores ingleses foram encorajados pelas grandes vantagens advindas das mercadorias orientais, para se estabelecerem com uma fábrica ali para a vantagem do comércio. E tendo para isso obtido a Licença Real da Rainha¹⁰⁴, *Anno Dom.* 1589, 11^o ou 12^o Eliz.¹⁰⁵, forneceu para essas partes quatro navios. Meu Senhor, enviado como um feitor para o acordo e negociar por eles, e se estabelecer naquele lugar, levou consigo toda a sua Família, ou seja, sua Esposa, e um Filho de cerca de doze anos de idade, e uma Filha de cerca de quatorze anos, duas Servas, uma Escrava negra e eu, que ia com ele como seu Guarda-livros. Com esta companhia, na segunda-feira, 3 de abril seguinte, tendo tudo o que era necessário para a manutenção d'um lugar quando lá chegássemos, embarcamos no bom navio chamado *India Merchant*, de cerca de quatrocentas e cinquenta toneladas de carga; e tendo bom vento, a 14 de maio avistamos as Canárias, e pouco depois as Ilhas de *Cabo Vert* ou *Verd*, onde, levando as coisas necessárias para a nossa viagem, e algumas provisões frescas, dirigimos nosso curso para o sul, e num ponto a leste, por volta do dia primeiro de agosto, avistamos a Ilha de Santa Helena¹⁰⁶, onde conseguimos um pouco de água fresca. Dirigimo-nos então para o Cabo da Boa Esperança¹⁰⁷ onde, pela bênção de Deus [chegamos], depois de certa doença pela qual alguns de nossa companhia morreram, embora nenhum de nossa família. E até então não tínhamos encontrado nada além de tempo calmo, assim como agradou a Deus, quando estávamos quase à vista de São Lourenço¹⁰⁸, uma ilha assim chamada (uma das maiores do mundo, como dizem os marinheiros), fomos alcançados e dispersos por uma grande tempestade de ventos, que continuou com tanta violência por muitos dias, que perdemos toda a esperança de segurança, estando fora de nosso próprio conhecimento, e se deveríamos cair em planícies ou rochas, incertos à noite, sem o menor benefício da luz, nós mais temíamos, sempre desejando o dia, e depois a terra: mas tal ocorreu logo para o nosso bem. Por volta de primeiro de outubro, nossos medos nos fizeram esquecer quanto do tempo passara com certeza, e ao raiar do dia discernimos terra, mas não a que conhecíamos. A terra parecia alta e rochosa, e o mar continuava muito tempestuoso e turbulento, de modo que parecia não haver esperança de segurança, mas sim que logo pereceríamos. À medida que nos aproximávamos da orla, não percebendo nenhuma segurança no navio, que parecia de repente ser despedaçado, o Capitão, meu mestre e alguns outros entraram na chalupa pensando assim em salvar suas vidas, e logo depois, todos os marinheiros se lançaram ao mar, pensando em salvar suas vidas nadando. Só eu, a filha do meu amo, as duas empregadas e a negra permanecemos a bordo, pois não sabíamos nadar; mas aqueles que partiram poderiam muito bem ter ficado conosco, pois vimos a maioria deles perecer, e agora estávamos prontos para seguir sua fortuna. Mas Deus se agradou de poupar nossas vidas, como que por milagre, embora para maior sofrimento. Pois quando chegamos contra as rochas nosso navio, tendo sofrido dois ou três golpes contra elas, estando agora quebrado e completamente naufragado nas águas nós, com muita dificuldade, nos apegamos à proa que, quebrada, foi impulsionada pelas ondas em uma pequena enseada onde desaguava um pequeno rio, que sendo cercado pelas rochas era protegido do vento, de modo que tivemos a oportunidade de chegar à terra (embora quase afogados) em todas as quatro pessoas, ao lado da negra. Quando chegamos subimos sobre a rocha, pudemos então perceber, para nosso grande terror, o miserável naufrágio. Eu tinha em meu bolso uma pequena caixa de pólvora, aço e pederneira para atear fogo a qualquer hora e ocasião, o que serviu então para um bom propósito, por estar tão perto, preservando a pólvora seca. Com isso, e com a ajuda de alguma madeira

¹⁰¹ Aqui a narrativa de Van Sloetten é interrompida, e a seguir começa o “relato” do naufrago George Pine, “deixado” a seu filho mais velho e sucessor no comando da ilha, Henry, e depois “legado” a seu neto William.

¹⁰² No original, *Affrick*.

¹⁰³ No original em inglês do século XVII, sempre que Neville se refere aos portugueses, ele usa o termo *Portugals*, que não era de uso corrente à época e parece ser tanto uma tentativa de mostrar a pouca intimidade de Van Sloetten com os usos da língua inglesa, bem como um artifício para reforçar o pouco grau de instrução de George Pine, dando ar de autenticidade ao texto.

¹⁰⁴ É interessante que essa referência à licença real tenha provocado, exatos cem anos depois, uma longa nota na esmerada reedição do panfleto de Neville lançada em 1768, financiada pelo mecenas e filósofo político britânico Thomas Hollis (1720-1774). Nela, o literato discute questões da geopolítica e economia existentes entre o vasto Império sob as ordens de Elizabeth e a Coroa espanhola, ao mesmo tempo em que introduz o uso da nota de rodapé (CHECKTER, 2011, p. 03-04).

¹⁰⁵ Referência ao reinado de Elizabeth I. Nesse caso, tratava-se do 11^o ou 12^o ano de seu governo, segundo a memória do narrador. Na verdade, Elizabeth I reinou entre 1558 e 1603.

¹⁰⁶ Ilha de Santa Helena, situada no Atlântico Sul, a sudoeste da costa de Angola, se tornou entreposto da Companhia Britânica das Índias Orientais a partir de 1651 e depois, colônia do Império britânico.

¹⁰⁷ Descoberto em 1488 pelo navegador português Bartolomeu Dias, vencê-lo representou conquistar uma nova rota comercial para o Oriente, contornando o sul do continente africano. Devido a situar-se no encontro dos oceanos Atlântico e Índico, demarca uma região de ventos intensos e mar revolto, de difícil navegação, e por isso inicialmente foi nomeado como Cabo das Tormentas e permaneceu conhecido por essa característica climatológica e de navegabilidade peculiar.

¹⁰⁸ Madagascar.

velha e podre que juntamos, acendemos o fogo e nos secamos. Feito isso, deixei minha companhia feminina e fui ver se encontrava alguém do nosso navio que houvesse escapado. Mas não pude ouvir nada, embora assobiasse e fizesse todo o barulho que podia; nem pude perceber os passos de qualquer criatura viva, exceto alguns pássaros e outras aves.

Por fim, chegando ao anoitecer, voltei para minhas companheiras, que estavam muito perturbadas por minha ausência. Sendo eu então todo seu amparo nesta condição de naufragos, a princípio receamos que o povo selvagem desta terra nos descobrisse, embora não víssemos pegadas de ninguém, nem sequer uma trilha, e os bosques ao nosso redor estavam cheios de sarças e espinheiros. Também tínhamos medo das bestas selvagens, e de tais espécies também não vimos nenhuma, nem sinal algum de sua existência. Mas acima de tudo, e o que tínhamos maiores motivos para temer, era morrer de fome por falta de comida. Mas Deus em sua providência tinha outros planos, como já devem ter descoberto. Passado isso, gastamos nosso tempo pegando alguns pedaços quebrados de tábuas e madeira do barco, e algumas das velas e cordames na praia para nos abrigar. Coloquei duas ou três varas, e puxei duas ou três cordas e linhas de árvore a árvore, sobre as quais, jogando alguns panos de vela e dispondo troncos ao nosso redor, além de três ou quatro roupas que deixamos secando, foi assim que erguemos nosso refúgio para aquela noite juntos. Sendo a negra menos sensata que o restante de nós¹⁰⁹, montamos nossa guarda. Dormimos profundamente naquela noite, por não termos dormido já por três ou quatro noites antes (o temor do que acontecera nos impedira), e nem nosso refúgio rústico, o medo ou o perigo nos atrapalharam, pois estávamos bem vigilantes.

No dia seguinte, bem revigorados pelo sono, o vento cessou e o tempo estava muito quente. Descemos pelas rochas até as areias na maré baixa, onde encontramos grande parte do nosso embarque, seja na margem ou flutuando perto dela. Eu, com a ajuda de minhas companheiras, arrastei a maior parte para a praia; o que nos era muito pesado, dividimos e desamarramos os barris e baús e, tirando as mercadorias, guardamos tudo. De imediato não queríamos roupas, nem quaisquer outras provisões necessárias para a manutenção de uma casa, ou para mobiliar uma habitação melhor do que qualquer outra que poderíamos ter: nos interessavam os alimentos, contudo a água salgada havia estragado tudo. Apenas um barril de biscoito, sendo mais leve que o resto, estava seco: este serviu de pão por um tempo. E em terra encontramos uma espécie de ave, do tamanho de um cisne¹¹⁰, muito pesada e gorda, que por causa de seu peso não podia voar. Desses encontramos pouca dificuldade para matar, de modo que esse era o nosso alimento de todo dia. Trouxemos da Inglaterra algumas galinhas e galos para comer durante a travessia. Alguns destes, quando o navio naufragou, de algum modo chegaram à terra e procriaram muito, de modo que no futuro nos foram de grande valia. Encontramos também, à beira de um riacho, entre os lírios-roxos, ninhos com ovos, de uma espécie de ave muito parecida com os nossos patos, e que eram de uma carne muito boa, de modo que não precisávamos nada mais para nos manter vivos.

No dia seguinte, que era o terceiro dia, assim que amanheceu, não vendo nada que nos perturbasse, procurei um lugar conveniente para morar, para que pudéssemos construir uma cabana para nos abrigar das intempéries e de qualquer outro perigo de aborrecimento de bestas selvagens, se alguma nos descobrisse. Assim, perto de uma grande nascente que se erguia de uma alta colina sobranceira ao mar, ao lado de um bosque, com vista para a costa, com a ajuda de um machado e alguns outros implementos (pois tínhamos tudo o que era necessário, tendo o trabalho do mar lançado a maior parte de nossos bens à praia), cortei todos os troncos mais retos que pude encontrar e que foram suficientes para o meu propósito. Com a ajuda de minhas companheiras (a necessidade é nosso mestre), cavei buracos na terra, colocando meus troncos a uma distância igual e pregando as tábuas quebradas dos barris, baús e cabines, e para agradá-las, fiz minha porta voltada para o mar. E, tendo coberto o teto com panos de vela esticados e pregados, no espaço de uma semana fiz uma grande cabana, larga o suficiente para guardar todos os nossos bens e abrigar a nós mesmos nela. Também coloquei nossas redes de bordo na cabana, com o propósito (se fosse do agrado de Deus enviar algum navio por ali), que pudéssemos ser transportados para casa. Mas isso nunca aconteceu, pois o lugar em que estávamos (como percebi), ficava muito fora das rotas das naus.

Vivemos dessa maneira por quatro meses inteiros, e nem sequer vimos ou ouvimos falar de qualquer povo selvagem ou de nossa tripulação, além de que nós mesmos (por experiência, então deviam estar já todos afogados), e esse lugar que depois encontramos, sendo uma grande ilha, e desarticulada e fora da vista de qualquer outra terra, estava totalmente desabitada por qualquer povo, nem havia nenhum animal nocivo para nos incomodar. Muito pelo contrário, o país era tão agradável, sempre coberto de verde e cheio de frutas agradáveis e uma variedade de pássaros, sempre quente e nunca mais frio do que o era a Inglaterra em setembro. De modo que este lugar, tivesse ele a cultura que pessoas habilidosas lhe conferissem, se tornaria um Paraíso.

¹⁰⁹ Aqui se percebe a primeira das referências depreciativas, na narrativa, em relação à escravizada negra que sobreviveu ao naufrágio.

¹¹⁰ Há consenso de que Neville tentasse descrever, sem nomeá-lo, um dodo, pássaro extinto em 1662, nativo das Ilhas Maurício, situadas no Oceano Índico (PARISH, 2012, p. 124).

Os bosques nos forneciam uma espécie de noz, do tamanho de uma grande maçã, cujo caroço, agradável e seco, usamos como pão; a ave que já mencionei, e outra espécie de ave aquática, nos serviam como patos, assim como seus ovos; e uma besta do tamanho de uma cabra, e quase uma criatura semelhante, que trazia dois filhotes de cada vez, e que duas vezes por ano, das quais as terras baixas e os bosques estavam muito cheios, sendo uma criatura muito inofensiva e mansa, de modo que podíamos facilmente pegá-las e matá-las. Também tínhamos peixes, e especialmente mariscos, do melhor que podíamos encontrar, e em grande quantidade; de modo que, de fato, quanto à comida, não nos faltava nada. E assim, e com benefícios semelhantes, continuamos por seis meses, sem qualquer perturbação ou necessidade.

A ociosidade e a plenitude de tudo geraram em mim o desejo de gozar as mulheres. Começando agora a ficar mais familiar, convenci as duas criadas a me deixarem deitar com elas, o que fiz a princípio em particular; mas depois, o costume deixou de lado a vergonha (não havendo ninguém além de nós), e o fizemos mais abertamente, pois nossas luxúrias nos deram liberdade. Depois, a filha de meu mestre também ficou contente em fazer como nós. A verdade é que todas eram mulheres bonitas quando vestidas, e bem modeladas, se alimentavam bem. Pois não nos faltava comida, e vivíamos ociosamente, e nos vimos livres para fazer nossas vontades, sem esperança de voltar para casa, e isso nos tornava tão ousados. Uma das primeiras de minhas consortes, com quem me deitei pela primeira vez, a mais alta e mais bonita, logo ficou grávida. A segunda foi a filha de meu mestre. E a outra também não muito tempo depois caiu na mesma condição, agora não restava mais nada além de minha negra, que vendo o que fazíamos, ansiava também pela sua parte. Uma noite, estava eu dormindo, e minha negra com o consentimento das outras se aproximou de mim, pensando aproveitar-se da escuridão para me seduzir, mas eu, despertando e sentindo-a, e percebendo quem era, mas querendo experimentar a diferença, me satisfiz com ela, tão bem como com as outras. Naquela noite, embora fosse nossa primeira vez, ela também emprenhou, de modo que nesse primeiro ano, todas as minhas mulheres ficaram grávidas de mim; e todos vindo em épocas diferentes, o que foi de grande ajuda de uma à outra.

A primeira me deu um belo menino. A filha do meu mestre era a mais nova: ela me deu uma menina. O mesmo aconteceu com a outra empregada, que, sendo um pouco gorda, acelerou ainda mais o parto. A negra não teve dor nenhuma, me trouxe uma linda menina branca. Então tive um menino e três meninas. As mulheres logo ficaram bem de novo, e as duas primeiras já esperavam por crianças novamente antes que as duas últimas tivessem sido levadas para a cama, sendo meu costume não me deitar com nenhuma delas depois que estivessem prenhas até que outras estivessem da mesma forma; e não com negra de forma alguma depois que emprenhasse, o que geralmente acontecia logo na primeira vez que eu me deitava com ela (que era à noite e não mais; eu não aguentava¹¹¹, embora ela fosse uma das negras mais bonitas que eu já tinha visto, e seus filhos tão graciosos quanto qualquer um dos outros). Não tínhamos roupas para eles e, portanto, assim que eram amamentados os colocávamos no musgo para que dormissem e não cuidávamos mais deles; pois sabíamos que, quando crescessem, outros viriam; as mulheres nunca deixavam de parir uma vez por ano, pelo menos. E nenhuma das crianças, apesar de todas as dificuldades em que as colocamos, jamais esteve doente; de modo que, faltando agora apenas roupas, e nem tanto assim, a não ser por decência, o calor do país e o costume suprindo esse defeito, estávamos agora bem satisfeitos com nossa condição. Nossa família começava a crescer, não havendo nada para nos lastimar, muitas vezes nos deitávamos em bancos cobertos de musgo, sob o abrigo de algumas árvores, ou algo assim, e por não ter mais nada para fazer, eu tinha feito vários caramanchões para dormir com minhas mulheres no calor do dia. Nestes eu e minhas mulheres passávamos o tempo, elas nunca querendo ficar longe de minha companhia.

E não tendo agora nenhum pensamento de voltar para casa e tendo resolvido e jurado nunca nos separar ou deixar um ao outro, ou este lugar; tendo com minhas várias esposas quarenta e sete filhos, meninos e meninas, mas a maioria meninas, e crescendo rapidamente; éramos todos muito roliços, nos dando tão bem com o país, que nunca adoecemos em nada. Minha negra teve doze, foi a primeira a engravidar, então nunca mais me meti com ela. A filha do meu senhor, com quem tive mais filhos, era a mais nova e a mais bonita, e gostava muito de mim, e eu dela. Assim vivemos dezesseis anos, até que, percebendo que meu filho mais velho se importava com o trabalho comum da natureza, vendo o que fazíamos, dei-lhe uma companheira; e assim fiz com todo o resto, tão rápido quanto eles cresceram e foram capazes. Minhas esposas tendo filhos, e meus filhos começando a procriar rapidamente, então logo éramos como uma multidão. Minha primeira esposa me trouxe treze filhos, minha segunda sete, a filha de meu senhor quinze, e a negra doze, ao todo quarenta e sete.

Depois de vivermos aqui por vinte e dois anos, minha negra morreu subitamente, mas não percebi nada que a afligisse. Com a maioria dos meus filhos já crescidos, tão rápido quanto os casava, eu os enviava e os colocava sozinhos, acima no rio, para que não incomodássemos uns aos outros. E agora, estavam todos crescidos e tinham se ido, casados à nossa maneira, exceto uns dois ou três dos mais jovens, pois estando já adiantado em anos, não me agradava o incômodo devasso de uma companhia jovem.

¹¹¹ Mais uma vez, Neville deixa transparecer no texto as questões morais e os preconceitos relativos à escravizada negra.

Assim, tendo vivido até o sexagésimo ano da minha idade e o quadragésimo da minha vinda para cá, foi quando mandei chamar todos até mim para trazerem seus filhos, e eles eram em número descendentes de mim por essas quatro mulheres, de meus filhos, netos e bisnetos, quinhentos e sessenta de ambos os tipos. Tirei os homens de uma família e os casei com as mulheres de outra, não deixando nenhum casar com suas irmãs, como fazíamos antigamente por necessidade. Assim, bendizendo a Deus por sua providência e bondade, me despedi deles. A princípio, tendo ensinado alguns de meus filhos a ler, pois ainda havia conservado a Bíblia, ordenei que ela fosse lida uma vez por mês em uma assembleia geral. Por fim, uma de minhas esposas morreu, com sessenta e oito anos de idade, e a enterrei em um lugar planejado para tanto; e dentro de um ano após a outra; então eu não tinha mais ninguém além da filha de meu mestre, e vivemos juntos por mais doze anos. Finalmente ela também morreu, então a enterrei também ao lado de onde pretendia ser enterrado e de minha primeira esposa, a donzela alta, junto a mim, mas ao meu outro lado, e a negra ao lado dela, e a outra empregada ao lado da filha de meu mestre. Eu não tinha então nada mais para me importar, senão o lugar para onde deveria ir, sendo já muito velho, com quase oitenta anos, deixei minha cabana e móveis que sobraram para meu filho mais velho depois que eu morresse, o mesmo que se casou com minha filha mais velha, a primogênita de minha amada esposa; a ele fiz Rei e Governador de todo o resto. Informei-os sobre os costumes da Europa, e pedi que se lembrassem da religião Cristã, à maneira dos que falavam a mesma língua, e que não admitissem outra se, a partir de agora, se qualquer um porventura vier a encontrá-los.

E agora, de uma vez por todas, convoquei-os a vir a mim, para que eu os contasse. O que eu fiz, e encontrei a estimativa para conter, ou por volta do octogésimo ano da minha idade, e quinquagésimo nono de minha chegada aqui, ao todo, de todos os tipos, mil setecentos e oitenta e nove. Assim, orando a Deus para multiplicá-los e enviar-lhes a verdadeira luz do Evangelho, eu me despedi de todos pela última vez. Por estar já muito velho e com minha visão deteriorada, eu não esperava viver muito mais. Dei esta narrativa, escrita de minha própria mão, ao meu filho mais velho, que agora morava comigo, ordenando-lhe que a guardasse, e se algum estranho viesse aqui por acaso, para deixá-los ver e tirar uma cópia dela se assim quisessem, para que nosso nome não se perdesse na Terra. Eu dei a esse povo, descendente de mim, o nome de ‘English Pines’ (George Pine sendo meu nome, e o nome da filha de meu mestre, Sarah English). Minhas duas outras esposas eram Mary Sparkes e Elizabeth Trevor. Assim, seus vários descendentes são chamados de ‘English’, ‘Sparks’, ‘Trevors’ e ‘Phills’, do nome cristão da negra, que era Philippa, não tendo ela sobrenome. E o nome geral de todos, ‘English Pines’: a quem Deus abençoe com o orvalho do céu e a fartura da terra.

Amém¹¹².

~

Depois de ler e entregar-nos uma cópia desta Relação, então prosseguiu em seu discurso:

Meu avô quando escreveu isso tinha, como ouviram, oitenta anos de idade, procedendo de sua carne mil setecentos e oitenta e nove descendentes, que também provinham das quatro mulheres mencionadas. Meu pai era seu filho mais velho, que recebeu o nome de “Henry”, filho de sua esposa Mary Sparks, e a quem ele nomeou governador-chefe e juiz sobre o resto. E dando-lhe a incumbência de não exercer a tirania sobre eles, visto que eram seus irmãos por parte de [seu] pai (do que não poderia haver qualquer dúvida de alguma duplicidade), exortando-o a usar de justiça e sinceridade entre eles, e para que não deixasse a religião morrer com ele, mas para que observasse e guardasse aqueles preceitos que ele havia ensinado, ele silenciosamente entregou sua alma e foi enterrado com grande lamentação de todos os seus filhos.

Meu pai, vindo a governar e sendo o povo cada vez mais populoso, fez com que eles avançassem na descoberta do país, que achavam que respondia aos seus desejos, cheio tanto de aves como de animais, e nenhum deles prejudiciais aos homens, como se esse país (no qual fomos por providência lançados sem armas ou outros artefatos para nos defender ou ofender os outros), deve pela mesma providência ser tão desabilitado de modo a não ter necessidade de tais armas de destruição para preservar nossas vidas.

Mas como isso foi impossível, já que com as multidões cresceram as desordens, os mais fortes procurando oprimir os mais fracos, nenhum laço de religião sendo forte o suficiente para acorrentar a natureza depravada da humanidade, assim mesmo entre eles o mal começou a aumentar, e logo deixaram aquelas boas ordens prescritas por meu avô. A fonte de onde essas desordens brotaram foi, a princípio, imagino, a negligência em ouvir a leitura da Bíblia, que de acordo com a prescrição de meu avô, acontecia uma vez por mês em uma assembleia geral, mas agora muitos deles vagavam pelo país, negligenciando completamente

¹¹² Aqui se encerra a “relação” de George Pine, o naufrago, que foi inserida na terceira edição do panfleto de Henry Neville. Em seguida, é retomado o relato de William Spark, seu neto.

a presença a ela, assim como todos os outros meios de instrução cristã, por meio dos quais o senso de pecado foi completamente perdido neles, e caíram em prostituições, incestos e adultério; de modo que aquilo que meu avô foi forçado a fazer por necessidade, eles fizeram por devassidão. Não, não se punham limite algum de qualquer modéstia, mas irmão e irmã ficavam juntos abertamente; aqueles que não cediam a seus abraços lascivos eram violentados pela força, sim, e muitas vezes colocavam suas vidas em perigo. Para reparar essas atrocidades, meu pai reuniu todo o povo próximo a ele, a quem declarou a iniquidade daqueles seus irmãos; e com o consentimento de todos, concordaram que deveriam ser severamente punidos. E assim, munindo-se com galhos, pedras e outras armas semelhantes, marcharam contra eles, os quais, sabendo de sua chegada e temendo o merecido castigo, alguns fugiram para os bosques, outros atravessaram um grande rio que corre pelo coração do nosso país, arriscando a afogar-se para escapar ao castigo. Mas o maior ofensor de todos foi pego, cujo nome era John Phill, o segundo filho da mulher negra que veio com meu avô para esta ilha. E sendo provado culpado de várias violações e tiranias cometidos por ele, foi julgado culpado de morte e, portanto, foi lançado no mar de uma rocha alta, tendo perecido nas águas. Tendo a pena sido executada sobre ele, os outros foram perdoados pelo que havia passado, e sendo notificados disso nos arredores, retornaram daqueles lugares desertos e obscuros em que estavam escondidos.

Desse modo, como a semente lançada no esterco fétido produz trigo bom e saudável para o sustento da vida do homem, assim os maus costumes produzem leis boas e saudáveis para a preservação da sociedade humana. Logo depois, meu pai, com as recomendações de alguns outros de seu conselho, ordenou e estabeleceu essas leis para que fossem observadas por todos¹¹³.

1. Que todo aquele que blasfemar ou falar de maneira irrelevante do nome de Deus seja morto¹¹⁴.
2. Aquele que se ausentar da assembleia mensal para ouvir a leitura da Bíblia, sem justa causa demonstrada em contrário, deve, pela primeira falta, ficar sem alimentos ou bebida pelo espaço de quatro dias, e se novamente cair em ofensa, sofrerá pena de morte.
3. Aquele que forçar ou violentar qualquer donzela ou mulher deve ser queimado até a morte, e a parte interessada que foi violentada deverá então colocar o fogo na lenha que deve queimá-lo.
4. Todo aquele que cometer adultério¹¹⁵, pelo primeiro crime o homem perderá suas intimidades, e a mulher terá o olho direito furado; se depois disso ela for pega novamente em flagrante, ela deverá morrer sem piedade.
5. Aquele que ferir seu próximo por aleijar um de seus membros¹¹⁶ ou tirar qualquer coisa que possua¹¹⁷, sofrerá da mesma forma pela perda de um membro; e por defraudar seu próximo, tornar-se seu servo, enquanto lhe satisfaça duplamente.
6. Aquele que difamar ou falar mal do Governador¹¹⁸ ou se recusar a comparecer perante ele quando chamado, deve ser punido com açoites com varas e depois ser expulso da sociedade e do resto dos habitantes.

Tendo estabelecido essas leis, ele escolheu quatro dentre alguns sob seu comando para colocá-las em execução, dos quais um era dos *Englishes*, descendente de Sarah English; outro de sua própria tribo, os Sparks; um terceiro dos Trevors e um quarto dos Phills; nomeando-os todos os anos em um determinado momento para comparecer perante ele e prestar contas do que haviam feito na execução dessas leis. Estando o país assim estabelecido, meu pai viveu tranquilo e pacífico até atingir a idade de noventa e quatro anos, quando morreu. O sucedi em seu lugar, no qual continuo pacífica e tranquilamente até este momento¹¹⁹.

Tendo ele terminado seu discurso, agradecemos muito sinceramente pela informação, assegurando-lhe que não lhe faltaria nada que estivesse em nosso poder, com o que poderíamos agradá-lo naquilo que desejasse, e então nos propusemos a partir, mas antes de irmos, fez questão de nos convidar para vê-lo

¹¹³ Esse conjunto de leis representa uma síntese da Lei Mosaica, de princípios mais rígidos (olho por olho, dente por dente, etc.). Ver *Êxodo* 21:23-25 e, de forma mais geral, 19-24.

¹¹⁴ Ver *Êxodo* 20: 2, 7; 22: 20, 28.

¹¹⁵ Ver *Êxodo* 21: 14, 17.

¹¹⁶ Ver *Êxodo* 21: 12.

¹¹⁷ Ver *Êxodo* 21: 15; 22: 4, 7.

¹¹⁸ Ver *Êxodo* 22: 28.

¹¹⁹ Aqui se encerra o relato de William Spark. Em seguida é retomada a narrativa de Henry Cornelius Van Sloetten.

no dia seguinte, que seria sua grande assembleia ou reunião mensal para a celebração de seus exercícios religiosos.

Desse modo, no dia seguinte voltamos e fomos cortesmente recebidos, assim como antes. Em um pequeno espaço estava reunida uma tal multidão de pessoas que nos causou admiração. Primeiro houve a celebração de vários casamentos, realizados da seguinte maneira: o noivo e a noiva se apresentavam diante dele, que era seu sacerdote ou leitor da Bíblia, juntamente com os pais de cada parte, ou se algum de seus pais estivesse morto, então a próxima relação com eles, sem cuja aprovação, bem como das partes interessadas, não haveria união por parte do sacerdote. Mas estando satisfeito com esses detalhes, depois de algumas orações curtas e juntando as mãos, ele os declarava marido e mulher. E exortando-os a viverem com amor uns para com os outros e em silêncio para com os seus vizinhos, concluía com algumas orações e assim os dispensava.

Terminados os casamentos, todo o povo tomava seus lugares para ouvir a leitura da Palavra, tendo os recém-casados a honra de estar ao lado do sacerdote naquele dia. Depois de ter lido três ou quatro capítulos, ele começou a expor as passagens mais difíceis neles, e as pessoas se mostravam muito atentas durante todo o tempo. Este exercício continuou por duas ou três horas, o que foi feito, e com algumas poucas orações ele concluiu, mas todo o resto daquele dia foi mantido pelo povo com muito rigor, abstendo-se de todo tipo de jogo ou passatempo, com o qual nos outros dias eles costumavam passar o tempo, como se não tivessem necessidade de nada além de alimentos, e que eles tinham em abundância como quase ao alcance de suas mãos.

Terminados os exercícios de religião, voltamos novamente ao nosso navio e, no dia seguinte, levando conosco duas ou três peças de aves que havíamos caçado, deixando metade de nossa companhia para guardar o navio, o resto de nós resolveu ir mais para dentro no país a fim de buscar novas descobertas. Durante todo o caminho que fizemos na primeira manhã, vimos abundância de pequenas cabanas ou barracos desses habitantes, feitas sob as árvores, e enfeitados com galhos, grama e coisas semelhantes para abrigá-los do sol e da chuva. E à medida que avançávamos, saíam muito admirados com nossas roupas, mantendo-se distantes de nós como se estivessem com medo. Mas nosso companheiro que falava inglês, chamando-os em sua própria língua, e dando-lhes boas palavras, fez com que se aproximassem, alguns deles se oferecendo livremente para nos acompanhar, o que aceitamos de bom grado. Mas, tendo percorrido algumas milhas, um de nosso grupo, avistando uma fera semelhante a uma cabra que vinha olhando para ele, descarregou sua peça, enviando um par de balas em sua barriga, que o derrubaram morto no chão. Essas pobres pessoas nuas e desarmadas, ouvindo o barulho da arma e vendo a fera desmoronar sobre seu sangue, sem dizer nenhuma palavra deram a volta sobre os próprios calcanhares, correndo em regresso o mais rápido que podiam. Nem mesmo a persuasão de nossos companheiros, assegurando que não sofreriam nenhum dano, conseguiu convencê-los, de modo que fomos forçados a continuar sem sua companhia. Por todo o caminho que percorremos ouvimos a deliciosa harmonia do canto dos pássaros, e vimos o solo muito fértil em árvores, grama e flores que crescem pela produção da natureza, sem a ajuda da arte¹²⁰. Vimos muitos e vários tipos de animais, que não eram tão selvagens quanto em outros países: seja como tendo o suficiente para saciar-se sem devorar os outros, ou porque nunca antes tiveram a visão do homem, nem ouviram o relato de armas assassinas, deixo para outros determinarem. Vimos também algumas árvores com

¹²⁰ Nesse trecho, ao se referir a “arte” (*art* no texto original), Neville usa um termo que era sinônimo, no século XVII, tanto na Inglaterra como em toda Europa e em suas colônias, ao domínio ou uso dos ofícios manuais e mecânicos.

frutos silvestres, e alguns dos quais provamos, e não eram nem insalubres nem desagradáveis ao paladar. E sem dúvida, se a natureza tivesse o benefício da arte acrescentado a ela, seria igual, quiçá não excedesse, muitos de nossos países europeus: os vales estavam por toda parte misturados com riachos, e não há dúvida, mas a terra tem neles ricos veios de minerais, suficientes para satisfazer os desejos dos mais cheios de cobiça.

Foi muito estranho para nós perceber que em um país tão fértil, que até então nunca fora habitado, houve uma trilha tão livre e clara para nosso uso, sem o impedimento de arbustos, espinhos e coisas semelhantes, com as quais a maioria das ilhas de natureza semelhante é importunada, sendo o comprimento da grama (que ainda estava muito misturada com flores) sendo o único impedimento que encontramos.

Seis dias juntos viajamos assim, deixando vários marcos em nosso caminho para o nosso melhor retorno, sem saber se deveríamos ter o benefício das estrelas para nossa orientação na nossa volta, que usamos em nossa trilha. Por fim, chegamos ao vasto oceano do outro lado da ilha e, ao costeá-la, concebemos que tem uma forma oval, apenas aqui e ali projetando alguns promontórios. Imagino que a ilha tenha poucos, mas bons portos pertencentes a ela, as rochas na maioria dos lugares tornando-a inacessível. O comprimento pode ser de cerca de duzentas e a largura de cem milhas, e o todo em circunferência, acima de quinhentas milhas¹²¹.

Ela fica a cerca de setenta e seis graus de longitude e vinte de latitude, estando situada sob o terceiro clima¹²², tendo o dia mais longo cerca de treze horas e quarenta e cinco minutos. O clima, como em todos os países do sul, é muito mais quente do que conosco na Europa, mas o que é seco pelo sol durante o dia, à noite refresca novamente com o orvalho fresco perolado. O ar parece ser muito saudável pela longa vida de seus habitantes atuais, pois poucos morrem lá até chegarem a uns bons anos de maturidade, muitos chegando à extremidade da velhice.

E falando agora sobre a duração de suas vidas, penso que não seria errado aqui dizer algo sobre seus enterros, que costumavam fazer desse modo. Quando alguém morria, cobriram seu corpo com flores e depois o levavam para o local designado para o enterro, onde colocavam-no sobre o solo (enquanto o padre proferia algumas exortações divinas sobre a fragilidade da vida), então eles levavam pedras (um monte era providenciado no local para esse fim) e o mais próximo dos parentes começava a colocar a primeira pedra sobre o defunto. Depois os outros o seguiam, e não iam embora até que tivessem coberto o corpo profundamente em pedras, para que nenhuma besta pudesse vir até ele. Essa mudança, se viram forçados a fazer, não tendo enxadas ou pás para cavar suas covas, que falta delas nós vimos, e lhes concedemos uma picareta e duas pás.

Após nosso retorno do reconhecimento do território, o vento não sendo adequado para nosso propósito, e nossos homens também querendo isso, colocamos todos os nossos instrumentos de corte em terra e começamos a cortar árvores com o que, em pouco tempo (muitas mãos juntas fazem o trabalho leve) construímos um palácio para este William Pine, o Senhor daquele país, que embora muito inferior às casas de sua nobreza na Inglaterra, ainda para eles (que nunca viram melhor), parecia um lugar muito senhorial. Este nosso feito foi além da expressão aceitável para ele, que nos

¹²¹ O equivalente a cerca de 320km de comprimento, 160km de largura e 800km de perímetro.

¹²² "Terceiro clima", na concepção vigente entre os séculos XVI e XVIII, significaria que a Ilha dos Pines estaria situada na "zona tórrida", equivalente ao clima tropical da África e das Américas. Nessa visão, o clima terrestre seria dividido entre três zonas: *frigida*, delimitada pelos polos; *temperata*, equivalente às latitudes europeias e de parte das terras asiáticas; e *torrida*, inicialmente delimitada pelas savanas, selvas e desertos africanos, mas depois estendida às paragens americanas (SANDERSON, 1999, p. 671-672).

encheu de agradecimentos por um benefício tão grande, do qual ele disse que nunca poderia fazer uma retribuição.

E então o informamos de que na primeira oportunidade estávamos resolvidos a deixar a ilha, e também que éramos vizinhos próximos do país da Inglaterra, de onde seus ancestrais vieram, e ele pareceu muito descontente com a notícia de que o deixaríamos, desejando, se pudesse corresponder à nossa comodidade, que continuássemos ainda com ele. Mas vendo que não podia nos convencer, convidou-nos para jantar com ele no dia seguinte, o que prometemos fazer, e apesar do convite de véspera, nos serviu de modo muito suntuoso (de acordo com sua propriedade). E então ele nos recebeu com modos mais régios do que havíamos o visto antes, tanto pelo número de servos quanto pela fatura de carnes, das quais nos alimentamos com muito prazer. Mas como não tinha outra bebida para bebermos além de água, pegamos de nosso navio uma caixa de conhaque¹²³, apresentando-lhe um pouco para beber, mas quando o provou, não ficou persuadido a tocá-lo novamente, preferindo (como ele disse) a água de seu próprio país antes de todos esses licores. Depois de jantarmos, fomos convidados a sair para os campos para ver suas danças campestres, o que faziam com grande agilidade de corpo, e embora não tivessem outra música além da voz (vários deles cantando o tempo todo), ainda assim eles saltitavam com grande destreza, dando satisfação suficiente a todos que os contemplavam.

No dia seguinte convidamos o Príncipe William Pine a bordo do nosso navio, onde não nos faltava nada no que pudéssemos entretê-lo. Ele tinha cerca de uma dúzia de servos para atendê-lo, admirava muito as manobras de nosso navio, mas quando fomos descarregar uma ou duas peças de artilharia, ficou maravilhado e surpreso ao ver os estranhos efeitos da pólvora. Ele era muito econômico em sua dieta, e nem ele ou qualquer um de seus seguidores poderia ser induzido a beber nada além de água. Ali o presenteamos com várias coisas (tantas quanto pudemos juntar), que pensamos que de alguma forma conduziriam a seu benefício, tudo o que ele muito agradecido recebeu, assegurando-nos de seu verdadeiro amor e boa vontade sempre que chegássemos àquela terra novamente.

Então pretendíamos nos despedir no dia seguinte, o vento continuava calmo, soprando com um fluxo suave para o sul e leste. Mas quando estávamos içando nossas velas e levantando âncora, fomos subitamente alarmados com um barulho vindo da praia, o príncipe W. Pine, implorando nossa ajuda em uma insurreição ocorrida entre eles, da qual esta foi a causa: Henry Phill, o principal governante da tribo ou família dos Phills, sendo o filho de George Pine que ele teve com a mulher negra, este homem havia estuprado a esposa de um dos principais da família dos Trevors, fato que foi dado a conhecer, e os Trevors se reuniram para levar o ofensor à justiça. Mas ele, sabendo que seu crime era tão grande que se estendia à perda de sua vida, lutou para defender pela força o que ele havia cometido ilegalmente, após o que toda a ilha estava em grande tumulto, sendo duas grandes facções poderosas, e as rusgas que uns disseminavam contra os outros ameaçavam uma ruína geral para todo o estado.

O governador William Pine interferiu no assunto, mas achou sua autoridade muito fraca para reprimir tais desordens, pois onde o limite do governo é quebrado uma vez, os mais vis têm a maior regra. Então ele pediu nossa ajuda, ao que prontamente condescendemos, e armando doze dos nossos, fomos para a praia, mais para uma surpresa do que para uma luta, pois o que a nudez poderia fazer ao encontrar armas? Sendo conduzidos por ele às forças de nosso inimigo, e primeiro entramos em negociação, procurando ganhá-los mais por meios justos do que pelas armas. Mas não prevalecendo

¹²³ No original, “brandy”, que também poderia ser traduzido por aguardente.

isso, fomos obrigados a usar a violência, pois esse Henry Phill era de uma resolução destemida e, tendo armado seus companheiros com paus e pedras, enviaram um tal repique entre nós, que nos fizeram primeiro retribuir, o que os encorajou a seguir-nos com grande violência. Mas tendo descarregado três ou quatro de nossas armas, quando eles viram alguns dos seus feridos e ouviram os terríveis relatos que lhes deram, fugiram mais rápido do que vieram. O bando dos Trevors (que se juntou a nós), perseguiu-os ferozmente e, trazendo prisioneiro seu capitão, retornou com grande triunfo ao seu Governador, que sentando-se para julgá-lo, o condenou à morte e o jogou de uma rocha íngreme ao mar, a única maneira que eles têm de punir alguém com a morte, além da fogueira.

E então, por fim nos despedimos solenemente do Governador e partimos dali, tendo estado lá ao todo pelo tempo de três semanas e dois dias. Levamos conosco uma boa reserva da carne de um animal que eles chamam de *'reval'*¹²⁴, sendo em sabor diferente da carne bovina ou suína, mas que é muito agradável ao paladar e extremamente nutritiva. Também levamos conosco aves aquáticas vivas, que eles chamam de *'marde'*¹²⁵, do tamanho de uma galinha, mas não diferentes no gosto. Elas são muito rápidas no voo e, no entanto, tão inocentes do perigo que ficam paradas até o momento em que são pegas. O Governador também tinha nos enviado cerca de dois cestos de ovos, que, suponho, eram ovos de *mardes*, muito gostosos no sabor e fortalecedores para o corpo.

8 de junho. Avistamos Cambaia¹²⁶, uma parte das Índias Orientais, mas sob o governo do grande Cham da Tartária¹²⁷; aqui surgiu um vazamento em nosso navio e fomos forçados a desembarcar, recebendo muitos danos em algumas de nossas mercadorias¹²⁸. Fomos forçados a operar a bomba por dezoito horas juntos e, se isso tivesse falhado, inevitavelmente pereceríamos. Aqui ficamos cinco dias consertando nosso navio e secando algumas de nossas mercadorias, e depois içando as velas em mais quatro dias chegamos a Calicute¹²⁹.

Esta Calicute é a principal cidade-mercado e a base de todo o tráfico indiano. É muito populosa e frequentada por comerciantes de todas as nações. Aqui desembarcamos grande parte de nossas mercadorias e embarcamos outras, o que nos fez ficar lá um mês inteiro, período em que nos tempos livres fui ao exterior fazer um levantamento da cidade, que achei grande e populosa, se estendendo por três milhas junto à beira-mar. Há um grande número dessas pessoas a quem eles chamam de Brachmans¹³⁰, sendo que muito reverenciam seus sacerdotes ou professores. É costume aqui que o Rei

¹²⁴ Provavelmente uma derivação ou brincadeira com a palavra francesa *rêve* = sonho.

¹²⁵ Aqui, de forma mais evidente, Neville faz um jogo e de fato usa um anagrama: *marde* = *dream* = sonho.

¹²⁶ Khambhat ou Cambay, cidade mercantil na costa ocidental setentrional da Índia, no golfo de mesmo nome, ao norte de Mumbai. Era porto movimentado desde o período mogol, no século XIII, tendo sido descrita por Marco Polo e representado importante entreposto nas rotas de comércio com as companhias comerciais europeias entre os séculos XVII e XVIII. Estava sob o controle do império Mughal durante o século XVII.

¹²⁷ O território conhecido como Tartária entre a Idade Média e começos do século XX abrangia as atuais regiões da Sibéria, Turquestão (com exceção do Turquestão Oriental), Grande Mongólia, Manchúria e, eventualmente, o Tibete (KOTKIN, 1997). Historicamente, o termo "tártaro" passou a ser aplicado a qualquer indivíduo ou grupo oriundo do vasto território do norte e centro da Ásia então conhecido como Tartária, um termo que também era confundido com o próprio Império Mongol, pelo fato de Gengis Khan ter incorporado aos seus domínios várias tribos das estepes que se reuniam numa confederação de povos tártaros. Uma missão diplomática da Companhia das Índias Orientais à corte do Grande Cham, líder mogol que acabara de conquistar a China, foi realizada entre 1655 e 1657, e Neville pôde ler tudo sobre as tentativas holandesas de obter acesso às riquezas chinesas no relato escrito e publicado por Johan Nieuhof (1618-1672) em 1665, *Het gezantschap der Neerlandtsche Oost-Indische Compagnie, ann den grooten Tartarischen Cham, dentegenwoordigen Keizer van China* (KEULEMANS, 2017, p. 199).

¹²⁸ Ingleses, holandeses, portugueses e espanhóis, no século XVII, possuíam interesses coloniais e mercantis que os colocavam em disputa no cenário das rotas que passavam pela costa africana e cruzavam o Índico. Ao chegarem ao Sudeste Asiático, deparavam-se com uma complexa rede de impérios e culturas que existia muito antes de os europeus sequer pensarem em partir de seus portos, e com a qual tinham que lidar muito mais por meios políticos e fazendo alianças do que pela força, dadas as distâncias e logística envolvidas nessas empreitadas naquele momento.

¹²⁹ Em hindu, Kozhikode, importante porto na costa Malabar da Índia, onde aportou Vasco da Gama em 1498. Após um período sob domínio português entre 1513 e 1525, passou ao controle holandês e foi essencial para as atividades comerciais da Companhia das Índias Orientais.

¹³⁰ Grafia variante de *Brahmans* ou *Brahmins*, em português, Brâmanes, os hindus da mais alta casta.

dê a alguns desses Brachmain¹³¹, o controle de sua Cama Nupcial, por essa razão, não os Reis, mas os filhos das irmãs do Rei o sucedem no Reino¹³², como sendo mais certamente conhecido serem do verdadeiro sangue real. E essas suas irmãs escolhiam o cavalheiro a quem queriam conceder suas virgindades: e se elas não provam em certo tempo estarem grávidas, devem se entregar a esses varões brachmain, que nunca deixam de fazer seu trabalho.

O povo é indiferentemente civilizado e engenhoso. Tanto os homens como as mulheres imitam uma majestade em seus modos e trajes (que cuidam com óleos e perfumes), adornando-se com joias e outros ornamentos adequados a cada uma de suas categorias e qualidades.

Eles têm muitos costumes estranhos entre si que observam muito estritamente. Em primeiro lugar, não conhecem suas esposas antes de que elas tenham dado à luz dois filhos; em segundo lugar, deixam de acompanhá-las se depois de cinco anos de coabitação não puderem ter nenhuma descendência, mas levam outras em seus quartos; em terceiro lugar, nunca são recompensados por qualquer façanha militar, a menos que tragam consigo a cabeça de um inimigo nas mãos, mas o que é mais estranho, e de fato mais bárbaro, é que quando algum de seus amigos adoece, eles preferem matá-lo do que vê-lo definhando pela doença. Assim, vejam que há pouco emprego lá para os médicos, quando se fica doente o passo seguinte é ser morto, ou talvez as pessoas possam preferir se matar, do que deixar aos médicos fazerem isso.

Tendo despachado nossos negócios e carregado novamente nosso navio, deixamos Calicute e lançamo-nos ao mar, e costeamos ao longo de várias ilhas pertencentes à Índia. Em Camboia¹³³ encontrei-me com nosso velho amigo, o senhor David Prire, que ficou muito feliz em me ver, a quem relatei nossa descoberta da Ilha dos Pines, da mesma maneira que lhe relatei. Estava ele então recém-recuperado de uma febre, o ar daquele lugar não lhe era agradável. Ali fizemos uma boa carga de aloés e algumas outras mercadorias, e abastecemos nosso navio para nosso retorno para casa.

Depois de quatro dias navegando, encontramos dois navios portugueses que vinham de Lisboa, um dos quais, em uma tempestade, perdeu o mastro superior e foi em parte forçado a ser rebocado pelo outro. Não tivemos mau tempo no espaço de onze dias, mas então uma repentina tempestade com fortes ventos nos prejudicou muito em nossas investidas e varreu um de nossos marinheiros do castelo de proa. O dia 6 de novembro nos pareceu ter sido um dia fatal, nosso navio batendo duas vezes em uma rocha, e à noite correu o risco de ser incendiado pela negligência de um menino que descuidadamente deixou uma vela na sala de armas. No dia seguinte fomos perseguidos por um pirata de Argiere¹³⁴, mas pela rapidez de nossas velas o ultrapassamos. Em primeiro de dezembro, voltamos a Madagascar, onde nos abastecemos de novo de alimentos e água.

As próprias pessoas aqui são muito pouco hospitaleiras e traiçoeiras, dificilmente sendo atraídas para o comércio com qualquer pessoa; e agora, essa calamidade acontecendo sobre eles, enfureceu-os tanto contra os cristãos (atribuindo todas essas calamidades à causa deles), que caíram sobre alguns

¹³¹ Idem.

¹³² A sucessão matrilinear feminina era praticada em algumas partes do Oriente para garantir a linhagem real, já que um governante nunca poderia ter plena certeza da paternidade de sua descendência, mas sim da maternidade de sua irmã, a cujos filhos eram transmitidos os títulos e cargos de comando (BRUCE, 1999a, p. 242, segunda nota).

¹³³ Muito provavelmente trata-se, no texto original, de um erro tipográfico, e Neville quis registrar que, depois de ir mais ao sul na costa indiana e aportar alguns dias em Calicute, a embarcação de Van Sloetten teria retornado a Cambaia para os últimos apertos antes de partir rumo à Europa. Nas diversas versões do texto em outros idiomas, ainda à época de Neville e nos séculos seguintes, o equívoco foi mantido.

¹³⁴ Trata-se de Argel. A cidade abrigava uma base corsária nos séculos XVII e XVIII, e por isso suas embarcações eram muito temidas pelos navios europeus ao longo da Idade Moderna.

Portugueses e os feriram, e nós, vendo suas ações maliciosas, com toda a rapidez que pudemos, lançamo-nos ao mar novamente e navegamos para a Ilha de Santa Helena.

Ali ficamos todas as festas de Natal, que eram muito celebradas pelo Governador, sob o Rei da Espanha. Nos guarnecemos de todas as necessidades que desejávamos, mas, ao partirmos, nosso velho conhecido, o senhor Petrus Ramazina, vindo em um bote da Isle del Principe, ou Ilha do Príncipe, atrasou nossa partida pelo espaço de dois dias, pois tanto eu quanto nosso comissário tínhamos negócios emergentes com ele, ele estando preocupado com aqueles assuntos sobre os quais lhe escrevi em abril passado. Na verdade, não pudemos deixar de reconhecer suas cortesias para conosco, das quais sabes que ele nunca se poupa.

Em 1º de janeiro voltamos a içar as velas, tendo um vento forte e próspero, tocamos as Canárias, mas não nos demoramos, desejosos então de ver nossa pátria. Mas os Ventos estiveram muito contra nós pelo espaço de uma semana. Por fim, fomos agraciados com uma ventania suave, que nos trouxe alegremente, embora de repente fôssemos atingidos de novo em uma descarga: um marinheiro do mastro principal descobriu cinco navios, o que nos deixou a todos com grande medo, estando ricamente carregados e não muito bem providos de defesa. Mas se aproximando, descobrimos que eram zelandeses e nossos amigos. Depois de muitos outros acontecimentos que nos sucederam, não muito dignas de nota, finalmente chegamos em casa em segurança, em 26 de maio de 1668.

Assim, senhor, dei-lhe uma breve, mas verdadeira Relação de nossa viagem. Era o que eu estava mais disposto a fazer, para evitar cópias falsas que poderiam se espalhar dessa natureza. Quanto à própria Ilha dos Pines, que me levou a escrever esta Relação, suponho que seja uma coisa tão estranha que dificilmente lhe darão crédito. Embora talvez conheçam pessoas, especialmente considerando que nossa última época é tão cheia de descobertas, que este lugar deve permanecer adormecido por tanto tempo, outros eu conheço, tais Nullifidians¹³⁵ que não acreditarão em nada além do que veem, nos aplicando esse provérbio, ‘Para que os Viajantes possam mentir com autoridade’¹³⁶. Mas senhor, ao lhe escrever, não questiono, mas para dar crédito, já que conheces minha disposição para rechaçar a divulgação de falsidades. Vou lhe pedir que transmita esta minha relação ao Sr. W.W. e o Sr. P.L., lembrando-se de mim com muita gentileza, sem esquecer meu velho conhecido, Sr. J.P. e Sr. J.B. Sem mais para o momento, mas apenas com meus melhores respeitos e a seu segundo, me despeço,

Seu na melhor amizade,

Henry Cornelius Van Sloetten.

22 de julho de 1668.

¹³⁵ Segundo o *Oxford English Dictionary*, “uma pessoa sem fé ou crença religiosa, descrente”. Há registro do uso do termo em 1560, derivado do prefixo latino *nulli-*, combinando a forma *nullus* (nulo, sem) + *fides* (fé). Passa a ser comum seu uso como um adjetivo pejorativo nas ilhas britânicas por volta de 1620. Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

¹³⁶ Neville joga com a própria mentira de todo o seu texto ao repetir, ao seu final, um provérbio muito comum nos relatos dos viajantes de língua inglesa à sua época, como que lhe concedendo, ainda mais, um manto de autenticidade, “That Travellers may lie by authority”. São diversos os registros de crônicas de viagens verdadeiras, de diferentes autores, que trazem esse provérbio (SCHLECK, 2006, p. 789).

PÓS-ESCRITO.

Uma coisa sobre a Ilha dos Pines, que eu quase havia esquecido. Tínhamos conosco um irlandês chamado Dermot Conelly, que anteriormente estivera na Inglaterra e ali aprendera a tocar gaita de foles, que levava consigo para o mar. No entanto, ele era tão ignorante que tinha esquecido completamente sua língua, mas ainda mantinha sua arte de tocar gaita de foles, no que ele tinha um prazer extraordinário. Estando um dia em terra na Ilha dos Pines, ele tocou para eles, mas ver a admiração daquelas pessoas nuas por ele, o teria deixado admirado. Muito tempo se passou antes que pudéssemos convencê-los de que não era uma criatura viva, embora pudessem tocá-la e senti-la. E, embora as pessoas fossem muito inteligentes, retendo grande parte da engenhosidade e bravura da nação inglesa, ainda assim não tinham meios tão felizes de se expressar. A esse respeito, podemos considerá-los afortunados, pois, possuindo pouco, desfrutam de todas as coisas, contentando-se com o que têm, carecendo daquelas seduções para o mal com as quais nossos países europeus são enriquecidos. Não devo me estender mais. Sem dúvida, o tempo fará com que esta ilha seja melhor conhecida do mundo; tudo o que direi dela é que é um lugar enriquecido com a abundância da natureza, carente em nada que conduza à sustentação da vida do homem, se fosse adubada pela agricultura e jardinagem, como outros de nossos países europeus, sem dúvida seria igual, se é que não excedesse, muitos que agora passam por louváveis.

FIM



4. AO MODO DE UM ARREMATE: TRADUZIR UM TEXTO FORA DE SEU TEMPO

Se a essência da atuação do tradutor é transplantar um texto de uma cultura a outra, por meio de uma leitura que é ao mesmo tempo original e singular, também como afirmou Antoine Berman, não se pode esquecer que

[...] o tradutor é ambivalente. Ele quer forçar os dois lados: forçar sua língua a ser sobrecarregada com estranheza, forçar a outra língua a derivar em sua língua materna. Ele quer ser um escritor, mas é apenas um reescritor. Ele é um autor – e nunca O Autor. Seu trabalho como tradutor é uma obra, mas não é A Obra. Essa rede de ambivalências tende a deformar o puro objetivo da tradução e a se enxertar num sistema ideológico deformante [...]. Reforçando-o.¹³⁷

Trazer para a própria língua materna um texto de mais de 350 anos, como *The Isle of Pines* coloca, então, um duplo problema para o tradutor, já que além da inegável estranheza da língua estrangeira, haverá também a inexorável bruma do tempo a anuviar significados e dificultar a compreensão de usos e sentidos de uma narrativa pensada para um público muito específico e um contexto sociopolítico singularíssimo, como já foi aqui tratado anteriormente.

Que caminhos, então, escolher nessa jornada? Como tratar um texto que é, ao mesmo tempo, obra literária, libelo político, peça filosófica e precursor de todo um gênero, como as *robinsonades*? Devo destacar que sem minha formação como historiadora, docente de História Moderna, e meu conhecimento sobre a Inglaterra seiscentista dos Stuart, certamente a tarefa teria sido praticamente impossível, o que suscita outra questão interessante a discutir acerca da tradução de determinados textos: é realmente possível ao tradutor executar determinada tarefa sem um determinado tipo de erudição prévia no campo que a circunscreve?

Penso, assim, que uma forma de respeitar e reverenciar a importância de um texto que se está traduzindo – e que pretendi fazer aqui com *The Isle of Pines* – é proceder uma tradução comentada e anotada. Fazer uma análise prévia de seu contexto, situá-lo ao leitor, fazer notas ao longo da tradução esclarecendo termos e situações... Foi justamente a isso que Berman também se referiu em outro trecho de *L'Épreuve de l'étranger*, quando disse que “Nesse sentido, a análise da tradução deve nos ensinar algo sobre a obra, sobre sua relação com sua linguagem e com a linguagem em geral”¹³⁸. É possível, portanto, haver um diálogo entre o texto que se está traduzindo, mesmo que se tente preservar um certo estranhamento

¹³⁷ BERMAN, 1984, p. 18-19. O texto original: “[...] le traducteur est ambivalent. Il veut forcer des deux côtés : forcer sa langue à se lester d'étrangeté, forcer l'autre langue à se dé-porter dans sa langue maternelle. Il se veut écrivain, mais n'est que ré-écrivain. Il est auteur – et jamais L'Auteur. Son œuvre de traducteur est une œuvre, mais n'est pas L'Œuvre. Ce réseau d'ambivalences tend à déformer la pure visée traductrice et à se greffer sur le système idéologique déformant [...]. A le renforcer”.

¹³⁸ BERMAN, 1984, p. 20. O texto original: “En ce sens, l'analytique de la traduction devrait nous apprendre quelque chose sur l'oeuvre, sur le rapport de celle-ci à sa langue et au langage en général”.

em sua prosódia, como forma de manter o distanciamento temporal que o caracteriza enquanto narrativa e remete ao tempo em que foi engendrado, e as notas e comentários que o atualizam ao leitor do tempo presente, na língua de chegada, a mesma do tradutor.

Não se pode negar que, assim como Johannes Kabatek sustentou acerca da historicidade dos textos, ao tratar da linguística histórica¹³⁹, *The Isle of Pines* pertence a uma determinada tradição discursiva, que deve ser, no meu entendimento, respeitada ao vertê-lo da Língua Inglesa de meados do seiscentos para a Língua Portuguesa de hoje. Para fazer isso, tentei aproximar a linguagem do texto de chegada àquela presente em textos da América portuguesa e mundo colonial português do século XVII¹⁴⁰, especialmente pelo fato de que, possivelmente, essa tradução vá interessar a um público especializado da área de História, que trabalhe / pesquise o contexto do período da Restauração dos Stuart e/ ou os textos utópicos ingleses do século XVII. Nesse sentido, tanto tentei preservar a tradição cultural que Neville imprimiu a seu texto, embebida daquilo que Kabatek denomina de *alteridade primária*¹⁴¹, como também procurei esclarecer, por meio dos comentários iniciais e das notas à tradução, o contexto de inserção da narrativa presente em *The Isle of Pines*, os motivos de suas metáforas, as camadas e dobras de seu texto que escondem sentidos múltiplos e, desse modo, aproximar o leitor brasileiro da realidade longínqua em que tal obra foi engendrada. De fato, me baseei na ideia de *legibilidade* a que se refere Lawrence Venuti quando afirma que uma estratégia de tradução semelhante a essa que adotei “busca expandir o leque de práticas de tradução”¹⁴².

Ainda assim, o recurso à tradução comentada e, mais ainda, às notas no texto traduzido não é um ponto pacífico na prática tradutória. Como Pascale Sardin já salientou, há uma década e meia:

Os comentários suscitados pela famosa nota do tradutor são tão numerosos quanto variados porque a N. do T. é debatida, assim como a questão de sua necessidade, que é inseparável dela. Quer despertem a irritação ou a admiração dos críticos, acolhidas como uma homenagem à ‘diferença fraterna’, que separa línguas e culturas ou mesmo considerada como um ‘último recurso’, as notas nos lembram que a tradução é um jogo de escrita(s) com regras nunca estabelecidas, sempre a serem negociadas e, por essência, polêmicas. A tradução exige comentários e posições críticas, e não é de surpreender que o tradutor às vezes prefacie seu texto com uma longa nota introdutória onde ele explica, ou se explica, ou seja, ele pratica a exegese ou a justificativa; porque, se no nível macroestrutural uma tradução é, como produto acabado, muitas vezes objeto de um juízo de valor, decretada ‘boa’ ou ‘ruim’, ‘fiel’ ou ‘infiel’, provavelmente é porque no nível microestrutural pressupõe um exercício recorrente de interpretação, uma arte de variantes e de escolha, da qual a N. do T. participa com muita naturalidade.¹⁴³

¹³⁹ KABATEK, 2004, p. 160.

¹⁴⁰ Como pesquisadora no campo da História Colonial brasileira e da História Moderna, tenho ampla experiência no trato com esse tipo de textos e com a linguagem e terminologia presente neles, daí a minha escolha.

¹⁴¹ KABATEK, 2004, p. 162.

¹⁴² VENUTI, 2021, p. 77.

¹⁴³ SARDIN, 2007, p. 121. O texto original: “Les commentaires suscitéés par la fameuse note du traducteur sont aussi nombreux que variés car la N. D. T. fait débat, tout comme la question de sa nécessité qui lui est inséparable. Qu’elles suscitent l’irritation ou l’admiration des critiques, accueillies comme un hommage à la ‘différence fraternelle’, qui sépare langues et cultures ou

Exegese e justificativa estão presentes na tradução comentada e anotada, nisso concordo com Sardin, e estão neste trabalho. Mas as notas são também, assim como aponta o mesmo Sardin, um hiato, a minha intromissão no texto traduzido de *The Isle of Pines*:

A nota sinaliza um hiato, o jogo diferencial que afeta todo o texto traduzido. Lugar de emergência da própria voz do tradutor, ela trai, o mais próximo possível do texto, a natureza dialógica da tradução e o conflito de autoridade que ali se tece.¹⁴⁴

Afinal, como Lawrence Venuti aponta, não se pode esquecer que “a tradução é uma dupla escritura, uma reescritura do texto estrangeiro conforme valores culturais domésticos, [e] qualquer tradução demanda uma dupla leitura – como comunicação e registro interpretativo”¹⁴⁵. E foi esse o sentido pretendido com este trabalho, comunicar e interpretar *The Isle of Pines* sob o olhar da Língua Portuguesa, de modo que pudesse ser compreendido por um leitor do século XXI, mas sem perder sua historicidade, ou seja, a ligação com o tempo em que o texto original foi engendrado, em que tudo nos era estrangeiro, literalmente.



bien encore considérées comme un ‘dernier recours’, les notes nous rappellent que la traduction est un jeu d’écriture(s) aux règles jamais établies, toujours à négocier, et par essence polémique. La traduction appelle le commentaire critique et les prises de position, et il n’est guère surprenant que le traducteur fasse parfois précéder son texte d’une longue note liminaire où il explique, ou s’explique, c’est-à-dire pratique l’exégèse ou la justification; car, si au niveau macrostructurel, une traduction est, comme produit fini, souvent l’objet d’un jugement de valeur, décrétée ‘bonne’ ou ‘mauvaise’, ‘fidèle’ ou ‘infidèle’, c’est probablement qu’au niveau microstructurel, elle suppose un exercice d’interprétation récurrent, un art des variantes et du choix, auquel la N. D. T. prend tout naturellement part”.

¹⁴⁴ SARDIN, 2007, p. 122. O texto original: “La note signale un hiatus, le jeu différentiel qui affecte tout texte traduit. Lieu de surgissement de la voix propre du traducteur, elle trahit, au plus près du texte, la nature dialogique du traduire et le conflit d’autorité qui s’y trame”.

¹⁴⁵ VENUTI, 2021, p. 631.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

BRUCE, Susan (org.). *Three early modern utopias: 'Utopia', 'New Atlantis', 'The Isle of Pines'*. Com Introdução e notas de Susan Bruce. Oxford & Nova York: Oxford University Press, 1999a.

FORD, Worthington Chauncey. *The Isle of Pines by Henry Neville (1668): an Essay in Bibliography*. Boston: The Club of Odd Volumes, 1920. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

RELAÇÃO de um famoso descobrimento da Ilha Pinés e casamento de hum homem com quatro mulheres, e o quanto produzirão em tão pouco tempo, Tudo descoberto por hum navio Olandez da Companhia das Indias Orientaes, como se verá do que se segue nesta Relação, digno na verdade de se ver &c. &c. &c. Lisboa: Na Officina de Ignacio Nogueira Xisto, Anno de 1761. [panfleto de 8 pp., formato *in octavo*]. Disponível em: <https://books.google.com/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

THE ISLE of Pines, or, a late Discovery of a fourth island near *Terra Australis, Incognita* by Henry Cornelius Van Sloetten. London: Printed for Allen Banks and Charles Harper next door to the three Squerrills in Fleet-street, over against St. Dunstons Church, 27 jul. 1668. [panfleto de 44 pp., formato *in octavo*]. Disponível em: <https://books.google.com/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

THE ISLE of Pines, or, a late Discovery of a fourth island near *Terra Australis, Incognita* by Henry Cornelius Van Sloetten. *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006, p. 25-49. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Bibliografia

Artigos e Capítulos de Coletâneas

BAKER, Oliver R. "From there to *Finistère*: finding Henry Neville's *Isle of Pines*". *The Explicator*, Londres, Taylor & Francis, vol. 69, n. 3, 2011, p. 129-132. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

BAKER, Oliver R. "The Frontispiece to *The Isle of Pines*: hints of hoax or satire?". *The Explicator*, Londres, Taylor & Francis, vol. 71, n. 2, 2013, p. 120-126. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BEACH, Adam R. "A profound pessimism about the Empire: *The Isle of Pines*, English degeneracy and Dutch supremacy". *The Eighteenth Century*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 41, n. 1, 2000, p. 21-36. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

BOESKY, Amy. "Nation, miscegenation: membering *Utopia* in Henry Neville's *The Isle of Pines*". *Texas Studies in Literature and Language*, Austin, University of Texas Press, vol. 37, n. 2, 1995, p. 165-184. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRUCE, Susan. "Introduction". In: BRUCE, Susan (org.). *Three early modern utopias: 'Utopia', 'New Atlantis', 'The Isle of Pines'*. Com Introdução e notas de Susan Bruce. Oxford & Nova York: Oxford University Press, 1999b, p. IX-XLII.

COSSUTTA, Carlotta. "Margaret Cavendish: Science and Women's Power Through the *Blazing World*". In: EBBERSMEYER, Sabrina & PAGANINI, Gianni (orgs.). *Women, Philosophy and Science: Italy and Early Modern Europe*. Cham, Suíça: Springer, 2020, p. 105-122.

COTTI-LOWELL, Alisson Fanous. "The Pineapple and Colonial Enterprise in Henry Neville's *The Isle of Pines*". *Texas Studies in Literature and Language*, vol. 59, n. 2, 2017, p. 209-233. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CRESSY, David. "Early Modern Space Travel and the English Man in the Moon". *The American Historical Review*, vol. 111, n. 4, out. 2006, p. 961-982. Disponível em: <https://academic.oup.com/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

DAVIS, James Colin. "Utopianism". In: BURNS, J. H. & GOLDIE, Mark (orgs.). *The Cambridge History of Political Thought (1450-1700)*. Cambridge, UK & Nova York: Cambridge University Press, 1994, p. 329-344.

DUPEYRON-LAFAY, Françoise. "The posterity of Henry Neville's *The Isle of Pines* (1668), the Restoration matrix of Robinsonades and island narratives". In: PERALDO, Emmanuelle (org.). *300 Years of Robinsonades*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020, p. 16-30.

ECO, Umberto. "As ilhas da Utopia". In: ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013a, p. 305-325.

FRANSEE, Emily Lord. "Mistress of a New World Early Science Fiction in Europe's 'Age of Discovery'". *The Public Domain Review*, Londres, 11 out. 2018. Publicação eletrônica. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/essay/mistress-of-a-new-world-early-science-fiction-in-europes-age-of-discovery>. Acesso em: 20 jun. 2022.

- GURNEY, John. "Gerrard Winstanley's The Law Of Freedom: Context and Continuity". In: AVILÉS, Miguel A. Ramiro & DAVIS, James Colin (orgs.). *Utopian moments: reading utopian texts*. Londres: Bloomsbury Academic, 2012, p. 47-52.
- HARDY, Nat. "Euphemizing Utopia: representing sex and violence in the *The Isle of Pines*' frontispiece". *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006, p. 99-107. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- HUTTON, Sarah. "The Man in the Moone and the New Astronomy: Godwin, Gilbert, Kepler". *Études Épistémè – Revue de Littérature et de civilisation (XVI^e – XVIII^e siècles)*, n. 7, 2005. Publicação eletrônica. Disponível em: <http://journals.openedition.org/episteme/2815>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- KABATEK, Johannes. "Sobre a historicidade dos textos". *Linha d'Água*, São Paulo, USP, n. 17, 2004, p. 160-167. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37270>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- KEULEMANS, Paize. "Tales of an Open World: The Fall of the Ming Dynasty as Dutch Tragedy, Chinese Rumor, and Global News". In: ELMAN, Benjamin A. & LIU, Chao-Hui Jenny (orgs.). *The 'Global' and the 'Local' in Early Modern and Modern East Asia*. Leiden & Boston: Brill, 2017, p. 192-220.
- KOTKIN, Stephen. "Defining Territories and Empires: from Mongol Ulus to Russian Siberia 1200-1800". *SRC Winter Symposium: Socio-Cultural Dimensions of the Changes in the Slavic-Eurasian World*. 30 jan./ 1^o fev. 1997. Disponível em: <http://src-h.slav.hokudai.ac.jp/sympo/Proceed97/Kotkin1.html>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- LIEBEL, Silvia. "Utopias: entre a ideia e o gênero literário". In: LIEBEL, Silvia (org.). *Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 11-22.
- MAHLBERG, Gaby. "The publishing history of *The Isle of Pines*". *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006a, p. 93-98. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- MAHLBERG, Gaby. "Historical and political contexts of *The Isle of Pines*". *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006b, p. 111-129. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- MAHLBERG, Gaby. "The critical reception of *The Isle of Pines*". *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006c, p. 133-142. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- MAHLBERG, Gaby M. "Authors losing control: the European transformations of Henry Neville's *The Isle of Pines* (1668)". *Book History*, Baltimore, Johns Hopkins University Press, vol. 15, 2012c, p. 1-25. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- MAHLBERG, Gaby. "Neville's utopian vision". In: MAHLBERG, Gaby. *The English Republican exiles in Europe during the Restoration*. Cambridge, UK & Nova York: Cambridge University Press, 2020, p. 231-264.
- MALTZAHN, Nicholas Von. "Henry Neville (1620-1698)" [verbete]. *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- MARGARIT, Lucas. "Introducción a *La isla de los Pines* de Henry Neville". In: MARGARIT, Lucas & MONTES, Elna (orgs.). *Textos utópicos em la Inglaterra del siglo XVII – Tomo I: Utopias y organización social*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras/ Universidad de Buenos Aires, 2014, p. 23-54.
- MILLS, Dan. "Henry Neville and the Isle of Pines: Author, translator and the political project of print". In: HINKS, John & GARDNER, Victoria E. M. (orgs.). *The Book Trade in Early Modern England: Practices, perceptions, connections*. New Castle, EUA: Oak Knoll Press; Londres: The British Library, 2014, p. 187-208.
- MILLS, Dan. "Pornographic Miscegenation and Dystopic Apocalypse in Henry Neville's *The Isle of Pines*". In: MILLS, Dan. *Lacan, Foucault, and the Malleable Subject in Early Modern English Utopian Literature*. Nova York & Londres: Routledge, 2020, p. 208-227.
- MORAES, Helvio. "A republican's criticism of patriarchal rule in Henry Neville's *The Isle of Pines*". *Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, UNICAMP, n. 8, 2012, p. 77-84. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- MORAES, Helvio. "Uma utopia digger: *Um Programa para a Lei da Liberdade*, de Gerrard Winstanley (1652)". *Morus – Utopia e Renascimento*, Campinas, UNICAMP, n. 12, 2017, p. 183-196. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- PERALDO, Emmanuelle. "Introduction: 300 Years of Robinsonades". In: PERALDO, Emmanuelle (org.). *300 Years of Robinsonades*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020, p. 1-13.
- POCOCK, J. G. A. "Historical Introduction". In: POCOCK, J.G.A. (org.). *The Political Works of James Harrington: Part One*. Cambridge; Londres; Nova York; Melbourne: Cambridge University Press, 1977, p. 1-152.

- POHL, Nicole. "Utopianism after More: The Renaissance and Enlightenment". In: CLAEYS, Gregory (org.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge, UK & Nova York: Cambridge University Press, 2010, p. 51-78.
- RUTKOWSKI, Paweł. "Henry Neville's *The Isle of Pines*: A Pornotopia or New Eden?". *Acta Philologica*, n. 29, 2003, p. 21-26. Disponível em: <https://acta.wn.uw.edu.pl/>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- SANDERSON, Marie. "The Classification of Climates from Pythagoras to Koeppen". *Bulletin of the American Meteorological Society*, vol. 80, n. 4, abr. 1999, p. 669-673. Disponível em: <https://www.jstor.org/>. Acesso em: 18 mai. 2022.
- SARDIN, Pascale. "De la note du traducteur comme commentaire : entre texte, paratexte et prétexte". *Palimpsestes – Revue de Traduction*, Paris, n. 20, 2007, p. 121-136. Disponível em: <https://journals.openedition.org/palimpsestes/99>. Acesso em: 08 jul. 2022.
- SCHLECK, Julia. "Plain Broad Narratives of Substantial Facts: Credibility, Narrative, and Hakluyt's Principall Navigations". *Renaissance Quarterly*, vol. 59, n. 3, 2006, p. 768-794. Disponível em: <https://www.cambridge.org/>. Acesso em: 13 jun. 2022.
- SERRAS, Adelaide Meira. "The Isle of Pines: an imperfect utopia". *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, vol. 79, nov. 2019, p. 71-87. Disponível em: <https://riull.uill.es/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- SILVA, Pedro Eduardo Batista Ferreira da. "James Harrington e a tradição republicana na Inglaterra do século XVII". *Em Tempo de Histórias*, Brasília, PPGHis-UnB, n. 26, jan./ jun. 2015, p. 66-83. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/14803>. Acesso em: 19 jun. 2022.
- STILLMAN, Peter G. "Monarchy, disorder and politics in *The Isle of Pines*". *Utopian Studies*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, vol. 17, n. 1, dossiê "The Isle of Pines", 2006, p. 147-175. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- THELL, Anne M. "The power of transport, the transport of power: Margaret Cavendish's *Blazing World*". *Women's Studies*, n. 37, 2008, p. 441-463. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- THORNBURY, Walter. "Fleet Street: General Introduction". In: THORNBURY, Walter. *Old and New London – Volume 1*. Londres: Cassell, Petter & Galpin, 1878a, p. 32-53. Disponível em: <https://www.british-history.ac.uk/old-new-london/vol1/>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- THORNBURY, Walter. "Covent Garden". In: THORNBURY, Walter. *Old and New London – Volume 3*. Londres: Cassell, Petter & Galpin, 1878b, p. 238-286. Disponível em: <https://www.british-history.ac.uk/old-new-london/vol3/>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- TREVOR-ROPER, Hugh. "Three Foreigners: The Philosophers of the Puritan Revolution". In: TREVOR-ROPER, Hugh. *The Crisis of the Seventeenth Century: Religion, The Reformation and Social Change*. 7ª ed. Indianápolis: Liberty Fund, 2012 [1967], p. 219-271.
- VIEIRA, Fátima. "The concept of Utopia". In: CLAEYS, Gregory (org.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge, UK & Nova York: Cambridge University Press, 2010, p. 3-27.
- WEBER, Harold. "Charles II, George Pines, and Mr. Dorimant: The Politics of Sexual Power in Restoration England". *Criticism – A Quarterly for Literature and the Arts*, vol. 32, n. 2, 1990, p. 193-219. Disponível em: <http://www.jstor.org/>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- WEBSTER, Charles. "The Authorship and Significance of Macaria". *Past & Present*, n. 56, ago. 1972, p. 34-48. Disponível em: <https://www.jstor.org/>. Acesso em 17 jun. 2022.
- ZALLER, Robert. "Henry Robinson (bap. 1605, d. 1673)" [verbete]. *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Livros

- BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.
- BOESKY, Amy. *Founding fictions: Utopias in early modern England*. 5ªed. Athens, EUA & Londres: The University of Georgia Press, 2000 [1996].
- CHARTIER, Roger. *Mobilidade e materialidade dos textos: traduzir nos séculos XVI e XVII*. Tradução de Marlon Salomon e Raquel Campos. Chapecó: Editora da Unochapecó; Salvador: EDUFBA, 2020.
- ECO, Umberto. *História das terras e lugares lendários*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013b.

- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia da Letras, 2010 [2009].
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009 [1987].
- HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. Tradução e apresentação de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1972].
- KENDI, Ibram X. *Stamped from the beginning: the definitive history of racist ideas in America*. Nova York: Nation Books, 2016.
- KINANE, Ian. *Theorising literary islands: the Island Trope in contemporary Robinsonades narratives*. Londres & Nova York: Rowan & Littlefield, 2017.
- MATTHEWS, Philip W. & TUKE, Anthony William. *History of Barclays Bank Limited, including the many private and joint stock banks amalgamated and affiliated with it*. Londres: Blades, East & Blades Ltd., 1926. Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 17 mar. 2022.
- PARISH, Jolyon C. *The Dodo and the Solitaire: A Natural History*. Bloomington: Indiana University Press, 2012.
- RACAULT, Jean-Michel. *Nulle part et ses environs: voyage aux confins de l'utopie littéraire classique (1657-1802)*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.
- SCHECKTER, John. *The Isle of Pines, 1668: Henry Neville's uncertain Utopia*. Londres & Nova York: Routledge, 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].
- VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéa Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora UNESP, 2021 [1995].

Dissertações e Teses

- BALDO, Milene Cristina da Silva. *'Nova Solyma' (1648), de Samuel Gott: a formação do homem de estado para uma sociedade de cristãos reformados*. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- HARDY, Nat W. *The Naughty Pines: Henry Neville's The Isle of Pines as literary hoax*. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa). McMaster University. Hamilton (Ontário, Canadá), 1993. Disponível em: <http://digitalcommons.mcmaster.ca/>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- ROLING, Laura. *Henry Neville's 'The Isle of Pines': a peculiar Utopia*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Cultura Inglesas). Universiteit van Amsterdam. Amsterdã, 2013. Disponível em: <https://www.scriptsionline.uba.uva.nl/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

Obras de referência

- AZEVEDO, Fernando de. *Pequeno dicionário latino-português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- HARPER, Douglas. *Online Etymology Dictionary*. St. Lancaster, EUA: Edição do Autor, 2022. Recurso digital [sítio eletrônico]. Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- McKECHNIE, Jean L. (coord.). *Webster's New Twentieth Century Dictionary of the English Language Unabridged*. 2ª ed. Nova York: Collins World Publishing, 1977.
- PORTO Editora. *Dicionário Latim-Português/ Português-Latim*. Porto: Porto Editora, 2012.

Software

- SDL GROUP. *SDL Trados Studio 2019 Professional*. Versão 15.0.1.36320. Londres: SDL Group, 2018. [1 programa executável].

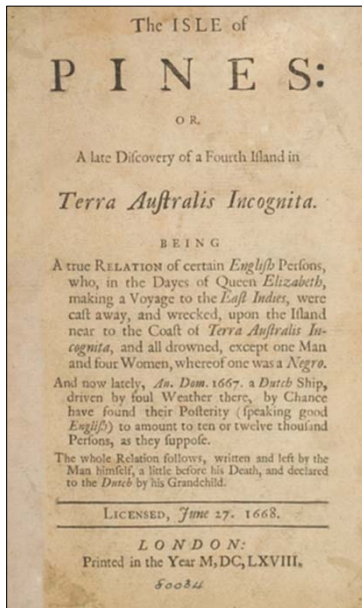
Web Site

- Instituut voor de Nederlandse Taal (Instituto de Língua Holandesa)
Disponível em: <https://ivdnt.org/>. Acesso em 20 mar. 2022.



ANEXOS

Anexo A – Folha de Rosto da 1ª edição de *The Isle of Pines*, de 27 de junho de 1668.



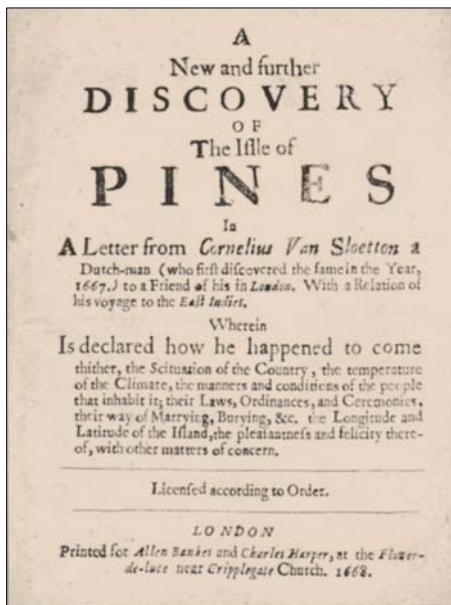
Folha de rosto da 1ª edição de *The Isle of Pines*, panfleto de 16 páginas em formato *in octavo*, publicado em Londres em 27 de junho de 1668.

Esta versão não contém as cartas atribuídas ao marinheiro holandês Van Sloetten e que dão testemunho da “descoberta”.

Acervo da New South Wales State Library, Sydney, Austrália.

Disponível em: <https://digital.sl.nsw.gov.au/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Anexo B – Folha de Rosto da 2ª edição de *The Isle of Pines*, de 22 de julho de 1668.



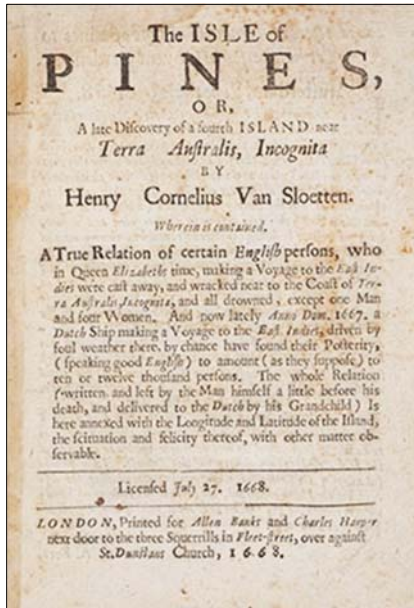
Folha de rosto da 2ª edição de *The Isle of Pines*, panfleto de 24 páginas em formato *in quarto*, publicado em Londres em 22 de julho de 1668.

Esta versão contém uma primeira redação das cartas atribuídas ao marinheiro holandês Van Sloetten e que dão testemunho da “descoberta”.

Acervo da The British Library, Londres, Reino Unido.

Disponível em: <https://www.bl.uk/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Anexo C – Folha de Rosto da 3ª edição de *The Isle of Pines*, de 27 de julho de 1668.



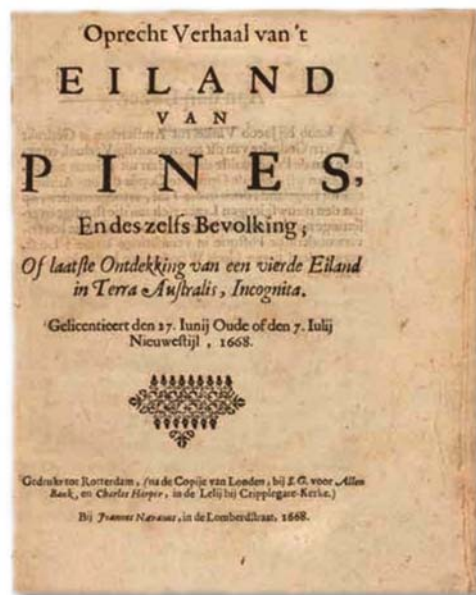
Folha de rosto da 3ª edição de *The Isle of Pines*, panfleto de 44 páginas em formato *in octavo*, publicado em Londres em 27 de julho de 1668.

Esta versão contém a redação definitiva das cartas atribuídas ao marinheiro holandês Van Sloetten e que dão testemunho da “descoberta”.

Acervo da New South Wales State Library, Sydney, Austrália.

Disponível em: <https://digital.sl.nsw.gov.au/>. Acesso em: 17 mar. 2022.

Anexo D – Folha de Rosto da terceira edição holandesa de *The Isle of Pines*, de 1668.



Folha de rosto de *Oprecht Verhaal van 't Eiland van Pines*, panfleto de 20 páginas em formato *in quarto*, publicado em Roterdã, em 1668.

É uma tradução baseada no texto da 3ª edição de *The Isle of Pines*.

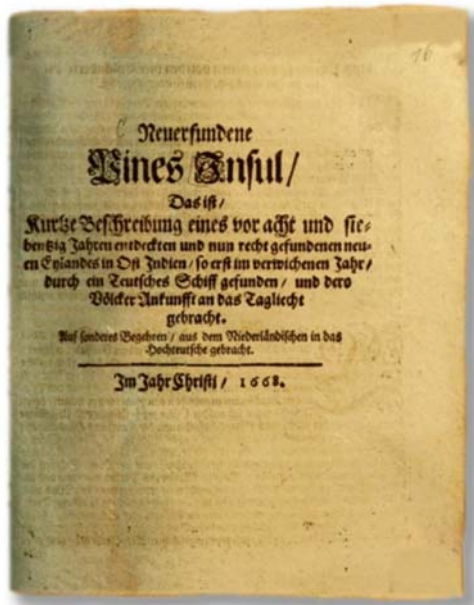
Exemplar colocado à venda pela Hordern House Rare Books, de Sidney, Austrália, na Feira de Livros de Nova York de 2020, por US\$ 11.200.

Fonte: *Hordern House Catalogue – New York Book Fair 2020*.

Disponível em: <https://www.hordern.com/dl.php?file=/images/upload/ny2020-elist.pdf&type=pdf>.

Acesso em: 13 jun. 2022.

Anexo E – Folha de Rosto da primeira edição alemã de *The Isle of Pines*, de 1668.



Folha de rosto de *Neuerfundene Pines Insul*, panfleto de 8 páginas em formato *in octavo*, publicado na Alemanha, sem identificação de cidade ou editor, em 1668.

Constitui-se num resumo simplificado do enredo de *The Isle of Pines*, baseado no texto da tradução holandesa da 1ª edição.

Acervo da Staatliche Bibliothek, Regensburg, Alemanha.

Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Anexo F – Folha de Rosto da segunda edição alemã de *The Isle of Pines*, de 1668.



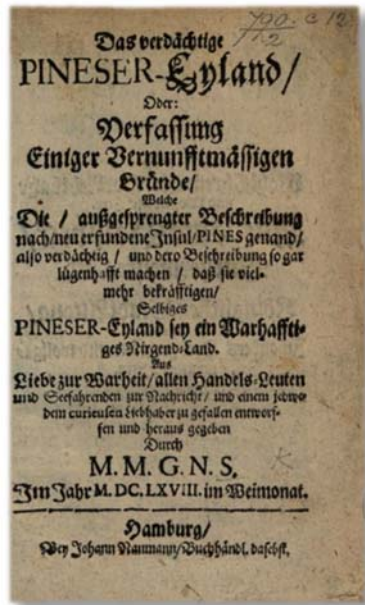
Folha de rosto de *Die neu-entdeckte Insul Pines*, panfleto de 8 páginas em formato *in quarto*, publicado em Frankfurt em 1668.

Constitui-se num resumo simplificado do enredo de *The Isle of Pines*, baseado no texto da tradução holandesa da 1ª edição.

Acervo da John Carter Brown Library, Brown University, Providence, EUA.

Disponível em: <https://archive.org/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

Anexo G – Folha de Rosto da terceira edição alemã de *The Isle of Pines*, de 1668.



Folha de rosto de *Das verdächtige Pineser-Eyland*, panfleto de 32 páginas em formato *in octavo*, publicado em Hamburgo em 1668.

É uma tradução baseada no texto da 3ª edição de *The Isle of Pines*.

Acervo da The British Library, Londres, Reino Unido.

Disponível em: <http://access.bl.uk/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

Anexo H – Folha de Rosto da segunda edição em francês de *The Isle of Pines*, de 1668.



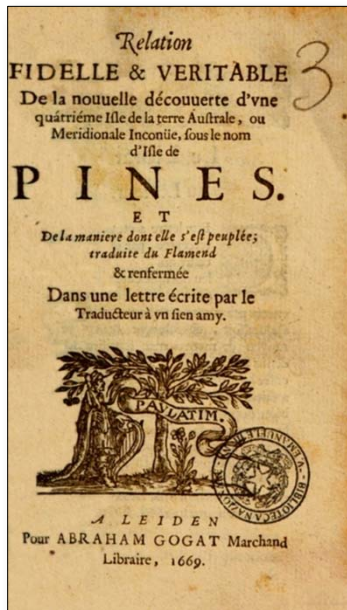
Folha de rosto de *Relation de la decouverte de l'isle de Pines*, panfleto de 12 páginas em formato *in quarto*, publicado possivelmente em Amsterdã, em 1668.

É uma tradução baseada no texto da 3ª edição de *The Isle of Pines*.

Acervo da The British Library, Londres, Reino Unido.

Disponível em: <http://access.bl.uk/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

Anexo I – Folha de Rosto da terceira edição em francês de *The Isle of Pines*, de 1669.



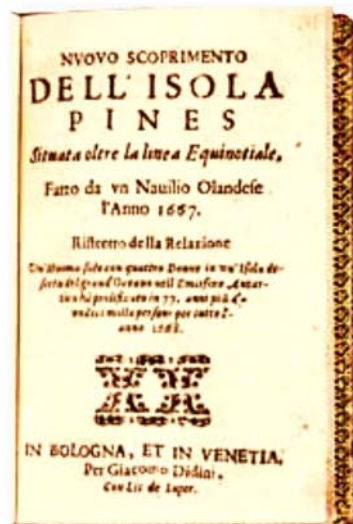
Folha de rosto de *Relation fidelle & veritable de la nouvelle découverte d'une quatrième Isle de la terre Australe, ou Meridionale Inconüe, sous le nom d'Isle de Pines*, panfleto de 44 páginas em formato *in octavo*, publicado em Leiden, em 1669.

É uma tradução baseada no texto da 3ª edição de *The Isle of Pines*.

Acervo da Biblioteca Nazionale di Napoli Vittorio Emanuele III, Nápoles, Itália.

Disponível em: <https://books.google.com.br/>. Acesso em: 03 jun. 2022.

Anexo J – Folha de Rosto da primeira edição italiana de *The Isle of Pines*, de 1668.



Folha de rosto de *Nuovo scoprimento dell'isola Pines*, panfleto de 8 páginas em formato *duodecimo*, publicado em Bolonha em 1668.

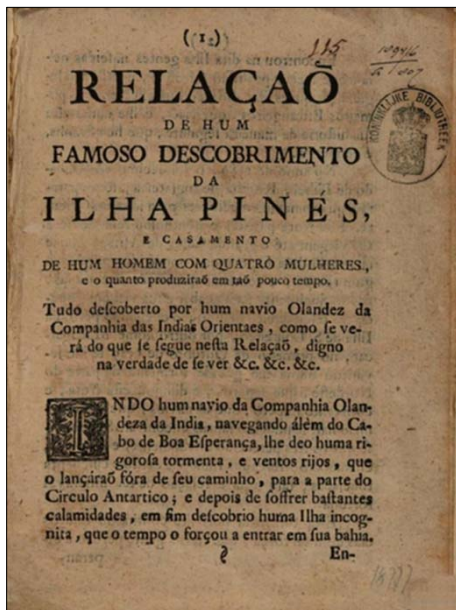
Exemplar colocado à venda em leilão em 2011 pela Hordern House Rare Books, de Sidney, Austrália.

Fonte: *Hordern House Catalogue - The Great South Land*.

Disponível em: https://www.hordern.com/dl.php?file=/images/upload/cat383_2.pdf&type=pdf.

Acesso em: 03 jun. 2022.

Anexo K – Folha de Rosto da edição portuguesa de *The Isle of Pines*, de 1761.



Folha de rosto da *Relação de um famoso descobrimento da Ilha Pinés*, panfleto de 7 páginas, em formato *in quarto*, publicado em Lisboa, na oficina de Ignacio Nogueira Xisto, em 1761. É uma tradução baseada no texto da 1ª versão francesa de *The Isle of Pines*. Acervo da Koninklijke Bibliotheek, Haia, Países Baixos. Disponível em: <https://books.google.com/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

Anexo L – Texto, em Inglês atualizado, da 3ª edição¹⁴⁶ de *The Isle of Pines*, de 27 de julho de 1668.

The ISLE of
PINES,
OR,
A late Discovery of a fourth ISLAND near
Terra Australis, Incognita
BY
Henry Cornelius Van Sloetten.

Wherein is contained.

A True Relation of certain English persons, who in Queen *Elizabeths* time, making a Voyage to the East Indies were cast away, and wracked near to the Coast of Terra Australis, Incognita, and all drowned, except one Man and four Women. And now lately *Anno Dom.* 1667. a Dutch Ship making a Voyage to the *East Indies*, driven by foul weather there, by chance have found their Posterity, (speaking good English) to amount (as they suppose) to ten or twelve thousand persons. The whole Relation (written, and left by the Man himself a little before his death, and delivered to the Dutch by his Grandchild) Is here annexed with the Longitude and Latitude of the Island, the situation and felicity thereof, with other matter observable.

Licensed *July 27,* 1668.

LONDON, Printed for *Allen Banks* and *Charles Harper*
next door to the three *Squerrills* in Fleet-street, over against
St. Dunstons Church, 1668.

¹⁴⁶ É essa a versão do texto em Língua Inglesa que foi traduzida nesta monografia, e conta com 10.307 palavras. O texto foi cotejado com as versões atualizadas publicadas em: BRUCE, 1999a, p. 187-212; THE ISLE, 2006, p. 25-49.

**Two Letters Concerning the Island of Pines to
a Credible Person in Covent Garden**

Amsterdam, June the 29th, 1668

It is written by the last post from *Rochelle*, to a merchant in this city, that there was a *French* ship arrived, the *Master and Company* of which reports that about two or three hundred leagues northwest from Cape *Finis Terre*, they fell in with an Island, where they went on shore and found about 2000 *English* people without clothes, only some small coverings about their middle, and that they related to them that at their first coming to this Island (which was in Queen *Elizabeth's* time) they were but five in number, men and women, being cast ashore by distress or otherwise, and had there remained ever since, without having any correspondence with any other people, or any ship coming to them. This story seems very fabulous, yet the letter is come to a known merchant, and from a good hand in France, so that I thought fit to mention it. It may be that there may be some mistake in the number of the leagues, as also of the exact point of the compass, from *Cape Finis Terre*; I shall enquire more particularly about it. Some *English* here suppose it may be the Island of *Brasile* which have been so oft sought for, southwest from Ireland: if true, we shall hear further about it.

Your friend and brother,
Abraham Keek.

Amsterdam, July the 6th, 1668

It is said that the ship that discovered the Island of which I hinted to you in my last is departed from *Rochelle* on her way to *Zealand*: several persons here have writ thither to enquire for the said vessel, to know the truth of this business. I was promised a copy of the letter that came from *France*, advising the discovery of the island abovesaid, but it's not yet come to my hand; when it cometh, or any further news about this Island, I shall acquaint you with it.

Your friend and brother,
A. Keek.

THE ISLE OF PINES

Discovered near to the coast of *Terra Australis Incognita* by Henry Cornelius Van Sloetten, in a letter to a friend on London declaring the truth of his voyage to the East Indies.

Sir,

I received your letter of this second instant, wherein you desire me to give you a further account concerning the Land of Pines, on which we were driven by distress of weather the last summer. I also perused the printed book thereof you sent me, the copy of which was surreptitiously taken out of my hands, else should I have given you a more fuller account upon what occasion we came thither, how we were entertained, with some other circumstances of note wherein that relation is defective. To satisfy therefore your desires I shall briefly yet fully give you a particular account thereof, with a true copy of the relation itself, desiring you to bear with my blunt phrases, as being more a seaman than a scholar.

April the 26th 1667. We set sail from Amsterdam intending for the East Indies; our ship had to name the place from whence we came: the 'Amsterdam', burthen 350 ton. And having a fair gale of wind, on the 27 of May following we had a sight of the high peak of Tenerife belonging to the Canaries. We have touched at the island Palma, but having endeavoured it twice, and finding the winds contrary, we steered on our course by the isles of Cape Verd, or *Insulae Capitis Veridis*, where at St James's we took in fresh water, with some few goats and hens, wherewith that island doth plentifully abound.

June the 14 we had sight of Madagascar, or the island of St Lawrence, an island of 4000 miles in compass, and situate under the Southern Tropic. Thither we steered our course, and trafficked with the inhabitants for knives, beads, glasses and the like, having exchanged thereof cloves and silver. Departing from thence we were encountered with a violent storm, and the winds holding contrary for the space of a fortnight brought us back almost as far as the *Isle del Principe*; during which time many of our men fell sick, and some died, but at the end of that time it pleased God the wind favoured us again, and we steered on our course merrily for the space of ten days, when on a sudden we were encountered with such a violent storm as if all the four winds together had conspired for our destruction, so that the stoutest spirit of all of us quailed, expecting every hour to be devoured by that merciless element of water. Sixteen days together did this storm continue, though not with such violence as at the first, the weather being so dark all the while and the sea so rough that we knew not in what place we were. At length all on a sudden the wind ceased and the air cleared, the clouds were all dispersed and a very serene sky followed, for which we gave hearty thanks to the Almighty, it being beyond our expectation that we should have escaped the violence of that storm.

At length one of our men, mounting the main mast, espied fire, an evident sign of some country near adjoining, which presently after we apparently discovered, and steering our course more nigher, we saw several persons promiscuously running about the shore, as it were wondering and admiring at what they saw. Being now near to the land, we manned out our long boat with ten persons, who, approaching the shore, asked them in our Dutch tongue, 'Wat Eylant is dit?' To which they returned this answer in English: 'that they knew not what we said.' One of our company named Jeremiah Hanzen who understood English very well, hearing their words discoursed to them in their own language, so that in fine we were very kindly invited on shore, great numbers of them flocking about us, admiring at our cloths which we did wear, as we on the other side did to find in such a strange place so many that could speak English and yet to go naked.

Four of our men returning back in the long boat to our ship's company could hardly make them believe the truth of what they had seen and heard, but when we had brought our ship into harbour you would have blessed yourself to see how the naked islanders flocked unto us, so wondering at our ship as if it have been the greatest miracle of nature in [the] whole world.

We were very courteously entertained by them, presenting us with such food as that country afforded, which indeed was not to be despised: we ate of the flesh both of beasts and fowls (which they had cleanly dressed, though with no great curiosity as wanting materials wherewithal to do it); and for bread we had the inside or kernel of a great nut as big as an apple, which was very wholesome and sound for the body and tasted to the palate very delicious.

Having refreshed ourselves, they invited us to the palace of their prince or chief ruler, some two miles distant off from the place where we landed, which we found to be about the bigness of one of our ordinary village houses. It was supported with rough

unhewn pieces of timber, and covered very artificially with boughs so that it would keep out the greatest showers of rain. The sides thereof were adorned with several sorts of flowers which the fragrant fields there do yield in great variety. The Prince himself (whose name was William Pine, the grandchild of George Pine that was first on shore on this island) came to his palace door and saluted us very courteously, for though he had nothing of majesty in him, yet he had a courteous, noble and debonaire spirit, wherewith your English nation (especially those of the gentry) are very much indued.

Scarce had he done saluting us when his lady or wife came likewise forth of their house or palace attended on by two maid servants. She was a woman of an exquisite beauty, and had on her head, as it were, a chaplet of flowers, which being intermixed with several varieties of colours became her admirably. Her privities were hid with some pieces of old garments, the relics of those cloths (I suppose) of them which first came hither, and yet being adorned with flowers those rags seemed beautiful. And indeed modesty so far prevailed all over the female sex of that island that with grass and flowers interwoven and made strong by the peelings of young elms (which grow there in plenty) they do plant together so many of them as serve to cover those parts which nature would have hidden.

We carried him as a present some few knives (of which we thought they had great need), an axe or hatchet to fell wood (which was very acceptable unto him, the old one which was cast on shore at the first, and the only one which they ever had, being now so quite blunt and dulled that it would not cut at all. Some other things we also gave him which he very thankfully accepted, inviting us into his house or palace, and causing us to sit down with him, where we refreshed ourselves again with some more country viands which were no other than such we had tasted before, prince and peasant here faring alike. Nor is there any difference betwixt their drink, being only fresh sweet water, which the rivers yield them in great abundance.

After some little pause our companion who could speak English by our request desired to know of him something concerning their original, and how that people speaking the language of such a remote country should come to inhabit there, having not, as we could see, any ships or boats amongst them the means to bring them thither, and which was more, altogether ignorant and mere strangers to ships or shipping, the main thing conducive to that means. To which request of ours, the courteous Prince thus replied: 'Friends (for so your actions declare you to be, and shall by ours find no less), know that we are inhabitants of this island of no great standing, my grandfather being the first that ever set foot on this shore, whose native country was a place called England, far distant from this our land, as he led us to understand. He came from that place upon the waters in a thing called a ship, of which no question but you may have heard. Several other persons were in his company, not intending to have come hither (as he said), but to a place called India, when tempestuous weather brought him and his company upon this coast, where falling among the rocks his ship split all in pieces, the whole company perishing in the waters, saving only him and four women, which by means of a broken piece of that ship, by Divine assistance got on land.

'What after passed', said he, 'during my Grandfather's life, I shall show you in a relation thereof written by his own hand which he delivered to my Father (being his eldest Son), charging him to have a special care thereof, and assuring him that time would bring some people or other thither to whom he would have him to impart it, that the truth of our first planting here might not be quite lost. Which his commands my Father dutifully obeyed, but no one coming, he at his death delivered the same with the like charge to me. And you being the first people which (besides ourselves) ever set footing in this island, I shall therefore, in obedience to my Grandfather's and Father's commands, willingly impart the same unto you.'

Then stepping into a kind of inner room, which as we conceived was his lodging chamber, he brought forth two sheets of paper fairly written in English (being the same relation which you had printed with you at London) and very distinctly read the same over unto us, which we harkened unto with great delight and admiration, freely proffering us a copy of the same, which we afterward took and brought away along with us: which copy hereafter followed.

~

A way to the East Indies being lately discovered by sea, to the south of Africa, by certain Portugals, far more safe and profitable than had been heretofore, certain English merchants were encouraged by the great advantages arising from the Eastern commodities, to settle a factory there to the advantage of trade. And having to that purpose obtained the Queen's Royal Licence, Anno Dom. 1589, 11 or 12 Eliz., furnished out for those parts four ships. My master being sent as a factor to deal and negotiate for them, and to settle there, took with him his whole family, that is to say, his wife, and one son of about twelve years of age, and one daughter of about fourteen years, two maidservants, one negro female slave, and myself, who went under him as his bookkeeper. With this company, on Monday the third of April next following, having all necessaries for housekeeping when we should come there, we embarked ourselves in the good ship called the *India Merchant*, of about four hundred and fifty tons burthen; and having a good wind, we on the fourteenth of May had sight of the Canaries, and not long after of the Isles of Cape Vert or Verd, where taking in such things as were necessary for our voyage, and some fresh provisions, we steering our course south, and a point east, about the first of August came within sight of the Island of St Helen, where we took in some fresh water. We then set our faces for the Cape of Good Hope, where by God's blessing [we arrived,] after some sickness, whereof some of our company died, though none of our family. And hitherto we had met with none but calm weather, yet so it pleased God, when we were almost in sight of St Lawrence, an island so called (one of the greatest in the world, as mariners say), we were overtaken and dispersed by a great storm of wind, which continued with such violence many days, that losing all hope of safety, being out of our own knowledge, and whether we should fall on flats or rocks, uncertain in the night, not having the least benefit of the light, we feared most, always wishing for day, and then for land: but it came too soon for our good. For about the first of October, our fears having made us forget how the time passed to a certainty, we about the break of day discerned land, but what we knew not. The land seemed high and rocky, and the sea continued still very stormy and tempestuous, inasmuch as there seems no hope of safety, but looked suddenly to perish.

As we drew near land, perceiving no safety in the ship, which we looked would suddenly be beat in pieces, the Captain, my master, and some others got into the long boat thinking by that means to save their lives, and presently after, all the seamen cast themselves overboard, thinking to save their lives by swimming. Only myself, my master's daughter, the two maids, and the negro were left on board, for we could not swim; but those that left might as well have tarried with us, for we saw them, or most of them perish, ourselves now ready after to follow their fortune. But God was pleased to spare our lives, as it were by miracle, though to further sorrow. For when we came against the rocks, our ship having endured two or three blows against the rocks, being now broken and quite foundered in the waters, we having with much ado gotten ourselves on the bowsprit, which being broken off, was driven by the waves into a small creek wherein fell a little river, which being encompassed by the rocks was sheltered from the wind, so that we had opportunity to land ourselves, (though almost drowned) in all four persons, beside the negro. When we were got upon the rock, we could perceive the miserable wreck to our great terror. I had in my pocket a little tinderbox, and steel, and flint to strike fire at any time upon occasion which served now to good purpose, for its being so close, preserved the tinder dry. With this, and with the help of some old rotten wood which we got together, we kindled a fire, and dried ourselves; which done, I left my female company, and went to see if I could find any of our ship's company that were escaped. But [I] could hear of none, though I hooted, and made all the noise I could; neither could I perceive the footsteps of any living creature, save a few birds and other fowls.

At length it drawing towards evening, I went back to my company, who were very much troubled for want of me. I being now all their stay in this lost condition, we were at first afraid that the wild people of the country might find us out, although we saw no footsteps of any, no not so much as a path, the woods round about being full of briars and brambles. We also stood in fear of wild beasts. Of such also we saw none, nor sign of any. But above all, and that we had greatest reason to fear, was to be starved to death for want of food. But God had otherwise provided for us, as you shall know hereafter. This done, we spent our time in getting some broken pieces of boards, and planks, and some of the sails and rigging on shore for shelter. I set up two or three poles, and drew two or three of the cords and lines from tree to tree, over which throwing some sailcloths and having gotten wood by us, and three or four sea-gowns which we had dried, we took up our lodging for that night together. The blackamore being less sensible than the rest, we made our sentry. We slept soundly that night, as having not slept in three or four nights before, (our fears of what happened preventing us), neither could our hard lodging, fear, and danger, hinder us, we were so overwatched.

On the morrow, being well refreshed with sleep, the wind ceased, and the weather was very warm. We went down the rocks on the sands at low water, where we found great part of our lading, either on shore or floating near it. I, by the help of my company, dragged most of it on shore; what was too heavy for us [we] broke, and unbound the casks and chests, and, taking out the goods, secured all; for that we wanted no clothes, nor any other provisions necessary for housekeeping, to furnish a better house than any we were like to have; but no victuals (the salt water having spoiled all). Only one cask of biscuit (being lighter than the rest) was dry: this served for bread a while. And we found on land a sort of fowl about the bigness of a swan, very heavy and fat, and by reason of their weight could not fly. Of these we found little difficulty to kill, so that was our present food. We carried out of England certain hens and cocks to eat by the way. Some of these when the ship was broken, by some means got to land, and bred exceedingly; so that in the future they were a great help unto us. We found also, by a little river, in the flags, store of eggs, of a sort of fowl much like our ducks, which were very good meat, so that we wanted nothing to keep us alive.

On the morrow, which was the third day, as soon as it was morning, seeing nothing to disturb us, I looked out a convenient place to dwell in, that we might build us a hut to shelter us from the weather, and from any other danger of annoyance from wild beasts, if any should find us out. So, close by a large spring which rose out of a high hill overlooking the sea, on the side of a wood, having a prospect towards the sea, by the help of an axe and some other implements (for we had all necessaries, the working of the sea having cast up most of our goods) I cut down all the straightest poles I could find, and which were enough for my purpose. By the help of the company (necessity being our master) I digged holes in the earth, setting my poles at an equal distance, and nailing the broken boards of the casks, chests, and cabins, and such like to them, making my door to the seaward. And having covered the top, with sail-clothes strained and nailed, I in the space of week had made a large cabin big enough to hold all our goods and ourselves in it. I also placed our hammocks for lodging, purposing (if it pleased God to send any ship that way), we might be transported home. But it never came to pass, the place wherein we were (as I conceived), being much out of the way.

We having lived in this manner four full months, and not so much as seeing or hearing of any wild people or of any of our company, more than ourselves (they being found now by experience to be all drowned), and the place as we after found, being a large island, and disjoined and out of sight of any other land, was wholly uninhabited by any people, neither was there any hurtful beast to annoy us. But on the contrary, the country so very pleasant, being always clothed in green, and full of pleasant fruits, and variety of birds, ever warm and never colder than in England in September. So that this place, had it the culture that skilful people might bestow on it, would prove a paradise.

The woods afforded us a sort of nuts, as big as a large apple, whose kernel being pleasant and dry, we made use of instead of bread, the fowl before mentioned, and a sort of water-fowl like ducks, and their eggs, and a beast about the size of a goat, and almost such a like creature, which brought two young ones at a time, and that twice a year, of which the low lands and woods were very full, being a very harmless creature and tame, so that we could easily take and kill them. Fish also, especially shellfish, which we could best come by, we had great store of; so that in effect, as to food we wanted nothing. And thus, and by such like helps, we continued six months, without any disturbance or want.

Idleness and a fullness of everything begot in me a desire for enjoying the women. Beginning now to grow more familiar, I had persuaded the two maids to let me lie with them, which I did at first in private; but after, custom taking away shame (there being none but us), we did it more openly, as our lusts gave us liberty. Afterwards my master's daughter was content also to do as we did. The truth is, they were all handsome women, when they had clothes, and well-shaped, feeding well. For we wanted no food, and living idly, and seeing us at liberty to do our wills, without hope of ever returning home made us thus bold. One of the first of my consorts, with whom I first accompanied, the tallest and handsomest, proved presently with child. The second was my master's daughter. And the other also not long after fell into the same condition, none now remaining but my negro, who seeing what we did, longed also for her share. One night, I being asleep, my negro with the consent of the others got close to me, thinking it being dark to beguile me, but I awaking and feeling her, and perceiving who it was, yet willing to try the difference, satisfied myself with her, as well as with one of the rest. That night, although the first time, she proved also with child, so that in the year of our being there, all my women were with child by me; and they all coming at different seasons, were a great help to one another.

The first brought me a brave boy. My master's daughter was the youngest: she brought me a girl. So did the other maid, who, being somewhat fat, sped worse at her labour. The negro had no pain at all, brought me a fine white girl. So I had one boy and three girls. The women were soon well again, and the two first with child again before the two last were brought to bed, my custom being not to lie with any of them after they were with child till others were so likewise; and not with the black at all after she was with child, which commonly was the first time I lay with her (which was in the night and not else; my stomach would not serve me, although she was one of the handsomest blacks I had seen, and her children as comely as any of the rest). We had no clothes for them, and therefore when they had sucked, we laid them in moss to sleep, and took no further care of them; for we knew, when they were gone more would come; the women never failing once a year at least. And none of the children, for all the hardship we put them to, were ever sick; so that wanting now nothing but clothes, nor them much neither, other than for decency, the warmth of the country and custom supplying that defect, we were now well satisfied with our condition. Our family beginning to grow large, there being nothing to hurt us, we many times lay abroad on mossy banks, under the shelter of some trees, or such like, for having nothing else to do, I had made me several arbors to sleep in with my women in the heat of the day. In these I and my women passed the time away, they never being willing to be out of my company.

And having now no thought of ever returning home as having resolved and sworn never to part or leave one another, or the place; having by my several wives forty-seven children, boys and girls, but most girls, and growing up apace; we were all of us very fleshy, the country so well agreeing with us, that we never ailed anything. My negro having had twelve, was the first that left bearing, so I never meddled with her more. My master's daughter, by whom I had most children being the youngest and the handsomest, was most fond of me, and I of her. Thus we lived for sixteen years, till perceiving my eldest boy to mind the ordinary work of nature, by seeing what we did, I gave him a mate; and so I did to all the rest, as fast as they grew up, and were capable. My wives having left bearing, my children began to breed apace, so we were like to be a multitude. My first wife brought me thirteen children, my second seven, my master's daughter fifteen, and the negro twelve, in all forty-seven.

After we had lived there twenty-two years, my negro died suddenly, but I could not perceive anything that ailed her. Most of my children being grown, as fast as we married them I sent and placed them over the river by themselves severally, because we would not pester one another. And now, they being all grown up and gone, and married after our manner, except some two or three of the youngest, for, growing myself into years, I liked not the wanton annoyance of young company.

Thus having lived to the sixtieth year of my age and the fortieth of my coming thither, at which time I sent for all of them to bring their children, and they were in number descended from me by these four women, of my children, grand-children, and great-grandchildren, five hundred and sixty of both sorts. I took off the males of one family, and married them to the females of another, not letting any to marry their sisters, as we did formerly out of necessity. So blessing God for his providence and goodness, I dismissed them. I having taught some of my children to read formerly, for I had left still the Bible, I charged it should be read once a month at a general meeting. At last, one of my wives died, being sixty-eight years of age, which I buried in a place set out on purpose; and within a year after another; so, I had none now left but my master's daughter, and we lived together twelve years longer. At length she died also, so I buried her also next the place where I purposed to be buried myself, and the tall maid, my first wife, next me on the other side, the negro next without her, and the other maid next my master's daughter. I had now nothing to mind, but the place whither I was to go, being very old, almost eighty years, I gave my cabin and furniture that was left, to my eldest son (after my decease), who had married my eldest daughter by my beloved wife; whom I made King and Governor of all the rest. I informed them of the manners of Europe, and charged them to remember the Christian religion, after the manner of them that spake the same language, and to admit no other, I hereafter any should come and find them out.

And now, once for all, I summoned them to come to me, that I might number them. Which I did, and found the estimate to contain, in or about the eightieth year of my age, and fifty-ninth of my coming there, in all, of all sorts, one thousand seven hundred eighty and nine. Thus, praying God to multiply them, and send them the true light of the gospel, I last of all dismissed them. For being now very old, and my sight decayed, I could not expect to live long. I gave this narration, written with my own hand, to my eldest son, who now lived with me, commanding him to keep it, and if any strangers should come thither by chance, to let them see it, and take copy of it if they would, that our name be not lost from off the earth. I gave this people, descended from me the name of the 'English Pines' (George Pine being my name, and my master's daughter's name Sarah English). My two other wives were Mary Sparkes, and Elizabeth Trevor. So their several descendants are called the 'English', the 'Sparks', the 'Trevors', and the 'Phills', from the Christian name of the negro, which was Philippa, she having no surname. And the general name of the whole the 'English Pines': whom God bless with the dew of heaven, and the fat of the earth.

Amen.

~

After the reading and delivering unto us a copy of this Relation, then proceeded he on in his discourse.

'My grandfather when he wrote this was, as you hear, eighty years of age, there proceeding from his loins one thousand seven hundred eighty nine children which he had by them four women aforesaid. My father was his eldest son, and was named "Henry", begotten of his wife Mary Sparks, whom he appointed chief Governor and Ruler over the rest. And having given him a charge not to exercise tyranny over them, seeing they were his fellow brethren by [his] father's side (of which there could be no doubt made of double dealing therein), exhorting him to use justice and sincerity amongst them, and not to let religion die with him, but to observe and keep those precepts which he had taught them, he quietly surrendered up his soul, and was buried with great lamentation of all his children.

'My father coming to rule and the people growing more populous, made them to range further in the discovery of the country, which they found answerable to their desires, full both of fowl and beasts, and those not too hurtful to mankind, as if this country (on which we were by providence cast without arms or other weapons to defend ourselves or offend others), should by the same providence be so inhabited as not to have any need of such like weapons of destruction wherewith to preserve our lives.

'But as it is impossible, but that in multitudes disorders will grow, the stronger seeking to oppress the weaker, no tie of religion being strong enough to chain up the depraved nature of mankind, even so amongst them mischief began to rise, and they soon fell from those good orders prescribed them by my grandfather. The source from whence those mischiefs spring, was at first, I conceive, the neglect of hearing the Bible read, which according to my grandfather's prescription, was once a month at a general meeting, but now many of them wandering far up into the country, they quite neglected the coming to it, with all other means of Christian instruction, whereby the sense of sin being quite lost in them, they fell to whoredoms, incests, and adultery; so that what my grandfather was forced to do for necessity, they did for wantonness. Nay, not confining themselves within the bounds of any modesty, but brother and sister lay openly together; those who would not yield to their lewd embraces, were by force ravished, yea, many times endangered of their lives. To redress those enormities, my father assembled all the country near unto him, to whom he declared the wickedness of those their brethren; who with all one consent agreed that they should be severely punished. And so arming themselves with boughs, stones, and such like weapons, they marched against them, who having notice of their coming, and fearing their deserved punishment, some of them fled into woods, others passed over a great river which runned through the heart of our country, hazarding drowning to escape punishment. But the greatest offender of them all was taken, whose name was John Phill, the second son of the Negro-woman that came with my grandfather into this island. He being proved guilty of divers ravishings and tyrannies committed by him, was adjudged guilty of death, and accordingly was thrown down from a high rock into the sea, where he perished in the waters. Execution being done upon him, the rest were pardoned for what was passed, which being notified abroad, they returned from those desert and obscure places wherein they were hidden.

'Now as seed being cast into stinking dung produced good and wholesome corn for the sustentation of man's life, so bad manners produced good and wholesome laws for the preservation of humane society. Soon after my father with the advice of some few others of his counsel, ordained and set forth these laws to be observed by them.

1. That whosoever should blaspheme or talk irrelevantly of the name of God should be put to death.
2. That who should be absent from the monthly assembly to hear the Bible read, without sufficient cause shown to the contrary, should for the first default be kept without any victuals or drink for the space of four days, and if he offend therein again, then to suffer death.
3. That who should force or ravish any maid or woman should be burnt to death, the party so ravished putting fire to the wood that should burn him.
4. Whosoever shall commit adultery, for the first crime the male shall lose his privities, and the woman have her right eye bored out; if after that she was taken again in the act, she should die without mercy.
5. That who so injured his neighbour by laming of his limbs or taking anything away which he possessed, shall suffer in the same kind himself by loss of limb; and for defrauding his neighbour, to become servant to him, whilst he had made him double satisfaction.

6. That who should defame or speak evil of the Governor or refuse to come before him on a summons, should receive a punishment by whipping with rods, and afterward be expelled from the society of the rest of the inhabitants.

‘Having set forth these laws, he chose four several persons under him to see them put in execution, whereof one was of the Englishes, the offspring of Sarah English; another of his own tribe, the Sparks; a third of the Trevors, and a fourth of the Phills; appointing them every year at a certain time to appear before him, and give an account of what they had done in the prosecution of those laws.

‘The country being thus settled, my father lived quiet and peaceable till he attained to the age of ninety and four years, when dying, I succeeded in his place, in which I have continued peaceably and quietly till this very present time.’

He having ended his speech, we gave him very heartily thanks for our information, assuring him we should not be wanting to him in anything which lay in our powers, wherewith we could pleasure him in what he should desire, and thereupon proffered to depart, but before our going away, he would needs engage us to see him the next day, which was to be their great assembly or monthly meeting for the celebration of their religious exercises.

Accordingly the next day we came thither again, and were courteously entertained as before. In a short space there was gathered such a multitude of people together as made us to admire; and first there were several weddings celebrated, the manner whereof was thus. The bridegroom and bride appeared before him who was their priest or reader of the Bible, together with the parents of each party, or if any of their parents were dead, then the next relation unto them, without whose content as well as the parties to be married, the priest will not join them together. But being satisfied in those particulars, after some short orisons, and joining of hands together, he pronounces them to be man and wife. And with exhortations to them to live lovingly towards each other, and quietly towards their neighbours, he concludes with some prayers and so dismisses them.

The weddings being finished, all the people took their places to hear the Word read, the new married persons having the honour to be next unto the priest that day. After he had read three or four chapters he fell to expounding the most difficult places therein, the people being very attentive all that while. This exercise continued for two or three hours, which being done, with some few prayers he concluded, but all the rest of that day was by the people kept very strictly, abstaining from all manner of playing or pastimes, with which on other days they use to pass their time away, as having need of nothing but victuals, and that they have in such plenty as almost provided to their hands.

Their exercises of religion being over, we returned again to our ship, and the next day, taking with us two or three fowling pieces, leaving half of our company to guard the ship, the rest of us resolved to go higher into the country for a further discovery. All the way as we passed the first morning, we saw abundance of little cabins or huts of these inhabitants, made under trees, and fashioned up with boughs, grass, and such like stuff to defend them from the sun and the rain. And as we went along, they came out of them much wondering at our attire, and standing aloof off from us as if they were afraid. But our companion that spake English calling to them in their own tongue, and giving them good words, they drew nigher, some of them freely proffering to go along with us, which we willingly accepted. But having passed some few miles, one of our party espying a beast like unto a goat come gazing on him, he discharged his piece, sending a brace of bullets into his belly, which brought him dead upon the ground. These poor naked unarmed people, hearing the noise of the piece and seeing the beast lie tumbling in his gore, without speaking any words betook them to their heels, running back again as fast as they could drive. Nor could the persuasions of our company, assuring them they should have no hurt, prevail anything at all with them, so that we were forced to pass along without their company. All the way that we went we heard the delightful harmony of singing birds, the ground very fertile in trees, grass and such flowers as grow by the production of nature without the help of art. Many and several sorts of beasts we saw, who were not so much wild as in other countries: whether it were as having enough to satiate themselves without ravening upon others, or that they never before saw the sight of man, nor heard the report of murdering guns, I leave it to others to determine. Some trees bearing wild fruits we also saw, and of those some whereof we tasted, which were neither unwholesome nor distasteful to the palate. And no question, had but nature [had] the benefit of art added unto it, it would equal, if not exceed, many of our European countries: the valleys were everywhere intermixed with running streams, and no question but the earth hath in it rich veins of minerals, enough to satisfy the desires of the most covetous.

It was very strange to us to see that in such fertile country, which was as yet never inhabited, there should be notwithstanding such a free and clear passage to us, without the hindrance of bushes, thorns and such like stuff, wherewith most islands of the like nature are pestered, the length of the grass (which yet was very much intermixed with flowers) being the only impediment that we found.

Six days together did we thus travel, setting several marks in our ways as we went for our better return, not knowing whether we should have the benefit of the stars for our guidance in our going back, which we made use of in our passage. At last we came to the vast ocean on the other side to the island, and by our coasting it, conceive it to be of an oval form, only here and there shooting forth with some promontories. I conceive it hath but few good harbours belonging to it, the rocks in most places making it inaccessible. The length of it may be about two hundred, and the breadth one hundred, miles; the whole in circumference above five hundred miles.

It lieth about seventy-six degrees of longitude and twenty of latitude, being situate under the third climate,* the longest day being about thirteen hours and forty-five minutes. The weather, as in all Southern countries, is far more hot than with us in Europe, but what is by the sun parched in the day, the night refreshes again with cool pearly dews. The air is found to be very healthful by the long lives of the present inhabitants, few dying there till such time as they come to good years of maturity, many of them arriving to the extremity of old age.

And now speaking concerning the length of their lives, I think it will not be amiss in this place to speak something of their burials, which they used to do this. When the party was dead, they stuck his carcass all over with flowers, and after carried him to the place appointed for burial, where, setting him down (the priest having given some godly exhortations concerning the frailty of life), then do they take stones (a heap being provided there for that purpose) and the nearest of the kin begins to lay the first stone upon him. Afterwards the rest follows, they never leaving till they have covered the body deep in stones, so that no beast can possibly come to him. And this shift were they forced to make, having no spades or shovels wherewith to dig them graves; which want of theirs we espying, bestowed a pick-axe and two shovels upon them.

Here might I add their way of christening children, but that being little different from yours in England, and taught to them by George Pines at first, which they have since continued, I shall therefore forebear to speak thereof.

After our return back from the discovery of the country, the wind not being fit for our purpose, and our men also willing thereto, we got all our cutting instruments on land, and fell to hewing down of trees with which, in a little time (many hands making light work) we built up a palace for this William Pines the Lord of that country, which though much inferior to the houses of your gentry in England, yet to them (which never had seen better), it appeared a very lordly place. This deed of ours was beyond expression acceptable unto him, loading us with thanks for so great a benefit, of which he said he should never be able to make a requital.

And now acquainting him that upon the first opportunity we were resolved to leave the island, as also how that we were near neighbours to the country of England from whence his ancestors came, he seemed upon the news to be much discontented that we would leave him, desiring, if it might stand with our commodity, to continue still with him. But seeing he could not prevail, he invited us to dine with him the next day, which we promised to do, against which time he provided, very sumptuously (according to his estate) for us. And now was he attended after a more royal manner than ever we saw him before, both for a number of servants and multiplicity of meat, on which we fed very heartily. But he having no other beverage for us to drink than water, we fetched from our ship a case of brandy, presenting some of it to him to drink, but when he had tasted of it he would by no means be persuaded to touch thereof again, preferring (as he said) his own country water before all such liquors whatsoever. After we had dined, we were invited out into the fields to behold their country dancing, which they did with great agility of body, and though they had no other then only vocal music (several of them singing all that while) yet did they trip it very neatly, giving sufficient satisfaction to all that beheld them.

The next day we invited the Prince William Pines aboard our ship, where there was nothing wanting in what we could to entertain him. He had about a dozen of servants to attend on him; he much admired at the tacklings of our ship; but when we came to discharge a piece or two of ordnance, it struck him into a wonder and amazement to behold the strange effects of powder. He was very sparing in his diet, neither could he or any of his followers be induced to drink anything but water. We there presented him with several things (as much as we could spare,) which we thought would any ways conduce to their benefit, all which he very gratefully received, assuring us of his real love and goodwill whensoever we should come thither again.

And now we intended the next day to take our leaves, the wind standing fair, blowing with a gentle gale south and by east. But as we were hoisting of our sails and weighing anchor, we were suddenly alarmed with a noise from the shore; the prince, W. Pines, imploring our assistance in an insurrection which had happened amongst them, of which this was the cause. Henry Phill, the chief ruler of the tribe or family of the Phills, being the offspring of George Pines which he had by the negro-woman; this man had ravished the wife of one of the principal of the family of the Trevors, which act being made known, the Trevors assembled themselves altogether to bring the offender unto justice. But he, knowing his crime to be so great as extended to the loss of life, fought to defend that by force which he had as unlawfully committed, whereupon the whole island was in a great hurly-burly, they being two great potent factions, the bandying of which against each other threatened a general ruin to the whole state.

The governor William Pine had interposed in the matter, but found his authority too weak to repress such disorders; for where the hedge of government is once broken down, the most vile bear the greatest rule. Whereupon he desired our assistance, to which we readily condescended, and arming out twelve of us, went on shore, rather as to a surprise than fight, for what could nakedness do to encounter with arms? Being conducted by him to the force of our enemy, we first entered into parley, seeking to gain them rather by fair means than force. But that not prevailing, we were necessitated to use violence, for this Henry Phill being of an undaunted resolution, and having armed his fellows with clubs and stones, they sent such a peal amongst us, as made us at the first to give back, which encouraged them to follow us on with great violence. But we discharging off three or four guns, when they saw some of themselves wounded, and heard the terrible reports which they gave, they ran away with greater speed than they came. The band of the Trevors (who were joined with us), hotly pursued them, and having taken their captain returned with great triumph to their Governor, who sitting in judgement upon him, he was adjudged to death and thrown off a steep rock into the sea, the only way they have of punishing any by death, except burning.

And now at least we took our solemn leaves of the Governor and departed from thence, having been there in all, the space of three weeks and two days. We took with us good store of the flesh of a beast which they call there '*reval*', being in taste different either from beef or swine's flesh, yet very delightful to the palate, and exceeding nutrimental. We took also with us alive divers fowl which they call '*mardé*', about the bigness of a pullet, and yet not different in taste. They are very swift of flight, and yet so fearless of danger that they will stand still till such time as you catch them. We had also sent us in by the governor about two bushels of eggs, which as I conjecture were the '*mardés*' eggs, very luscious in taste, and strengthening to the body.

June 8. We had a sight of Cambaia, a part of the East Indies, but under the government of the great Cham of Tartary; here our vessel springing a leak we were forced to put to shore, receiving much damage in some of our commodities. We were forced to ply the pump for eighteen hours together, which, had that miscarried, we had inevitably had perished. Here we stayed five days mending our ship and drying some of our goods, and then hoisting sail, in four days' time more we came to Calicut.

This Calicut is the chief mart town and staple of all the Indian traffic. It is very populous and frequented by merchants of all nations. Here we unloaded a great part of our goods, and taking in others, which caused us to stay there a full month, during which space at leisure times I went abroad to take a survey of the city, which I found to be large and populous, lying for three miles together upon the sea-shore. Here is a great many of those persons whom they call Brachmans, being their priests or teachers whom they much reverence. It is a custom here for the King to give to some of those Brachmain, the handling of his Nuptial Bed, for which cause, not the Kings, but the King's sisters' sons succeed in the Kingdom, as being more certainly known to be of the true Royal blood. And these sisters of his choose what Gentleman they please on whom to bestow their Virginities: and if they prove not in a certain time to be with child, they betake themselves to these Brachman Stallions, who never fail of doing their work.

The people are indifferently civil and ingenious. Both men and women imitate a majesty in their train and apparel (which they sweeten with oils and perfumes), adorning themselves with jewels and other ornaments befitting each rank and quality of them.

They have many odd customs amongst them which they observe very strictly; as first, not knowing their wives after they have born them two children; secondly, not accompanying them, if after five years' cohabitation they can raise no issue by them, but taking others in their rooms; thirdly, never being rewarded for any military exploit, unless they bring with them an enemy's head in their hand, but that which is strangest, and indeed most barbarous, is that when any of their friends falls sick, they will rather choose to kill him than that he should be withered by sickness. Thus you see there is little employment there for doctors, when to be sick, is the next way for to be slain, or perhaps the people may be of the mind rather to kill themselves, then to let the doctors do it.

Having dispatched our business, and freighted again our ship, we left Calicut and put forth to sea, and coasted along several of the islands belonging to India. At Camboia I met with our old friend Mr David Prire, who was overjoyed to see me, to whom I related our discovery of the Island of Pines, in the same manner as I have related it to you. He was then but newly recovered of a fever, the air of that place not being agreeable to him. Here we took in good store of aloes, and some other commodities, and victualled our ship for our return home.

After four days sailing we met with two Portugal ships which came from Lisbon, one whereof had in a storm lost its top-mast, and was forced in part to be towed by the other. We had no bad weather in eleven day's space, but then a sudden storm of wind did us much harm in our tacklings, and swept away one of our sailors off from the fore-castle. November the sixth had like to have been a fatal day unto us, our ship striking twice upon a rock, and at night was in danger of being fired by the negligence of a boy leaving a candle carelessly in the gunroom. The next day we were chased by a pirate of Argiere, but by the swiftness of our sails we outran him. December the first we came again to Madagascar, where we put in for a fresh recruit of victuals and water.

During our abode here, there happened a very great earthquake, which tumbled down many houses. The people of themselves are very unhospitable and treacherous, hardly to be drawn to traffic with any people; and now, this calamity happening upon them, so enraged them against the Christians (imputing all such calamities to the cause of them), that they fell upon some Portugals and wounded them, and we, seeing their mischievous actions, with all the speed we could put forth to sea again and sailed to the Island of St Helens.

Here we stayed all the Christmas Holy-days, which was very much celebrated by the Governour there under the King of Spain. Here we furnished ourselves with all necessaries which we wanted; but upon our departure, our old acquaintance Mr Petrus Ramazina, coming in a skiff out of the Isle del Principe, or the Prince's Island, retarded our going for the space of two days, for both myself and our purser had emergent business with him, he being concerned in those affairs of which I wrote to you in April last. Indeed, we cannot but acknowledge his courtesies unto us, of which you know he is never sparing.

January the first, we again hoisted sail, having a fair and prosperous gale of wind, we touched at the Canaries, but made no tarriance, desirous now to see our native country. But the Winds was very cross unto us for the space of a week. At last we were favoured with a gentle gale, which brought us on merrily, though we were on a sudden stricken again into a dump: a sailor from the main mast discovering five ships, which put us all in a great fear, we being richly laden, and not very well provided for defence. But they bearing up to us, we found them to be Zealanders and our friends. After many other passages concerning us, not so much worthy of note, we at last safely arrived at home, May 26, 1668.

Thus Sir, have I given you a brief, but true relation of our voyage. Which I was the more willing to do, to prevent false copies which might be spread of this nature. As for the Island of Pines itself, which caused me to write this relation, I suppose it is a thing so strange as will hardly be credited by some. Although perhaps knowing persons, especially considering our last age being so full of discoveries, that this place should lie dormant for so long a space of time, others I know, such Nullfidians as will believe nothing but what they see, applying that proverb unto us, 'That Travellers may lie by authority'. But Sir, in writing to you, I question not but to give credence, you knowing my disposition so hateful to divulge falsities. I shall request you to impart this my relation to Mr W.W. and Mr P.L., remembering me very kindly unto them, not forgetting my old acquaintance, Mr J.P. and Mr J.B. No more at present, but only my best respects to you and your second self, I rest,

Yours in the best of friendship,

Henry Cornelius Van Sloetten.
July 22, 1668.

Postscript.

One thing concerning the Isle of Pines, I had almost quite forgot. We had with us an Irish man named Dermot Conelly who had formerly been in England, and had learned there to play on the bagpipes, which he carried to Sea with him. Yet so un-Englished he was, that he had quite forgotten your language, but still retained his art of bagpipe-playing, in which he took extraordinary delight. Being one day on land in the Isle of Pines, he played on them, but to see the admiration of those naked people concerning them, would have stricken you into admiration. Long time it was before we could persuade them that it was not a living creature, although they were permitted to touch and feel it. And yet are the people very intelligible, retaining a great part of the ingenuity and gallantry of the English nation, though they have not that happy means to express themselves. In this respect we may account them fortunate, in that possessing little, they enjoy all things, as being contented with what they have, wanting those allurements to mischief which our European Countries are enriched with. I shall not dilate any further. No question but time will make this Island known better to the world; all that I shall ever say of it is that it is a place enriched with nature's abundance, deficient in nothing conducible to the sustentation of man's life, which were it manured by agriculture and gardening, as other of our European countries are, no question but it would equal, if not exceed many which now pass for praiseworthy.

FINIS

